

Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Letras e Lingüística  
Programa de Pós-Graduação em Lingüística  
Curso de Mestrado em Lingüística

Sueli Gomes de Lima

PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO E CONSTRUÇÕES  
IDENTITÁRIAS EM CORA CORALINA

UBERLÂNDIA  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sueli Gomes de Lima

Práticas de subjetivação e construções identitárias em  
Cora Coralina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso.

Tema para orientação: Discurso, História e Memória na produção literária contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

Uberlândia  
2008

#### FICHA CATALOGRÁFICA

L732p Lima, Sueli Gomes de, 1964-  
Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina / Sueli Gomes de Lima. - Uberlândia, 2008.  
127 f.  
Orientador: Cleudemar Alves Fernandes..  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.  
Inclui bibliografia.  
1. Análise do discurso - Teses. 2. Coralina, Cora, 1889-1985-  
Crítica e interpretação - Teses. I. Fernandes, Cleudemar Alves.  
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801

Sueli Gomes de Lima

Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Uberlândia, 18 de março de 2008

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes – Orientador (UFU)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Kátia Menezes de Sousa (UFG)

---

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU)

## **Dedicatória**

Aos meus pais,

Waldemar Ananias de Lima (em memória)  
Veny Gomes de Lima

Aos meus irmãos,

Enimar Luciano de Lima  
Reinaldo Gomes de Lima  
Ronaldo Gomes de Lima

Aos meus sobrinhos,

Samara Evangelista de Lima  
Matheus Evangelista de Lima

A dois seres muito especiais,

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes  
Dr. Christiano Mendes de Lima

## **Agradecimentos**

A DEUS, pelos momentos de paz e felicidade com a realização deste trabalho.

Aos professores Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Hernandes Agustini, Dr. Cleudemar Alves Fernandes, Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, Dr<sup>a</sup>.Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira, Dr. João Bôsko Cabral dos Santos, pela competência e pelo entusiasmo com que ministram suas disciplinas.

Aos professores Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo e Dr. João Bôsko Cabral dos Santos, pela leitura do trabalho e pelas significativas sugestões no exame de qualificação.

À Coordenação do curso de Mestrado em Lingüística - Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo – pela serenidade e solicitude com que acolhe a todos.

À Diretoria do Instituto de Letras e Lingüística na pessoa do Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, pelo espírito empreendedor.

Às secretárias Eneida Aparecida Lima de Assis, Maíza Maria Pereira, Maria Solene do Prado e demais funcionários do MEL e do ILEEL, pela presteza e pela simpatia.

A todos os amigos do curso de Mestrado em Lingüística, pela convivência, pela partilha e pelas reflexões teóricas.

À direção da Escola Estadual Madre Maria Blandina - Sra. Valéria Landa Alfaiate Carrijo - e demais colegas, pelo apoio.

À direção do Centro Educacional Municipal José Inácio - Sra. Taísa de Fátima Camargo e Teixeira - e demais colegas, pelo companheirismo.

À Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, pela concessão da Licença Especial para Mestrado.

À Secretaria Municipal de Educação de Araguari, pela redução da minha jornada de trabalho.

Aos meus alunos, pela convivência que nos enriquece mutuamente.

A todos os meus amigos e amigas – são muitos e, por isso, não cabe enumerá-los aqui -, pelo apoio e pela amizade.

Aos amigos Jony e Cláudia, e aos primos Adriano e Cynara, pela acolhida quando eu necessitava ficar vários dias em Uberlândia.

Ao amigo Astrogildo Júnior, pelas interlocuções, momentos em que compartilhávamos as angústias e as alegrias vivenciadas durante o Mestrado.

Aos meus familiares, pelo respeito e admiração dedicados a mim.

E por fim, com profunda ternura, agradeço:

Ao meu orientador Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, pela confiança depositada em mim e no meu projeto.

Ao Dr. Christiano Mendes de Lima, quem me ensinou a “inventar a vida com o Outro e não a partir do outro”.

Aos meus pais – Waldemar (em memória) e Veny, aos meus irmãos – Enimar Luciano, Ronaldo e Reinaldo, à minha cunhada - Kelly Cristina, aos meus sobrinhos – Samara e Matheus, pelo amor e pela harmonia sempre.

## RESUMO

Tendo como base teórica os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa - preconizada por Michel Pêcheux – nosso estudo apresenta algumas reflexões sobre as práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina. Utilizamos um *corpus* literário que se compõe de poemas publicados em três obras, a saber: *Meu livro de cordel*, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* e *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. Partindo do pressuposto de que o sujeito (ou sujeitos?) desse *corpus* literário é construído por elementos históricos, ideológicos e sociais, nosso estudo – pelo viés discursivo – pretende explicitar a constituição do sujeito a partir de elementos da realidade histórico-social. Vamos, portanto, olhar para o sujeito discursivo que se manifesta no discurso, haja vista que, no campo da Análise do Discurso, há o apagamento da categoria empírica do autor: o autor “desaparece” e sobressai o sujeito discursivo, o qual se constitui como enunciador de diferentes posições-sujeito, de outros sujeitos do discurso. Desse modo, a noção de sujeito será o conceito norteador para toda a pesquisa. Utilizamos a *forma-sujeito* de Michel Pêcheux e a *posição-sujeito* de Michel Foucault. Apresentamos algumas reflexões sobre os conceitos de subjetividade, singularidade e identidade para melhor compreender o sujeito discursivo, cuja natureza remete para a exterioridade que lhe é constitutiva e, com isso, pretendemos colocar a pertinência da articulação desses conceitos para as práticas identitárias, as quais são constituídas pelos discursos. Valemos da noção de subjetividade conforme os postulados teóricos de Michel Foucault e a noção de identidade a partir de estudiosos como Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward e Stuart Hall. Sob as condições de produção dos discursos, buscamos analisar em que medida as relações sociais vão permitir a configuração da identidade discursiva marcada por pluralidade, haja vista que as condições de produção dos discursos são históricas, políticas e, sobretudo, mostram-se contraditórias. Apresentamos, também, como fundamentação teórica as heterogeneidades enunciativas – conforme postula Jacqueline Authier-Revuz – as quais são utilizadas para mostrar a dispersão dos sujeitos discursivos e, também, a noção de formação discursiva na perspectiva de dois teóricos: Michel Pêcheux e Michel Foucault. Considerando o descentramento do sujeito, pretendemos analisar o movimento de subjetividade e identificar as posições-sujeito assumidas, conforme as formações discursivas e ideológicas presentes no imaginário sócio-histórico das seqüências discursivas, bem como, mostrar os processos de subjetivação e construções identitárias dos sujeitos discursivos em Cora Coralina.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Subjetividade; 2. Sujeito; 3. Cora Coralina; 4. Identidade; 5. Discurso.

## ABSTRACT

Theoretically based on the principles of French Discourse Analysis – formulated by Michel Pêcheux –, our study presents some reflections about the subjectivity practices and the identity constructions in Cora Coralina’s work. For that purpose, we chose a literary *corpus* which is composed by poems from three of Coralina’s books: *Meu livro de cordel*, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* and *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. Assuming the principle that the subject (or subjects?) in the mentioned literary *corpus* is built by historical, ideological and social elements, our study – in a discursive orientation – intends to explicit the constitution of the subject by analyzing the elements of the sociohistorical reality. Therefore, our focus is the discursive subject that is manifested in the discourse, considering that, in the Discourse Analysis domain, the empirical author category is erased: the author “disappears” and the discursive subject emerges, built as an enunciator of different subject-positions, of other discursive subjects. The notion of subject becomes then the guiding concept for this research, which is based both on Michel Pêcheux’s *subject-form* concept and on Michel Foucault’s *subject-position* theory. We intend to present some reflections about subjectivity, singularity and identity in order to better understand the discursive subject, which nature refers to its own constitutive exteriority. We also intend to underline the pertinence of the articulation of these concepts to the identity practices, which are built by the discourses themselves. For that, we used both the notion of subjectivity, according to Michel Foucault’s theoretical postulates, and the notion of identity by scholars such as Tomaz Tadeu Silva, Kathryn Woodward and Stuart Hall. By considering that the conditions of production of the discourses are historical, political and mainly contradictory, we mean to analyze how social relations permit the configuration of the discursive identity characterized by plurality. We also present the enunciative heterogeneities as a theoretical fundament – according to what is postulated by Jacqueline Authier-Revuz –, which are explored in order to show the dispersion of the discursive subjects and the notion of discursive formation in the perspective of two theorists: Michel Pêcheux and Michel Foucault. Finally, considering the decentralization of the subject, we intend to analyze the subjectivity movement and also to identify the assumed subject-positions, according to the discursive and ideological formations in the sociohistorical imaginary of the discursive sequences. It is our purpose, as well, to show the subjectivity processes and the identity constructions of the discursive subjects in Cora Coralina’s work.

**KEY-WORDS:** 1. Subjectivity; 2. Subject; 3. Cora Coralina; 4. Identity; 5. Discourse.

# SUMÁRIO

RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
1 – Língua, Discurso e Sujeito.....	18
1.1 – Sujeito e subjetividade na Análise do Discurso.....	21
1.1.1 – A subjetividade construída pelo exterior: uma teoria não-subjetivista da subjetividade.....	23
1.1.2 – Sujeito e singularidade.....	25
1.1.3 – A <i>forma-sujeito</i> de Michel Pêcheux.....	27
1.1.4 – A <i>posição-sujeito</i> em Michel Foucault.....	29
1.1.5 – Heterogeneidades discursivas e a dispersão dos sujeitos.....	32
1.2 – A noção de formação discursiva.....	39
1.2.1 – Formação discursiva em Foucault e Pêcheux.....	39
1.2.2 – Formação discursiva e a inscrição do sujeito – uma perspectiva pecheuxtiana.....	44
1.2.3 – Formação discursiva e a ordem do discurso – uma perspectiva foucaultiana.....	48
CAPÍTULO II	
2 – A constituição do sujeito partilhado.....	52
2.1 – Subjetividade.....	52

2.2 – Singularidade.....	55
2.3 – Identidade.....	58
2.4 – Construção das posições de identidade.....	61
CAPÍTULO III	
3 – Análise do <i>corpus</i> : pela poesia, pela obra, pela autora.....	70
3.1 – O <i>corpus</i> : poemas que têm “alma”.....	71
3.2 – Inscrições coralinianas no discurso poético.....	72
3.3 – Sexualidade em processo de subjetivação do sujeito.....	73
3.4 – Representações do feminino como processos de construção identitária.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
ESTUDOS SOBRE CORA CORALINA.....	111
ANEXOS.....	112



## Introdução

*Minha vida,  
meus sentidos,  
minha estética,  
todas as vibrações  
de minha sensibilidade de mulher,  
têm, aqui, suas raízes.*  
(CORALINA, 2003, p.36)

A escritora goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – ou Cora Coralina – nasceu na Cidade de Goiás, em 20 de agosto de 1889, em tempos difíceis para o Brasil. O país vivia um momento de turbulência econômica, política e social em função da abolição da escravatura em 1888 e da instalação da República em 1889:

há um momento econômico crítico e de convulsão social que dificulta a República recém-instalada. Miséria... Muita miséria... As grandes secas de 1888 e 1889 contribuem ainda mais para a quebra econômica. O país se tornou uma República e as antigas províncias se tornaram Estados. Mas o povo continua a falar das províncias. Ninguém tem ambição. Estão todos irmanados na mesma pobreza (TAHAN, 2002b, p. 12).

Cora Coralina nasceu no seio de uma família tradicional e todos do grupo familiar moravam juntos em um casarão ao lado da ponte sobre o Rio Vermelho. Ali, na casa velha da ponte, permaneceu com a família, e vivenciou os dissabores de uma educação rigorosa, além da solidão e da rejeição dos próprios familiares, pois, desde pequenina “tão indesejada pela maioria, gerada por um pai doente e idoso, às vésperas de se mudar para o Além” (TAHAN, 2002b, p. 11). Sob o comando dos familiares, com exigências, disciplina rígida e castigos variados, cresceu Aninha, marcada por recriminações de toda ordem:

a pequena, além de pernas moles, preguiçosa, apática, fraca fisicamente, não é das que se sobressaem entre as coleguinhas na escola da boa mestra Silvina [...] e muito menos entre as irmãs, mais espertas, mimadas, que brilham aos olhos da Senhora Jacintha. [...]  
\_ “Détraqué”, dizem a respeito dela.  
\_ “Inzoneira”, repetem toda hora (TAHAN, 2002b, p. 14-15).

Entre reprimendas constantes, os tachos de doces, a horta, o pomar, a casa cheia e as histórias contadas pelos adultos – reais e imaginárias -, Aninha cresce e, com ela medo, comportamento, obediência. Contudo, “os alimentos fartos, a vida sem pressa, sem compromisso, repondo as energias, dando cores às faces, trazendo saúde” (TAHAN, 2002b, p. 18).

Nesse ambiente doméstico-familiar, a sensibilidade e a imaginação são os ingredientes que Aninha cultivava para amenizar a maneira sisuda de sua gente. Em meio às descobertas infantis, às sessões de faz-de-conta das brincadeiras, ela vive um mundo de inteira liberdade.

Essa visão ilustrativa na infância vai conceber um mundo novo para a escritora Cora Coralina. Tendo cursado, apenas por dois anos, a escola primária (escola da mestra Silvina), ainda assim, Cora conquista um novo mundo através das letras. Desde essa época escolar, em que a autora conhece o mundo das letras, inicia-se a produção artística de Cora Coralina, com textos e poemas esteticamente cuidados, os quais representam o envolvimento pessoal, as idéias e habilidades que vão permear o trabalho da escritora ao longo de toda sua vida. Conforme Tahan (2002b, p. 19), temos:

para Aninha, após o primeiro ano na escola, onde sofreu muito, abestada com o palavreado adequado, direto e solene da mestra, começa a se integrar, a compreender. [...] A partir desse momento, Aninha se transforma numa leitora apaixonada. Seu mundo não está mais na casa, na mãe, nas irmãs, na avó. Extrapola os paredões, as serras de sua cidade.

Sua cabeça fervilha.

\_ Vive no ar, como dizem os mais velhos.

Ninguém compreende sua mudança, sua descoberta. Continuam alheios aos seus anseios, não entendendo sua paixão pelos livros e revistas, se bem que achando muito bom, pois enquanto lê ou faz suas lições não está incomodando com perguntas que, na maioria das vezes, ficam sem resposta.

A velha casa ficava pequena para as novas idéias que iam surgindo e eram escritas, às escondidas, nos velhos cadernos. A respeito disso, sua neta Ana Maria Tahan declara:

escrevia com afã, no impulso, sobre qualquer papel que lhe caísse às mãos. Escrevia em bordas de jornais, em meio a cartões postais, em envelopes de cartas, em rústicos papéis de embrulhar pão. Se a inspiração transbordasse, desprezava os limites, ia desenhando letras pelos cantos, nas entrelinhas, subia e descia até que se extinguísse o desejo de expressão. Se tivesse tempo, passava a limpo, em cadernos caprichados ou em blocos de carta. Caso contrário, ficavam por ali,

esquecidos em meio a livros, recortes, folhetos. Perdidos nos guardados (TAHAN, 2002a, p. 1).

Aninha resoluta ditava para si: “\_ Vou escrever poesias sim; [...] É isso que eu quero, é para isso que nasci” (TAHAN, 2002b, p. 37). Assim, contrariando sua gente, pois todos da casa, além de não darem incentivo, ignoravam o que escrevia, Cora vai se dedicando à poesia e extasiando-se com o caminho da libertação: “a poesia tudo aceita em formas. O que importa, realmente, é o sentimento, é o conhecimento do fato ou sentido daquilo que se quer escrever” (TAHAN, 2002b, p. 38).

No espaço doméstico, hostil aos seus anseios, Cora descobre seu prazer maior: a leitura e a poesia e, assim, “novos horizontes, novas janelas são abertas para o seu futuro...” (TAHAN, 2002b, p. 38). É assim que Cora Coralina extrai do anonimato as pulsações emotivas para compor sua poética. Sua criatividade literária vai se constituindo, mesmo com a indiferença dos familiares, pois, Cora não se incomoda com tal fato e, “dá por cumprida a finalidade de seus escritos: sua própria satisfação. Seus versos, suas crônicas, são a maneira de conversar consigo mesma e com as pessoas que acaso lerem” (TAHAN, 2002b, p. 48). Assim, Cora constrói sua poesia como uma artesã das palavras, em meio às adversidades e contratempos familiares:

por seu teor poético, a obra de Cora não se reduz à reflexão de idéias ou de imagens apreendidas de outrem ou de outros livros. Ela é fruto palpitante e espelho translúcido de uma realidade vívida, construída árdua e conscientemente, e movida sempre por um impulso inconsciente (RAMÓN, 2003, p. 16).

Embora envolvida no ambiente de desaprovação familiar, a leitura é o seu refúgio (TAHAN, 2002b, p. 45) e, assim, não é possível desligar-se dos livros, da poesia, dos escritos. Portanto, “o período inicial vivido por Cora Coralina em Goiás, em torno dos 21 anos, constituirá seminalmente os veios poéticos que irrigarão suas fontes de criação” (CAMARGO, 2006, p. 59).

Dessa forma, surge Cora Coralina com suas qualidades expressivas e uma temática poética voltada para a causa social, com exaltação da gente obscura de sua terra. Uma poeta que se expressa aos moldes modernistas - com uma linguagem clara e natural – sem, no entanto, fazer parte desse movimento:

uma poeta cujas escolhas temáticas se ligam à terra, às coisas simples, a sua gente, ao cotidiano, só poderia adotar uma linguagem espontânea e natural. Seria incompreensível que ela se utilizasse de uma linguagem rebuscada, fria e distante de seus referenciais. [...] O caso de Cora é correlato e bastante similar aos de outros autores do período modernista que fizeram da realidade do cotidiano, das coisas humildes, simples e essencialmente brasileiras matéria poética (MIGUEL, 2006, p. 86-87).

Sobre a circunstância do caminho de Cora, Suely Reis Pinheiro (2003, p. 3), afirma:

no começo do século XX, em pleno processo da desestruturação própria do Modernismo Brasileiro, surge, no cenário literário, a voz inovadora da poeta Cora Coralina. Sem sair do espaço privado, reservado somente às mulheres, avança para o espaço público, antes reservado aos homens, liberando-se não só das amarras literárias do século anterior, mas fazendo da conquista da palavra escrita importante capital cultural na luta de resistência social à exclusão. Reivindica, da mesma maneira, total liberdade e rejeita os padrões acadêmicos e tradicionalistas.

Desse modo, ao ultrapassar as fronteiras do espaço doméstico, as manifestações discursivas coralinianas vão representar, pelo viés da produção literária, um discurso que evidencia luta e resistência social. É nessa perspectiva que Cora Coralina, ao burlar os códigos de urbanidade que a impediam de atuar como escritora, funda seu dizer poético caracteristicamente marcado por um discurso de resistência à exclusão social. É nesse contexto que afirmamos e reconhecemos o espaço discursivo que se constitui na poesia de Cora Coralina, a qual aborda os temas cotidianos e o lado obscuro da vida de sua gente. Constatamos, em seus poemas, a polifonia – diferentes vozes sociais – com a finalidade de ressignificar as práticas históricas, políticas e culturais e, assim, possibilitar modos de resistência que provoquem deslocamentos nos meios sociais.

Sob essas condições de produção, buscamos analisar, não somente a voz do sujeito que enuncia, mas também as outras vozes, isto é, as marcas polifônicas constitutivas do sujeito-enunciador. Essas condições de produção nos possibilitam verificar em que medida as relações sociais vão permitir a configuração de uma (ou várias?) identidade discursiva, haja vista que essas condições de produção são históricas, políticas e, sobretudo, apresentam-se contraditórias.

Passeando entre a perfeição poética e a variância dos espetáculos sociais, históricos e ideológicos, materializados em prosa e verso na obra coralínea, pretendemos mapear caminhos discursivos que cantam belezas e denunciam misérias.

Pelos caminhos discursivos, não obstante correndo riscos, queremos nos aventurar a uma convivência criadora aliando a estética à reflexão e ao conhecimento teórico da Análise do Discurso.

Nossa proposta - uma reflexão discursiva - aponta na direção sócio-histórico-ideológica para mostrar os efeitos de subjetivação e as construções identitárias, também por meio do movimento de subjetividade, dos sujeitos discursivos na poesia de Cora Coralina.

Os escritos de Cora Coralina estão despertando interesse em estudiosos de Filosofia, Sociologia, Psicologia e de Arte em geral. Os estudos acerca da obra dessa poeta goiana indicam um olhar que se concentra na escrita da memória autobiográfica, da mulher-monumento e da poesia telúrica. Por diferentes vieses, encontramos estudos que apresentam análises dos textos de Cora Coralina sob o enfoque de diversas teorias.

Pretendemos, aqui, percorrer um caminho – se não diferente – pelo menos divergente; um caminho que nos remete à análise da teia discursiva, no espaço estético, a qual engendra discursos marcados por conflitos e contradições.

Nossa pesquisa pretende investigar, por meio da descrição, análise e interpretação do material discursivo presente nos poemas de Cora Coralina, os aspectos heterogêneos constitutivos do discurso (ou discursos?) que resiste à exclusão, à interdição. Assim, poderemos verificar a presença de outros discursos, por meio da heterogeneidade discursiva, especialmente, aquela que Authier-Revuz (2004) teoriza como sendo da ordem da enunciação.

Nosso trabalho apresenta algumas considerações sobre os conceitos de subjetividade, singularidade e identidade numa interface com a noção de sujeito conforme os postulados da Análise do Discurso francesa. A partir dessa interface, pretendemos colocar a pertinência da articulação desses conceitos para as práticas identitárias – as quais são constituídas pelos discursos.

Pretendemos proceder a uma análise de seqüências discursivas dos poemas de Cora Coralina para verificar o modo como a singularidade se manifesta na construção identitária do sujeito discursivo coralíniano.

Considerando o descentramento do sujeito, pretendemos analisar o movimento de subjetividade e identificar as posições-sujeito assumidas, conforme as formações discursivas e ideológicas presentes no imaginário sócio-histórico das seqüências discursivas, bem como, mostrar os processos de subjetivação e construções identitárias dos sujeitos discursivos em Cora Coralina. Em lugar de ser um estudo estético-memorialista, nosso trabalho – ainda que não contemple a finitude e a completude, mesmo porque não se propõe a isso – se constitui pelo viés da memória discursiva e se debruça sobre a construção da subjetividade nas poesias de Cora Coralina.

Temos, como hipóteses para a pesquisa, as seguintes questões:

→ O dizer coraliniano é, constitutivamente, um dizer que resiste à exclusão social, ao anonimato, à falta de reconhecimento.

→ As inscrições discursivas, em Cora Coralina, revelam as construções identitárias resultantes de uma subjetivação sociocultural, em que, mesmo discorrendo sobre a mulher, não se trata de uma luta feminista.

→ As possibilidades de resistência colocam em evidência as posições subjetivas do sujeito, o qual rompe com ideologias moralistas cristalizadas socialmente.

Pretendemos verificar em que medida as condições sociais, históricas e ideológicas possibilitam a materialização do dizer coraliniano, o qual se inscreve numa posição discursiva ideologicamente marcada por um movimento de ruptura, de resistência à coerção e à discriminação social.

Utilizamos a pesquisa de base qualitativo-interpretativista e analisamos seqüências discursivas de poemas que compõem as seguintes obras: **Meu livro de cordel**, **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais** e **Vintém de cobre**.

Nosso trabalho está organizado em três capítulos.

No capítulo I, discutimos os conceitos e abrangência da noção de sujeito, as heterogeneidades enunciativas e a dispersão dos sujeitos e a noção de formação discursiva na perspectiva de dois teóricos: Michel Pêcheux e Michel Foucault.

No capítulo II, trabalhamos com a constituição do sujeito partilhado a partir dos conceitos de subjetividade, singularidade e identidade. Faremos algumas pontuações sobre a construção das posições de identidade, promovendo uma inter-relação entre as noções de sujeito e de identidade, sendo a noção de identidade tomada sob a perspectiva pós-moderna.

No capítulo III, registramos as análises realizadas, as quais explicitam as inscrições discursivas coralinianas no discurso da sexualidade e da feminilidade.

Finalmente, nas Considerações Finais registramos nossas conclusões face à pesquisa desenvolvida e pontuamos os resultados obtidos, em função dos objetivos aventados para a nossa dissertação.

Nos anexos, apresentamos, na íntegra, os poemas de Cora Coralina tomados para análise.

Quando refletimos sobre a nossa inscrição no campo teórico da Análise do Discurso, parece-nos que, ao contrário de termos escolhido a teoria, foi ela (a teoria) que nos escolheu; assim dizemos, porque é muito significativa a transformação por que temos passado nesse processo de estudo pautado pela teoria da Análise do Discurso. Isso, por certo, faz com que nossa pesquisa se concretize por um caminho – se não fácil – instigante e desafiador.

*Não morre aquele  
Que deixou na terra  
a melodia de seu cântico  
na música de seus versos.  
(CORALINA, 2001b, p. 106)*

## Capítulo I

### 1 – Língua, Discurso e Sujeito

No início do século XX, Ferdinand de Saussure, ao postular os princípios teórico-metodológicos para explicar a língua, a reitera como objeto de estudo da Lingüística, atribuindo a esta um caráter científico. Saussure, no *Curso de Lingüística Geral* (2003), já afirmava, em relação à lingüística, que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2003, p, 15). Isso significa que a língua – objeto da Lingüística para Saussure – pode ser investigada sob diferentes perspectivas, a partir de diversas questões e reflexões. É possível observar os fenômenos lingüísticos sob diferentes vertentes teóricas e explicá-los e descrevê-los a partir do referencial teórico que se quer contemplar.

Desde Saussure, as perspectivas utilizadas nos estudos da língua(gem) têm sido diversas e, às vezes, divergentes. As diversas abordagens, com seus princípios teóricos e metodológicos, propõem pontos de vista diferentes e novos modos de observação dos fenômenos lingüísticos. Nesses caminhos dos estudos da linguagem, desloca-se a noção de língua como um sistema essencialmente formal, concebendo-a como um fenômeno complexo, lugar de conflitos, a partir do qual emergem questões históricas e sociais.

Para Saussure interessava observar a língua do ponto de vista sistemático e, apesar de apontar a língua como um fato social, ele a analisa tomando-a em si mesma e por si mesma, ele prioriza o estudo da língua enquanto sistema estruturado. Ou seja, o corte saussureano postula o estudo da língua orientado pelo seu interior, e não por elementos situados fora dela. Entretanto, com o estudo sistemático da língua, desenvolvido por Saussure, foi possível realizar uma passagem (ainda que de modo complexo) do lingüístico ao social e postular uma teoria de linguagem que evidencia que o funcionamento da língua não é estritamente lingüístico, mas ele se efetua numa relação com a exterioridade, com a história.

Para Fernandes (2004, p. 45), importa destacar a complexidade da língua num espaço não fechado estruturalmente, centrado no social ao que se pode denominar discurso:

o discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se por meio de uma materialidade lingüística, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas estruturalmente elaborados. Como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, necessita-se romper as estruturas lingüísticas, para se chegar a ele. É preciso sair do especificamente lingüístico, levando-o a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a *langue* e a *parole*, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso (FERNANDES, 2004, p. 45).

Nos caminhos dos estudos da linguagem, o discurso é um fenômeno lingüístico e, como tal, se constitui por meio de um processo que se desenvolve entre dois limites: na base das leis internas do sistema da língua e nos fatores sócio-históricos que o constroem. “O discurso nunca possui uma só dimensão. Um lapso de língua nos lembra imediatamente que vários discursos podem usar o mesmo porta-voz ao mesmo tempo” (FINK, 1998, p. 19). O discurso é um conceito cuja configuração vai além dos limites semânticos da palavra e da frase e, em sua materialidade simbólica, é definido como efeito de sentidos entre interlocutores, trazendo em si “formas materiais (lingüístico-históricas), formas lingüísticas encarnadas no mundo, significando os sentidos e os sujeitos e significando-se pelos sujeitos que as praticam” (ORLANDI, 2001, p. 63).

No interior das reflexões sobre a linguagem, surge a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux quando este questiona e problematiza a Lingüística a partir do corte saussureano.

Michel Pêcheux estabelece o discurso como objeto dessa disciplina e desenvolve um projeto teórico em que considera a discursividade atravessada por uma teoria do sujeito para a qual operam a ideologia e o inconsciente. A Análise do Discurso se constitui em oposição à imanência do sistema lingüístico (objetivismo abstrato) e em oposição ao sujeito transcendental, portador de um sentido (subjativismo idealista). Ao rever as noções de língua, discurso e sujeito, Pêcheux esboça uma teoria não-subjetiva da subjetividade. Nesse campo teórico, o conceito de sujeito se encontra representado num determinado lugar social por uma imposição ideológica, por um assujeitamento às formações ideológicas.

Para a Análise do Discurso, a materialidade discursiva não é a língua, mas ela se define a partir da relação entre a formação histórico-ideológica e a base lingüística, isto é, a

língua é posta a funcionar em função das formações socioideológicas e sobre ela (a língua) se materializam os processos discursivos. Temos, então, o discurso como resultado da relação entre a língua, a história e a ideologia.

A Análise do Discurso, preconizada por Michel Pêcheux, olha para os funcionamentos discursivos, pensando a relação entre língua e história. Nessa disciplina, Pêcheux propõe um deslocamento privilegiando o funcionamento do discurso em detrimento de sua função. Para o autor, a língua não é transparente e não possui um significado imanente. Ao contrário, os sentidos do texto se constroem na relação da língua com a exterioridade. O discurso – objeto da disciplina – é um objeto lingüístico e histórico, “sendo a materialidade específica da ideologia o discurso e a materialidade específica do discurso, a língua” (ORLANDI, 2001, p. 86). Para Pêcheux, a Análise do Discurso se configura como uma disciplina de interpretação, condicionada por diversos fatores, porque não há uma estrutura subjacente que explique os funcionamentos discursivos. O funcionamento do discurso é um processo que se desenvolve e por meio dele é que se pode “observar os gestos de interpretação dos sujeitos” (ORLANDI, 2001, p.89). Interpretar é tomar posição e, nesse sentido, o discurso é concebido com base na relação entre a estrutura e o acontecimento. O discurso se realiza a partir da relação com outros discursos, com as suas condições de produção, com a exterioridade que o constitui – o interdiscurso. Contudo, no funcionamento discursivo, não se trata de uma interpretação sem margens; as escolhas do sujeito não são dadas no vazio, de modo aleatório, são reguladas conforme as regras estabelecidas pelas condições sociais, políticas, históricas, ideológicas e inconscientes. A partir da materialidade lingüística, o trabalho que se faz com a língua se dá numa tensão entre a descrição e a interpretação, com o atravessamento do equívoco. Por isso, as possibilidades de sentido estão sempre nas tensões e nos intervalos. Conforme assegura Malidier (2003, p. 96), o que Pêcheux “teorizou sob o nome de ‘discurso’ é que o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido não pode ser cercado, ele escapa sempre”. Podemos perceber que a produção e a circulação do discurso se dão no meio social, pela tomada de posição dos sujeitos. As posições dos sujeitos são definidas a partir dos lugares sociais que ocupam e do espaço delimitado por regras sócio-históricas.

Pêcheux, ao teorizar sobre o funcionamento discursivo, o concebe como um processo que se desenvolve a partir de uma base lingüística, num espaço de exterioridade constituído histórico-ideologicamente numa dada formação social. Os processos discursivos variam conforme a posição política e ideológica assumida pelo sujeito ao usar a língua para produzir discursos e sentidos e, essas práticas discursivas são reguladas por regras estabelecidas socialmente. Os discursos são produzidos e interpretados de acordo com a circunscrição sócio-histórico-ideológica do sujeito em uma ou em diferentes formações discursivas.

No que tange ao sujeito, podemos perceber que o funcionamento discursivo não é produzido por ele, mas ele (o sujeito) subjaz ao discurso. Isso significa que o sujeito não pode dizer tudo; ao contrário, o sujeito estará sempre sob a dependência do interdiscurso (a exterioridade que o constitui) e, somente nessa condição, ele terá acesso ao que pode e deve ser dito. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2002, p. 31). Daí que o sujeito não é dono de seu dizer; paradoxalmente, é seu dizer que se circunscreve na *ordem do discurso* (FOUCAULT, 2004 b).

Sob esse enfoque, o sujeito da Análise do Discurso, segundo Pêcheux, é efeito do discurso. A constituição do sujeito se dá por meio das práticas discursivas e, nesse processo, o sujeito sofre deslocamentos no âmbito das formações discursivas. É dessa forma que temos a noção de sujeito enquanto uma posição discursiva, enquanto uma existência em um dado lugar social.

## **1.1 – Sujeito e subjetividade na Análise do Discurso**

Para a Análise do Discurso, o sujeito, que funciona no discurso, é dotado de uma característica fugidia, a qual o marca como fragmentado, heterogêneo, disperso. Essa característica fugidia nos permite “conhecer” um sujeito clivado, dividido que se desloca, em mão dupla, de uma posição discursiva a outra (ou outras); o sujeito se compõe e se

recompõe no fio do discurso. Nesse sentido, o sujeito da Análise do Discurso é descentrado e não senhor de si.

Esse sujeito descentrado nasce contrapondo-se ao sujeito cartesiano, o qual é portador de racionalidade, centrado, unificado e situado no centro de um conhecimento. Na mobilização das noções de desestabilização, descentramento do sujeito – mais acirradas na segunda metade do século XX – a idéia é questionar o sujeito cartesiano, ou seja, desconstruir o sujeito cartesiano e pensar o sujeito descentrado. Esse sujeito descentrado não está na ordem das totalidades; há, portanto, que ser problematizado. Cabe perguntar, então, quem é esse sujeito? Onde ele está?

Na Análise do Discurso, especialmente, encontramos um sujeito que enuncia, que diz. Conforme afirma Bertoldo (2004, p. 219):

não vemos a possibilidade de se conceber um sujeito que, via linguagem, seria controlador dos sentidos que produz, atuando como um agente transformador da realidade social. Conceber o sujeito e a produção do sentido sob esta ótica parecem-nos uma perspectiva reducionista. Entendemos que o sujeito, afetado por seu inconsciente, não pode controlar o seu dizer e conseqüentemente os sentidos que produz. Constituindo o discurso e por ele constituído, o sujeito se encontra imerso no jogo discursivo que faz com que não cesse de significar, colocando-o em um movimento constante de produção de sentidos. Resta-lhe o desejo, é verdade, de poder fazer coincidir seu dizer, mas isso não passa de uma ilusão que só faz reforçar sua produção de sentidos, já que, envolvido na trama da linguagem, não cessa de dizer e de se dizer, o que o constitui como sujeito.

Trata-se de um sujeito da ordem do não-controle, isto é, um sujeito que não tem controle dos próprios discursos, que não se deixa apreender; ele se torna sujeito pela entrada na ordem do discurso. O sujeito da Análise do Discurso, marcado pelo atravessamento ideológico e pelo funcionamento do inconsciente, não é da ordem de um dado, é da ordem de um devir; há sempre um assujeitamento seguido de transformação permitido pelo inconsciente, uma vez que este possibilita a interpelação ideológica do indivíduo por meio da subjetivação. O atravessamento do ideológico e do inconsciente faz mover o sujeito no fio discursivo; as movências do sujeito no discurso – campo da linguagem, do simbólico – possibilitam a sua subjetivação.

Em sua obra *“Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio”*, Michel Pêcheux promove uma ruptura epistemológica: rompe com as teorias do “sujeito pleno” para “desconstruir” esse sujeito. A grande questão, para ele, é questionar a subjetividade. A

partir das evidências teóricas de Louis Althusser – evidência da transparência da linguagem e a evidência de que somos sempre já sujeitos – Pêcheux vai contestar essas evidências, a fim de traçar um percurso para mostrar que o sujeito não é causa de si, e o sentido da linguagem não é transparente, uma vez que as evidências “mascaram” a opacidade, produzindo o efeito de transparência.

Face à teoria das evidências de Althusser e à Semântica, Pêcheux constrói um percurso que nos leva a questionar a subjetividade na teoria do conhecimento; o autor nos mostra que a subjetividade é construção, é processo e explicita a constituição desse processo, bem como seu funcionamento. Desse modo, Pêcheux propõe uma teoria que abre para outros questionamentos relacionados à subjetividade; uma teorização dos deslocamentos do sujeito discursivo e de desconstrução de um conceito de subjetividade dominante na época: o sujeito como fonte do dizer, “*noção ideológica de sujeito* como ponto de partida e ponto de aplicação de operações” (PÊCHEUX, 1997b, p. 130).

### **1.1.1 – A subjetividade construída pelo exterior: uma teoria não-subjetivista da subjetividade**

A Análise do Discurso – uma disciplina no campo dos estudos da linguagem – inicia com Michel Pêcheux quando este escreve *Análise Automática do Discurso*, em 1969 (AAD – 69) – publicado em *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux* – livro organizado por Françoise Gadet e Tony Hak. Nesse texto, “a preocupação principal de Pêcheux referia-se à ligação entre o discurso e a prática política, ligação que, para ele, passa pela ideologia” (HENRY, 1997, p. 30). Desde o início, ao fazer referência à ideologia e ao trabalho de Althusser, Pêcheux postula o sujeito da Análise do Discurso como um sujeito social, isto é, “agente de uma prática social enquanto sujeito” (HENRY, 1997, p. 30); o sujeito é interpelado pela ideologia, e passa a ocupar um lugar, uma posição no sistema social. Conforme afirma Indursky (2000, p. 70):

Vale dizer que a ideologia interpela indivíduos em sujeitos, sem que eles se dêem conta de tal interpelação. Dito ainda de outra forma, não há sujeito sem ideologia, embora ela não seja um processo da ordem do consciente. Estamos aqui falando da existência histórica do sujeito...

Em 1975, com *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas*, Michel Pêcheux, juntamente com Catherine Fuchs, apresenta o quadro epistemológico da Análise do Discurso articulado a partir de três áreas do conhecimento:

- 1 – a lingüística – como teoria dos processos discursivos;
- 2 – o materialismo histórico – como teoria do efeito sujeito e dos efeitos ideológicos;
- 3 – a psicanálise – como teoria do inconsciente.

Com esse quadro epistemológico, podemos, então, afirmar com o próprio Pêcheux (1997b, p.131):

...uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o “sujeito” ideológico como “sempre-já dado”... essa teoria não pode, se deseja começar a realizar suas pretensões, dispensar uma *teoria (não-subjetivista) da subjetividade*. Dessa forma, o domínio teórico de nosso trabalho se encontra definitivamente determinado por três regiões interligadas, que designaremos... como a *subjetividade*, a *discursividade* e a *descontinuidade ciências/ideologias*. Se essas inter-relações não forem levadas em consideração de modo adequado, alguns pontos se tornarão radicalmente obscuros e incompreensíveis, como ocorre, aliás, com *todas* as tentativas idealistas de uma teoria do “sujeito (ideológico e/ou científico) no discurso”

Podemos perceber como esses três fatores – a discursividade, a história e o inconsciente – possibilitaram o descentramento do sujeito e, portanto, conforme afirma Indursky (2000, p. 71):

... o sujeito, para Pêcheux, além de social é histórico, por conseguinte, ideológico, e dotado de inconsciente. Com base nisso, podemos afirmar que a constituição do sujeito da Análise do Discurso articula fortemente o social (a relação com a História) e o inconsciente (a relação com o dizer do outro). Em outras palavras, o sujeito da Análise do Discurso é duplamente afetado: em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia.

A esse respeito, com a teoria não-subjetivista da subjetividade, Pêcheux coloca o sujeito no relacional dos fatores: linguagem, história e inconsciente; portanto, o sujeito da Análise do Discurso é da ordem do efeito, produzido pela exterioridade, isto é, a

exterioridade constitui o sujeito. Assim, temos um sujeito de natureza social e coletiva e não um sujeito empírico. Para Pêcheux, a subjetividade de natureza não-subjetivista não está centrada na interioridade, mas construída na exterioridade.

### 1.1.2 – Sujeito e singularidade

Para pensarmos as práticas de subjetivação dos sujeitos discursivos presentes na obra poética de Cora Coralina, vamos alicerçar nossas discussões nos postulados teóricos de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jacqueline Authier-Revuz.

Com a teoria não-subjetivista da subjetividade, podemos perceber que Pêcheux constrói um percurso que rompe com as teorias do “sujeito pleno” para desconstruir esse sujeito; há uma ruptura epistemológica e, com ela, o autor não nega a subjetividade, mas nos leva a questionar um conceito de subjetividade dominante na época – o sujeito como fonte e origem do dizer:

Em suma, a “solução” idealista para esse ponto consiste em partir do sujeito individual “concreto”, ao mesmo tempo, como elemento de um conjunto (comunidade, povo, etc.) e como fonte da metáfora constituída pela personificação desse conjunto, que funciona “como um único homem”: já sugerimos, em várias retomadas, que o obstáculo idealista fundamental se encontrava na *noção ideológica de sujeito* como ponto de partida e ponto de aplicação de operações. É possível, agora, chegar às conseqüências materialistas dessa descoberta na área de que nos ocupamos, o que vai impor uma transformação da metáfora, de modo que ela apareça como o que é, ou seja, um processo não-subjetivo na qual o sujeito se constitui. (PÊCHEUX, 1997b, p. 130).

Para Pêcheux, é necessário teorizar o sujeito, não como da ordem do acabado, mas um sujeito movente, que se constitui em um processo não-subjetivo. O autor propõe deslocamentos para que a subjetividade possa ser questionada. Daí que, para Pêcheux, enquanto sujeito, somos “falados” pelas relações sócio-históricas, pela ideologia e pelo inconsciente.

A exterioridade constitui o sujeito e marca a particularização do indivíduo – há uma noção de singularidade na subjetividade. A configuração do sujeito se dá por meio da

contradição, ou seja, o sujeito é sempre-já sujeito porque significa, já está imerso no simbólico – campo da linguagem; mas, por outro lado, não é causa de si porque ele se constitui nas relações simbólicas. Isso acontece devido à conjuntura sócio-histórica que “cria”, pelo efeito ideológico, uma realidade imaginária, na qual o sujeito se “puxa” em indivíduo como causa de si. Temos, então, a particularização do sujeito: um sujeito social, com marcas de singularidade.

Se o sujeito está irremediavelmente no campo do outro, qual a possibilidade de surgir singularidade? Com base no que precede, tentaremos, resumidamente, responder a essa questão dizendo que, por meio do real da língua, do real da história, o sujeito se constitui no campo do simbólico e “produz” a realidade imaginária de seu ego (indivíduo), ou seja, a determinação do real (exterior) é projetada na própria construção do sujeito, o qual é imaginário, com ilusão do efeito de unidade; sua identidade – uma homogeneidade – se dá por meio dessa ilusão da unidade imaginária.

Nesse sentido, é que, para a Análise do Discurso, não falamos em identidade, mas, em construções identitárias. Para a Análise do Discurso, a noção de construção identitária remete a movimentos, mudanças, pluralidade, deslocamentos que se dão no campo do discurso, em meio a um conjunto de vozes histórico-sociais. No movimento de identificação/desidentificação, no fio discursivo, é que podemos vislumbrar as construções identitárias dos sujeitos. Em constante processo, em busca de unidade, de completude, o sujeito se desloca, se move no campo do discurso e, assim, marca sua constituição heterogênea. Portanto, a identidade não é fixa, una; ao contrário, ela está em constante processo de construção/desconstrução e, ao se identificar/desidentificar com o outro, “produz” a ilusão da unidade imaginária.

“Essa identificação do sujeito consigo mesmo é [...] uma identificação com o outro” (PÊCHEUX, 1997b, p. 167); o sujeito se constitui no campo do outro: da língua, da história, da memória, do inconsciente e, por estar sempre em processo, em devir, é que tem a possibilidade de marcar sua singularidade.

Para ilustrar as *Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina*, vamos operar com o conceito de sujeito postulado nos estudos de Pêcheux, Foucault e Authier-Revuz com o intuito de analisar o estético (texto literário) com o enfoque da Análise do Discurso.

### 1.1.3 – A *forma-sujeito* de Michel Pêcheux

A forma-sujeito<sup>1</sup> teorizada por Pêcheux teve como ponto de partida *as condições ideológicas da reprodução/transformação das condições de produção*<sup>2</sup>. Isso significa afirmar que Pêcheux buscou as bases teóricas – Ideologia e interpelação - em Althusser, embora não da mesma forma que este, para teorizar sobre a forma-sujeito.

Para Louis Althusser, a evidência de que somos sujeitos “*é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar*” (ALTHUSSER, 2003. p. 94). Esse efeito é produzido pelo modo de funcionamento da Ideologia em geral. Ou seja, a Ideologia reporta o modo de funcionamento do sujeito. Disso resulta que vemos o sujeito como acabado, completo e como causa de si. A tese central de Althusser - *a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito* – nos leva à conclusão de que o homem é animal ideológico, mas o modo como funciona dissimula que ele seja interpelado pela ideologia.

Michel Pêcheux, ao teorizar sobre a forma-sujeito, apresenta uma interpretação paradoxal à interpretação de Althusser; isto ocorre porque para Pêcheux a interpelação dos indivíduos em sujeitos, diferentemente do que propõe Althusser, não ocorre de forma tal que “os sujeitos se constituem pela sua sujeição” (ALTHUSSER, 2003. p. 104). Em outras palavras, para Pêcheux, os indivíduos são interpelados em sujeitos pela Ideologia, mas há falhas no ritual de interpelação. Assim, o processo de interpelação não acontece de modo totalmente eficaz. Dessa forma, podemos dizer que Pêcheux defende o assujeitamento, mas esse não é “perfeito”, porque no processo de interpelação ocorre, também, a desidentificação do sujeito, a resistência, o contradiscurso do próprio sujeito. Portanto, “não há identificação plenamente bem sucedida” (PÊCHEUX, 2002. p. 56).

---

<sup>1</sup> A expressão “forma-sujeito” é introduzida por L. Althusser (‘Resposta a John Lewis’, op. cit., p. 67): “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. A ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”. (PÊCHEUX, 1997b. p. 183).

<sup>2</sup> Termo usado por Pêcheux (1990) e diz respeito aos “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso” (FERNANDES, 2005, p. 29).

“A expressão ‘forma-sujeito’, emprestada de Althusser, quer teorizar o funcionamento imaginário da subjetividade” (MALDIDIER, 2003. p. 50). Assim se estabelece, para a Análise do Discurso, a forma-sujeito. Ela é a responsável pela ilusão da unidade do sujeito, e é a maneira como se dá a identificação desse sujeito com uma formação discursiva que o constitui. Podemos então compreender que – nos conceitos de Ideologia e interpelação, tomados de Althusser – se articulam as proposições teóricas que descrevem os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos do dizer, na teorização de Michel Pêcheux.

Com Michel Pêcheux, é possível estabelecer um ponto de encontro entre a língua e o sujeito. A partir da forma-sujeito, é possível, para a Análise do Discurso, teorizar sobre a constituição do sujeito pela linguagem; é possível delinear o *sujeito do discurso*. “Pêcheux propõe a abordagem do cruzamento entre ideologia e inconsciente” (GREGOLIN, 2004. p.141) ao “conceber” a categoria do sujeito discursivo. Dessa forma, o sujeito do discurso, preconizado por Pêcheux, resulta de um processo, de uma construção em que se articulam a contradição e o inconsciente.

Diferentemente do sujeito da Psicologia cognitiva – um sujeito falante ideal, dono de seu dizer – o sujeito da Análise do Discurso, a partir de Michel Pêcheux, é um construto em movimento e tem sua singularidade marcada pelas relações com a exterioridade. O sujeito do discurso, atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, se “constrói” por meio de processos discursivos e, como tal, é um sujeito desejante, descentrado, clivado, fragmentado. Podemos caracterizá-lo assim, conforme afirma Leandro Ferreira (2005, p. 14):

A Análise de Discurso (...) vai à busca desse sujeito, até então descartado. E vai encontrá-lo, em parte, na psicanálise, apresentado como um sujeito descentrado, afetado pela ferida narcísica, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si. A outra parte desse sujeito desejante, sujeito do inconsciente, a AD vai encontrar no materialismo histórico, na ideologia althusseriana, o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia.

Portanto, sob a influência de dois teóricos – Freud do lado da psicanálise e Althusser do lado da ideologia – Michel Pêcheux elabora o conceito de *sujeito discursivo* para a corrente francesa de Análise do Discurso. O *sujeito discursivo* se caracteriza, como

heterogêneo, fragmentado haja vista que ele se relaciona com a ideologia, nos processos subjetivos, de diferentes formas, tendo em vista as condições ideológicas de reprodução/transformação das condições de produção. Desse modo, “o sujeito se desdobra como efeito do complexo de relações desiguais, contraditórias e sobredeterminadas que permeiam sua condição de sujeito interpelado e, ao mesmo tempo, como enunciador, tornando-se sujeito à/de sua palavra”, conforme nos atesta Zandwais (2005, p. 145).

#### **1.1.4 - A posição-sujeito em Michel Foucault**

Tecemos, inicialmente, algumas considerações sobre a *forma-sujeito* de Michel Pêcheux por reconhecer o valor dessa configuração do sujeito, tendo em vista que essa teoria confere à Análise do Discurso um ponto de encontro entre a língua, a história e, o próprio sujeito.

Também, ao lado da trajetória de Michel Pêcheux, constitui ponto de reflexão para a Análise do Discurso o pensamento do filósofo Michel Foucault. Sem objetivar a construção de uma teoria do discurso, assim como o fez Pêcheux, podemos dizer “que uma *teoria do discurso* vai-se delineando e encontra um lugar central na obra de Foucault” (GREGOLIN, 2004. p. 54).

Michel Foucault desenvolve um percurso teórico construído sobre as bases de investigação de três eixos temáticos: os saberes, os poderes, a ética e a estética de si e, nesse percurso, entram em cena os modos de subjetivação do homem. Ao teorizar sobre os procedimentos de subjetivação, Foucault, também, marcará um ponto de encontro entre o sujeito, a linguagem e a história, pois, suas reflexões estarão centradas nas relações entre os discursos, os sujeitos e a história.

Evidentemente, ao analisar os acontecimentos discursivos na sociedade, a categoria de sujeito será, também para Foucault, uma categoria essencial: “finalmente tentei estudar [...] o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. [...] Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (FOUCAULT, 1995, p. 232). “O sujeito é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção de sua obra. Ele é o seu

objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2004, p. 58).

A partir disso, vamos evidenciar a contribuição de Foucault para a Análise do Discurso e descrever algumas considerações a respeito do conceito de sujeito na formulação de sua teoria.

Para Foucault, o sujeito é da ordem do enunciado, do discurso, o que significa dizer que, também para esse autor, a noção de sujeito está ligada à linguagem. O sujeito é construído por meio das práticas discursivas, ou seja, é partindo das relações entre o sujeito e o discurso que Foucault propõe uma concepção de sujeito que é produto das práticas discursivas:

se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados”, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2004a, P. 108).

Foucault mostra, ao descrever as modalidades enunciativas, que o sujeito é disperso, descontínuo; não há a unidade de um sujeito e nem mesmo há um sujeito que pensa, que conhece e sabe o que diz. O autor questiona a idéia de sujeito unificado, preexistente ao discurso, pois é a partir do acontecimento discursivo que o sujeito tem a possibilidade de ocupar um lugar e, a partir desse lugar, saber o que dizer, quando e de que modo. O sujeito, assim como o discurso, é disperso:

as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala (FOUCAULT, 2004a, p. 61).

Ao desenvolver a análise das formulações que constituem o enunciado, Foucault vai teorizar sobre a *posição-sujeito*. A posição-sujeito é um lugar a ser ocupado pelo sujeito e, como tal, “que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos”

(NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 113). Ou seja, para enunciar, os sujeitos devem ocupar posições, determinadas por regras sócio-históricas e, essas posições são diferentes para cada enunciado.

Foucault não concebe o sujeito do enunciado como causa, origem ou autor de uma formulação; o sujeito é uma função vazia que pode assumir diversas posições:

é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma (FOUCAULT, 2004a, p. 107).

Na produção foucaultiana, encontramos um conjunto de dispositivos que seleciona, regula e controla os modos de subjetivação na constituição dos sujeitos. Os sujeitos subjetivados são resultantes de formações e práticas discursivas, que se inscrevem nas relações de saber/poder .

De uma maneira resumida, podemos visualizar o sujeito enquanto objeto de saber na *arqueologia* – análise voltada para as questões epistemológicas; o sujeito enquanto objeto de poder se mostra na *genealogia* – análise que trata das relações de poder; finalmente, o sujeito enquanto objeto de construção subjetiva apresenta-se na *ética e estética de si* – análise dos processos de constituição de si mesmo como sujeito. Assim, o sujeito – na perspectiva foucaultiana – resulta de um processo de subjetivação construído nas relações de saber e poder de forma social e coletivamente. Para Foucault o sujeito não é um dado pré-existente, homogêneo e imutável, mas resultado de um processo em que se imbricam relações de poder e de saber.

Destacamos, neste texto, o conceito de sujeito na visão de Foucault tendo em vista que o pensamento desse autor muito influenciou o campo teórico da Análise do Discurso.

Ressaltamos os dois teóricos – Michel Pêcheux e Michel Foucault – porque a *forma-sujeito* como a *posição-sujeito* são noções que rompem com o conceito de sujeito empírico, o qual é contestado no campo da Análise do Discurso.

### 1.1.5 – Heterogeneidades discursivas e a dispersão dos sujeitos

Para Fernandes (2005, p. 33-34), “o sujeito da Análise do Discurso é um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro”. Não se trata de uma individualidade, de um ser centrado em um “eu”, mas um sujeito que, para marcar os processos de identificação, de subjetivação, de construção da realidade, se circunscreve histórico-social e ideologicamente no campo dos discursos, em uma dada realidade social.

Considerando que o sujeito está imerso numa conjuntura sócio-histórico-ideológica, o vínculo entre o discurso e as práticas discursivas do sujeito, ao se relacionar com o outro e consigo mesmo, pode ser apreendido na materialidade lingüística, por meio da análise de seus discursos. Esse sujeito, ao enunciar os discursos que lhe são “autorizados”, revela outras vozes que constituem os seus dizeres.

Para compreender o sujeito discursivo, marcado por uma heterogeneidade: um conjunto complexo de discursos compõe o dizer do sujeito e esses discursos são representações imaginárias de diferentes vozes sociais – baseamo-nos em Jacqueline Authier-Revuz, a qual postula um trabalho respaldado no exterior lingüístico e elabora o conceito de *heterogeneidade discursiva*.

Segundo Malidier (2003, p. 84), “o encontro de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz é um verdadeiro encontro intelectual, no qual cada um contribui para o outro”. Do lado desta, temos o tema da heterogeneidade enunciativa, e do lado daquele temos o interdiscurso. Assim, com o tema da heterogeneidade, foi possível reformular o estudo das modalidades do “discurso outro” (MALDIDIER, 2003, p. 84).

A heterogeneidade do discurso se configura a partir de um funcionamento marcado pela “relação de seu “interior” com seu “exterior”” (MAINGUENEAU, 1997, p. 75). As formas que um discurso mobiliza para estabelecer relações com o seu “exterior” constituem as heterogeneidades enunciativas.

Os estudos da lingüista Jacqueline Authier-Revuz – voltados para o conceito de “outro” como constitutivo do sujeito e da linguagem – conduzem à fundamentação da teoria da heterogeneidade enunciativa. Ao trabalhar as formas da enunciação, a autora esboça o conceito de *heterogeneidade* a partir da relação do sujeito com a linguagem. Podemos atestar esse pensamento com as palavras da própria Authier-Revuz (1998, p. 165-166):

colocando como um “privilégio” da língua natural, entre todos os sistemas de signos, articular aquilo que ele denomina uma “dupla significância”, Benveniste distingue da seguinte maneira esses dois níveis: o primeiro, o modo semiótico, inscrito no espaço finito do sistema da língua e que é da ordem do estável, do fixo; o segundo, o modo semântico, “engendrado pelo discurso”, que “nos introduz no domínio da língua em uso e em ação”, levando a língua para o exterior em “sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo”: lá onde, no processo de constituição da significação, os elementos constitutivos do primeiro modo (“os signos”) devem ser **identificados**, reconhecidos, os elementos do segundo (“as palavras”) devem ser compreendidos, **interpretados**.

De maneira geral, podemos dizer que passar da consideração da língua, concebida como “ordem própria”, sistema finito de unidades e de regras de combinação do qual a lingüística tem por objetivo uma constante atualização através de procedimentos regrados – tal como se mostra, por exemplo, no quadro dos “níveis da análise lingüística” estruturado por Benveniste, ou no núcleo comum que J. C. Milner extrai da diversidade de “modelos” que a lingüística toma emprestado -, à consideração da fala, do discurso, é abandonar um domínio homogêneo, fechado, onde a descrição é da ordem do **repetível**, do “UM”, por um campo duplamente marcado pelo NÃO-UM, pela **heterogeneidade teórica** que o atravessa, a língua articulando-se ao sujeito e “ao mundo”, e pelo caráter **não-repetível** da compreensão que dele se pode ter, inevitavelmente afetada pela subjetividade e pela incompletude. (Grifos da autora)

Ao tratar da heterogeneidade teórica que atravessa a língua, Authier-Revuz trabalha com a idéia de não-homogeneidade, de não-um do sujeito e da linguagem; com isso, temos reiterada a idéia de heterogeneidade, de presença constitutiva da alteridade na “concepção de linguagem, de sujeito e de sentido de Authier-Revuz” (BRAIT, 2001, p.8).

Nessa perspectiva, Authier-Revuz, trabalhando na materialidade lingüística, no fio do discurso, detecta a presença do outro nas relações entre sujeito, linguagem e discurso, no ato da enunciação. Pelo estudo dos processos enunciativos, a autora reconhece a presença do outro no discurso do sujeito, ou seja, o plano da enunciação é marcado por uma heterogeneidade que diz respeito ao sujeito e a sua relação com a linguagem.

Trabalhando no campo da enunciação, Authier-Revuz desenvolve a questão das heterogeneidades apoiada “em teorizações exteriores à lingüística, particularmente sobre o sujeito” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174). Essas teorias não propriamente lingüísticas, necessárias para se trabalhar a enunciação, são o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Lacan. A partir delas, a autora tenciona mostrar a presença do outro no discurso, haja vista que no fio do discurso há formas lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso que inscrevem o outro em sua linearidade (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

No círculo de Bakhtin, o paradigma teórico se compõe de dualismos e este se desenvolveu através dos conceitos de *heteroglossia*, de *polifonia*, de *bivocalidade*, de *dialogismo*, de *interação verbal*. Esse paradigma teórico é constituído por conceitos marcados por pontos de vista duplos e opostos, ou seja, dualismos de oposições. Conforme Authier-Revuz (2004, p.25), “o que se diz de maneira insistente através dessa rede de oposições é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o “diferente”, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*”. Nesse sentido, pelo viés do “duplo”, pela presença do “outro” que constitui o “um”, Bakhtin elabora uma teoria de formas e gêneros literários, (seu trabalho não é especificamente no campo lingüístico, mas no campo semiótico e literário) bem como, uma teoria da produção do sentido e do discurso.

A teoria, elaborada por Bakhtin, apresenta a concepção de outro a partir da reflexão sobre o “dialogismo” e esse “outro” marca a alteridade constitutiva do signo, do discurso e, conseqüentemente, do sujeito discursivo. Para Bakhtin, o conceito de “outro” se ampara na linguagem e na ideologia e, a partir dele, é possível falar de alteridade constitutiva do discurso e do sujeito, de heterogeneidade discursiva. Daí a importância desse pensamento para os estudos da lingüista Jacqueline Authier-Revuz.

Também para dar conta da presença do “outro” na constituição do discurso e do sujeito, Authier-Revuz recorre à teoria psicanalítica de Lacan. Por essa perspectiva – a da Psicanálise lacaniana – essa lingüista utiliza uma versão diferente do conceito de “outro”.

Jacques Lacan – sob a influência da lingüística saussuriana e por meio da releitura de Freud – construiu um conceito de “outro” de forma diferente daquele teorizado por Bakhtin. Lacan, a partir de uma teoria da alteridade, distingue dois “outro”: um “Outro” (escrito com maiúscula) que se refere à relação do sujeito com o desejo e se manifesta pelo

inconsciente, o qual é estruturado como linguagem; um “outro” (escrito com minúscula) que se refere ao imaginário enquanto exterior social que constitui o sujeito.

Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que significa dizer que o inconsciente se manifesta na linearidade do discurso por uma cadeia significante e o sujeito (do inconsciente) é representado por essa cadeia simbólica que Lacan designa como o Outro. Desse modo, o inconsciente se manifesta na materialidade da língua, como sendo *o discurso do outro*. Esse discurso do outro é caracterizado por meio de desvios, falhas no discurso, no momento da fala, da enunciação. Esses desvios são os lapsos, os chistes, os sonhos, os atos falhos; são fenômenos que emergem na linguagem sob a forma de falhas. Por meio desses atos falhos, o inconsciente – escapando ao controle do sujeito – se mostra constituído pelo discurso do Outro. Conforme Brait (2001, p. 17), para Lacan “o inconsciente é o discurso do “outro””, sendo o “outro” o lugar em que se constitui o sujeito, o qual é representado pelo significante numa cadeia que o determina”.

Por essas duas perspectivas teóricas – o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Lacan – Authier-Revuz encontra o ponto nodal que norteará seus estudos sobre a heterogeneidade enunciativa: “a estrutura material da língua permite a escuta de ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso” (TEIXEIRA, 2005, p. 150). Com palavras da autora, temos:

é nesta perspectiva, lingüística, que eu procuro o apoio e a ancoragem de duas abordagens não-lingüísticas da heterogeneidade constitutiva da fala e do discurso: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise (através da leitura de Freud, marcada por Lacan). Os trabalhos de Bakhtin estão fundamentalmente inscritos no campo semiótico e literário; a psicanálise tem por objeto o inconsciente. A linguagem, a língua, o discurso, o sujeito falante não são – ou para Bakhtin só são parcialmente – seu objeto, mas um material essencial à apreensão de seu próprio objeto. Sem perder ali ou ali se diluir, permanecendo em *seu* terreno, parece-me que a lingüística deve levar em conta, efetivamente, esses pontos de vista exteriores e os deslocamentos que eles operam em seu próprio campo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22).

Portanto, no terreno da alteridade, com o “outro” bakhtiniano marcado pela ideologia e o “Outro” lacaniano marcado pelo inconsciente, a autora “propõe alguns elementos para articular essas duas *realidades* que a heterogeneidade constitutiva *do* discurso e as formas da heterogeneidade mostrada *no* discurso constituem” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 23).

Authier-Revuz “organiza, num primeiro grande recorte, duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade no discurso, definindo a *heterogeneidade mostrada* e a *heterogeneidade constitutiva*” (TEIXEIRA, 2005, p. 145). Na heterogeneidade mostrada a projeção do “outro” se revela na linearidade do discurso, por meio de sinais lingüisticamente descritíveis: discurso direto, discurso indireto, aspas, glosas, parênteses, ironia e outros. Na heterogeneidade *não mostrada*, a presença do outro não se mostra na superfície, mas está sempre presente no fio do discurso e independe de uma abordagem lingüística. A heterogeneidade constitutiva mostra o funcionamento real do discurso, isto é, sua natureza dialógica regida por diferentes discursos, pelo interdiscurso.

Para a compreensão da dispersão dos sujeitos no campo discursivo, priorizaremos a heterogeneidade constitutiva *não mostrada*, uma vez que essa categoria de análise nos permite evidenciar “no próprio fio *do discurso*, o discurso *outro* no mesmo” (TEIXEIRA, 2005, p. 145). Por isso, discorreremos, ainda que de forma sucinta, sobre a teoria da *heterogeneidade enunciativa* postulada por Authier-Revuz. Nessa teoria, os dois pontos de vista – dialogismo e psicanálise – (articulados pela autora na elaboração teórica) “permitem articular uma teoria da heterogeneidade lingüística a uma teoria do descentramento do sujeito” (TEIXEIRA, 2005, p. 146). Interessa a Authier-Revuz o dialogismo de Bakhtin, tomado como um princípio constitutivo do sujeito e da linguagem, e a psicanálise de Lacan, com uma concepção de “*fala heterogênea* e de *sujeito dividido*” (TEIXEIRA, 2005, p. 149). Conforme as palavras de Authier-Revuz (2004, p. 68-69), temos:

o *dialogismo do círculo de Bakhtin* faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso. Duas modalidades de interação às quais remetemos, aliás, em termos de interdiscursividade e de interlocução, inscrevem constitutivamente a presença das “palavras dos outros” no discurso:

- a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de *fronteiras e de interferências*;
- nenhuma palavra vem neutra “do dicionário”; elas são todas “habitadas” pelos discursos em que viveram “sua vida de palavras”, e o discurso se constitui, pois, por um *encaminhamento dialógico*, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo “*meio*” dos outros discursos.

E ainda:

o outro ponto de vista é o da psicanálise (tal como ela se manifesta particularmente na interpretação lacaniana de Freud) que mostra, através de sua própria prática e de sua própria problemática, ambas não-lingüísticas, como lei de qualquer palavra – e não somente de uma “palavra analítica – que, sob novas palavras, “outras palavras” sempre são ditas; que, através da linearidade “da emissão por uma única voz”, se faz ouvir uma “polifonia”; que “todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura” e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo “discurso do Outro”.

A essa teoria da *heterogeneidade da palavra* se articula uma teoria do *descentramento do sujeito*; ela afirma que:

- para um sujeito dividido, “clivado” (e não “desdobrado”), não há centro, de onde emanariam, particularmente, o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter essa ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito;
- para um sujeito que, fundamentalmente, é um “efeito de linguagem”, não existe, fora da ilusão – aqui também necessária e normal – *posição de exterioridade* em relação à linguagem, de onde o sujeito falante poderia tomar distância.

Seguindo essas orientações teóricas e reelaborando-as, Authier-Revuz discute as formas de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade não mostrada*, ambas constitutivas do discurso, e articula essa teoria à teoria do descentramento do sujeito. O sujeito é sujeito do inconsciente; é um sujeito clivado, divido detentor de uma palavra heterogênea; é efeito de linguagem e, portanto, não é causa de si mesmo, não é dono de seu dizer.

Por outro lado, o sujeito é marcado por espaços que ele ocupa numa determinada sociedade, isto é, lugares sociais, políticos, históricos, ideológicos e culturais. Esses lugares são “construídos” discursivamente, são a exterioridade internalizada pelos sujeitos por meio da interação verbal constitutivamente dialógica e por meio da interpelação ideológica desses mesmos sujeitos.

Com esse quadro descrito acima, temos desfeita a imagem de um sujeito pleno, autônomo, dono de uma voz homogênea. Ao contrário, temos uma representação imaginária do sujeito, a qual é determinada pela sua própria linguagem. O sujeito é efeito dessa linguagem na qual ele foi constituído pela ordem simbólica, pela cultura, pela ideologia.

Contudo, o sujeito “desconhece” seu descentramento, sua clivagem e tem a ilusão necessária do “eu” imaginário. Para Authier-Revuz (2004, p.66), “*não há centro*, para o sujeito, *fora da ilusão* e do fantasma. [...] Mas essa ilusão é *necessária* e normal para o sujeito: é o que Freud designava como a “*função de desconhecimento do eu*””.

Recorrendo a essa visão de Authier-Revuz, nosso interesse é, na recusa de um sujeito psicológico, uno e autônomo, mostrar a heterogeneidade constitutiva dos discursos e dos sujeitos. Na dispersão dos sujeitos<sup>3</sup>, na instância de enunciação, vamos apreendê-los nas suas organizações subjetivas. Concordamos com Maingueneau (1997, p. 33), quando afirma que a “instância de subjetividade enunciativa por um lado constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro ela o assujeita”. Então, nas práticas de subjetivação temos um sujeito relativizado, ora reproduzidor, mas também produtor de subjetividades. Essas subjetividades não são o produto da enunciação individual (sujeito como centro da enunciação), mas são o resultado de processos sociais, históricos e culturais que se dão em diferentes épocas e contextos, numa tensão entre o *sujeito produtor-reprodutor* de subjetividades. “O espaço da subjetividade na linguagem é tenso” (ORLANDI, 1996, p. 189). É dessa tensão que decorre a relatividade do sujeito como ser social, e também individual.

A emergência do sujeito heterogêneo e disperso se dá no campo do discurso: “um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade; [...] um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2004a, p. 61). Nessa rede de lugares distintos – que constitui a “topografia social” (MAINGUENEAU, 1997, p. 32) – os sujeitos aí se inscrevem, e ocupam diferentes posições conforme a Formação Discursiva (ou Formações Discursivas) que o domina, na qual ele se inscreve. A relação estabelecida entre o sujeito e a Formação Discursiva “determina qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2004a, p. 108). É esse sujeito heterogêneo, disperso em diferentes posições, que se constitui entre o “eu” e o “outro”, entre o “individual” e o “social” que vamos tomar como referência para analisar as práticas discursivas e evidenciar os processos de subjetivação e construções identitárias nos poemas de Cora Coralina.

---

<sup>3</sup>Para Foucault (2004a), a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo pode ser determinada pelo discurso; pela prática discursiva, as modalidades de enunciação, ao contrário de remeterem à função unificante de *um* sujeito, manifestam a sua dispersão. Portanto, a dispersão do sujeito é identificável não na superfície lingüística, mas na superfície discursiva.

## 1.2 - A noção de formação discursiva

Desde as primeiras pesquisas em Análise do Discurso, o conceito de formação discursiva foi uma das categorizações fundamentais dessa disciplina. Embora esse conceito tenha desaparecido dos estudos franceses, no início da década de 80, por volta dos anos 90, “surge uma nova modalidade de formação discursiva” (GUILHAUMOU, 2006, p. 27).

Considerando a pertinência da noção de formação discursiva, com a qual é possível demarcar a regularidade de enunciados dispersos e heterogêneos, é que nos propomos tomá-la como aparato teórico para nossa pesquisa. Nosso interesse é refletir sobre o conceito de formação discursiva, elencando três aspectos para essa escolha:

1º - apresentar a proposição desse conceito nas concepções teóricas de dois autores – Michel Foucault e Michel Pêcheux;

2º - verificar em que medida a formação discursiva está relacionada a uma ordem do discurso;

3º - tomar a noção de formação discursiva para uma reflexão acerca do processo de inscrição do sujeito em uma, ou diversas, formações discursivas, na teoria do discurso.

### 1.2.1 - Formação discursiva em Foucault e Pêcheux

O conceito de formação discursiva surge com Michel Foucault em sua obra *Arqueologia de saber* (1969). Segundo esse autor:

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva...* (FOUCAULT, 2004a, p. 43).

Michel Foucault parte da problemática dos enunciados no campo do discurso para dizer como eles pertencem à mesma ordem do discurso. Nessa direção de pesquisa, a noção de formação discursiva vai sendo formulada por meio de quatro hipóteses engendradas por Foucault, quais sejam:

- 1 – um conjunto de enunciados pode ser definido a partir da descrição e da dispersão desses objetos;
- 2 – pode-se dizer que um conjunto de enunciados pertence à mesma ordem do discurso ao se caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos e seu tipo de encadeamento;
- 3 – a descoberta de uma unidade discursiva seria possível se se buscasse a emergência simultânea e sucessiva dos conceitos, seu afastamento, a distância que os separa em sua incompatibilidade;
- 4 – definir um campo de possibilidades estratégicas e demarcar a dispersão dos pontos de escolha para individualizar conjuntos enunciativos.

Na impossibilidade de ver um princípio de organização dos enunciados a partir da referência a uma unidade dos enunciados, Foucault analisa a formação das modalidades enunciativas a partir de sistemas de dispersão dos enunciados.

Assim, esclarece o autor:

Daí a idéia de descrever essas dispersões: de pesquisar se entre esses elementos, que seguramente não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida que se escreveria, pouco a pouco, através do tempo, nem como a obra de um sujeito coletivo, não se poderia detectar uma regularidade: uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas. Tal análise não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos latentes; mas estudaria formas de repartição. [...] descreveria *sistemas de dispersão*. (FOUCAULT, 2004a, p. 42-43).

Essa análise de Foucault consiste em descrever os sistemas de dispersão. Com essa análise, foi possível a Foucault apontar as regularidades, não no campo das continuidades, mas no campo de suas dispersões. Ainda, por meio dessa análise, o autor pôde revelar a regularidade de uma prática discursiva, característica imanente das formações discursivas.

A noção de formação discursiva, segundo Foucault, é uma manifestação, no discurso, de uma regularidade de enunciados dispersos. Ou seja, as formações discursivas são constituídas por regularidades enunciativas.

E, como Foucault, podemos questionar qual é a natureza dessa unidade descoberta, ao que podemos responder com as palavras do próprio autor:

Havíamos partido de uma constatação: com a unidade de um discurso como o da medicina clínica, ou da economia política, ou da história natural, tratamos de uma dispersão de elementos. Ora, essa própria dispersão – com suas lacunas, falhas, desordens, superposições, incompatibilidades, trocas e substituições – pode ser descrita, em sua singularidade, se formos capazes de determinar as regras específicas segundo as quais foram formados objetos, enunciações, conceitos, opções teóricas: se há unidade, ela não está na coerência visível e horizontal dos elementos formados; reside, muito antes, no sistema que torna possível e rege sua formação. (FOUCAULT, 2004a, p. 80).

Para Foucault, a formação discursiva é um conjunto de enunciados submetidos a uma mesma regularidade e dispersos na sua heterogeneidade. Para ele, os discursos são uma dispersão e as regras que regem a formação dos discursos determinam a formação discursiva. Conforme afirma Granjeiro (2007, p. 35), temos:

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos lingüísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria etc. Isso quer dizer que, o que garante a unidade de um discurso clínico, por exemplo, não é a sua linearidade formal – sintática ou semântica - , mas algo comparável a uma diversidade de instâncias enunciativas simultâneas (protocolos de experiências, regulamentos administrativos, políticas de saúde pública etc) (GRANJEIRO, 2007, p. 35).

Portanto, a formação discursiva, na concepção de Foucault se constitui por um conjunto de enunciados dispersos e, por meio das relações entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas é possível definir, a partir da dispersão, uma regularidade.

Na Análise do Discurso, o tema da formação discursiva aí se inscreve, por meio do trabalho de Pêcheux. Com o texto de Pêcheux e Fuchs (AD 1975), o qual constitui uma revisão teórica da AD 1969, podemos evidenciar:

[...] a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar. (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p. 166-167).

A partir dessa evidência, podemos perceber que Michel Pêcheux, ao caracterizar a formação discursiva, coloca em cena o papel da Formação Ideológica (FI). A formação ideológica constitui o lugar em que há a luta, ela está diretamente relacionada à luta de classes, em uma dada formação social, em dado momento. Temos, então, que uma formação discursiva é caracterizada por uma formação social, a qual, por sua vez, se liga a uma, ou diversas formações ideológicas. Pêcheux afirma que as formações ideológicas são representações de forças que se confrontam em uma formação social em dado momento. As formações ideológicas são representadas na linguagem pelas formações discursivas que determinam “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p. 166).

Com isso, Pêcheux inscreve, em suas reflexões, a relação da Ideologia com o discurso:

Logo, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”: esta lei constitutiva da *Ideologia* nunca se realiza “em geral”, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção... (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p. 167).

Essa relação - a da ideologia com o discurso – acontece por meio da *interpelação* do sujeito, ou *assujeitamento ideológico* do sujeito, o que implica que o sujeito não é fonte de seu dizer e que os processos discursivos não têm sua origem no sujeito. Os indivíduos são interpelados em sujeitos pelas formações discursivas, as quais dissimulam, na transparência do sentido que nelas se forma, a ilusão do sujeito como fonte do sentido.

Pêcheux coloca o sentido no interior das formações discursivas. O discurso (efeito de sentido) é da ordem das formações discursivas, ou seja, ele recebe seu sentido da formação discursiva que o determina. Disso decorre que os sentidos são ideológicos, são da ordem das formações discursivas, não são da ordem da língua, nem do indivíduo. A

formação discursiva é uma instância reguladora da discursividade, uma vez que os efeitos de sentido do dizer são determinados por essa mesma formação discursiva.

No processo discursivo, as referências enunciativas são reguladas pelas formações discursivas, isto é, o que é dito pelo sujeito é selecionado pela formação discursiva com a qual ele – o sujeito – se identifica. Trata-se do esquecimento nº 2 postulado por Pêcheux (PÊCHEUX, 1997b, p. 173), segundo o qual o sujeito, pela interpelação ideológica, vê os sentidos de seu dizer como transparentes, como evidentes. Já o esquecimento nº 1, também postulado por Pêcheux, se caracteriza pela ilusão do sujeito como fonte, origem de seu dizer, isto é, pelo efeito ideológico, o sujeito se vê como “dono de seu dizer”. Assim, as seqüências discursivas se estruturam na zona do esquecimento nº 2, o qual regula a relação entre o dito e o não-dito; enquanto o esquecimento nº 1 regula a zona do esquecimento nº 2, ou seja, o esquecimento nº 1 domina o esquecimento nº 2 porque oculta o processo de produção das seqüências discursivas e, assim, cria a ilusão de que o sujeito pré-existe ao discurso e está na origem do sentido. Portanto, o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o domina: o sujeito é constituído por dois tipos de esquecimento, por uma articulação entre ideologia e inconsciente.

Com o conceito de formação discursiva, Pêcheux está “despsicologizando” o sentido, está tirando do caráter do pensamento para tratar da sua materialidade. Pêcheux quer mostrar que o sentido tem uma existência material, ou seja, o discurso tem uma forma material na língua e, pelo efeito ideológico, as evidências do dizer mascaram a opacidade da língua, produzindo o efeito de transparência do(s) sentido(s) na linguagem.

A formulação do conceito de formação discursiva foi elaborada por Michel Foucault na *A arqueologia do saber* e, posteriormente, Michel Pêcheux fez a reconfiguração desse conceito à luz das teses althusserianas. Pêcheux elabora a noção de formação discursiva, para a Análise do Discurso, a partir da noção postulada por Foucault. Entretanto, essa noção se reveste de outra configuração, uma vez que, para Pêcheux, a noção de formação discursiva se constitui pelo viés da ideologia. Isto é, o autor relaciona o conceito de formação discursiva à questão da ideologia e da luta de classes.

É importante considerar “o contexto epistemológico, teórico e político tenso” (GRANJEIRO, 2007, p. 36) para compreendermos as diferenças que marcam a noção de

formação discursiva para Pêcheux e Foucault, haja vista que a “perspectiva foucaultiana era contestada pelos marxistas althusserianos” (GRANJEIRO, 2007, p. 36).

Pêcheux sustenta a noção de ideologia na perspectiva do marxismo, o qual tem a luta de classes como motor da história, e a considera (a ideologia) como aspecto constitutivo para o estatuto das formações discursivas. Para Pêcheux (1997b, p. 160), as formações discursivas existem historicamente nas relações de classes sociais “a luta de classes”.

Foucault, diferentemente, distancia-se da ideologia, ao conceber as formações discursivas, porque “ele trabalha com a constituição de saberes/poderes” (GRANJEIRO, 2007, p. 35), ao invés de ideologia. Para Foucault, as formações discursivas se relacionam com as formações sociais, sem considerar a classe social, a ideologia.

Conforme afirma Gregolin:

e, se não há nele as idéias de “ideologia” e de “luta de classes” é porque pensa uma “analítica do poder” pela lente de uma micro-física. [...] Foucault, em muitos dos seus *ditos e escritos*, vem tratando das relações entre o discurso e os poderes, abordando, a partir de análises históricas, as tecnologias do poder e a produção dos saberes na sociedade ocidental. Ocupa lugar central, nesses estudos, a idéia de que, historicamente, desenvolveram-se *sociedades disciplinares*, nas quais o poder, exercido sobre os corpos, obedece a técnicas e mecanismos que organizam o sistema de poder e de submissão. (GREGOLIN, 2004, p. 131).

Nesse trajeto, Foucault desenvolve uma noção de formação discursiva que se representa pelo confronto das relações de força inseridas nos discursos, ou seja, as formações discursivas são representadas pelo jogo de poder que se instaura nos discursos.

### **1.2.2 - Formação discursiva e a inscrição do sujeito – uma perspectiva pecheuxtiana**

Nosso objetivo é mostrar como a noção de formação discursiva se relaciona à inscrição do sujeito, isto é, o sujeito, ao enunciar, se inscreve em uma formação discursiva

ou várias FDs. Para isso, buscamos embasamento teórico, também, no trabalho de Jean-Jacques Courtine, o qual utiliza a perspectiva teórica desenvolvida por Pêcheux.

Conforme afirma Courtine, “É no seio de uma formação discursiva que se realiza o “*assujeitamento*” do sujeito (ideológico) do discurso” (COURTINE, 1981, p. 3). Mas, antes de colocarmos a questão da inscrição do sujeito na formação discursiva, convém explicitarmos, de maneira breve, a noção de sujeito na perspectiva foucaultiana e na perspectiva pecheuxtiana. Retomaremos, aqui, as concepções sobre as quais discorreremos anteriormente, no estudo específico sobre o sujeito.

O sujeito, na concepção de Foucault (2004a, p.105), é uma *posição-sujeito*:

[...] o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos [...] e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.

E, ainda conforme Foucault (2004a, p. 108):

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse ( ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Desse modo, o sujeito do discurso é uma *função vazia* que pode ser ocupada por diferentes *posições-sujeito*, na concepção de Foucault. É *posição-sujeito* porque entra na ordem do discurso e ocupa uma faceta, uma posição (ou várias?).

Na teoria de Pêcheux, o sujeito é concebido como uma *forma-sujeito*. Essa forma-sujeito é representada pela maneira como se dá a identificação do sujeito com uma formação discursiva que o constitui, ou seja, há um entrelaçamento na relação entre a formação discursiva e a forma-sujeito, a qual relaciona de diferentes modos com as diversas formações discursivas.

Com relação à noção de sujeito desses dois teóricos – Foucault e Pêcheux -, Courtine (1981, p. 13) afirma:

Concebemos, pois, uma *posição de sujeito* como uma relação determinada que se estabelece numa formulação entre um sujeito enunciator e o sujeito de saber de

uma FD dada. Essa relação é uma relação de identificação, cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que lhe são ligados é o domínio da descrição da forma-sujeito.

O antissubjetivismo de Foucault o conduz, aqui, concebendo uma posição de sujeito como simples intercambialidade dos locutores, a negligenciar os processos de identificação pelos quais um sujeito falante é constituído em sujeito ideológico de seu discurso; nós nos separamos dele em relação a esse ponto da problemática da *Arqueologia*, na medida em que ele elide de fato o mecanismo do assujeitamento.

Reportando-nos ao pensamento de Pêcheux, no que se refere ao assujeitamento do sujeito no interior de uma formação discursiva, tentaremos explicitar como essa noção (FD) se relaciona à inscrição do sujeito. É no trabalho de Pêcheux, perpassado pelo viés da ideologia, que podemos constatar como se dá o assujeitamento ideológico do sujeito no âmbito da formação discursiva. Em *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux (1997b, p. 214) afirma:

Dissemos mais acima que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”.

Pêcheux acrescenta que essa interpelação supõe um desdobramento do sujeito do discurso em *sujeito da enunciação*, aquele que “toma posição”, e em *sujeito universal*, aquele da ciência, da formação discursiva. Nesse sentido, as palavras de Courtine reiteram o pensamento de Pêcheux:

a interpelação-assujeitamento do sujeito falante em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação desse último ao sujeito universal da FD; o sujeito enunciador é, nessa perspectiva, produzido como um efeito das modalidades dessa identificação; é, nos termos de PÊCHEUX, o domínio da *forma-sujeito*. (COURTINE, 1981, p. 5).

Essa identificação do sujeito acontece por meio de uma tomada de posição do sujeito da enunciação, a qual assume três modalidades:

Primeira modalidade – o sujeito coloca à mostra o processo de seu assujeitamento por meio de uma identificação com a formação discursiva; o interdiscurso da formação discursiva

determina a identificação do sujeito com essa mesma formação discursiva, de modo a reproduzi-la plenamente.

Segunda modalidade – o sujeito se identifica parcialmente com a formação discursiva; há uma identificação com questionamentos, com dúvidas, com restrições em relação à formação discursiva.

Terceira modalidade – o sujeito da enunciação toma uma posição de desidentificação com o sujeito universal da formação discursiva; ocorre uma separação, um distanciamento, uma luta ideológica, uma contra-identificação com uma formação discursiva para identificar-se com outra FD.

Dessa forma, podemos perceber de que modo, pelo processo de assujeitamento ideológico, ocorre a inscrição do sujeito na formação discursiva durante as práticas discursivas; trata-se, conforme Pêcheux, de um trabalho de *recobrimento-reprodução-reinscrição* do sujeito em relação à formação discursiva.

Conforme as palavras de Courtine (1981, p. 10):

isso implica que toda seqüência discursiva deve ser tomada enquanto objeto apreendido num processo discursivo de reprodução/transformação dos enunciados no interior de uma FD dada: *o estudo do intradiscurso que uma tal seqüência manifesta é indissociável da efetiva consideração do interdiscurso da FD.*

Portanto, Pêcheux concebe o discurso como uma prática por meio da qual o sujeito se inscreve em uma posição, no interior de uma dada formação discursiva. Para ele, interessa a posição do sujeito na (da) formação discursiva. No interior da formação discursiva é possível, ao sujeito, aproximar-se, identificar-se ou divergir-se, contra-identificar-se, marcando uma posição heterogênea que o constitui enquanto sujeito dividido, clivado, atravessado pelo outro.

### 1.2.3 - Formação discursiva e a ordem do discurso – uma perspectiva foucaultiana

Vamos verificar em que medida a formação discursiva está relacionada a uma ordem do discurso. Para isso, vamos considerar o ponto de vista teórico de Foucault, uma vez que esse autor desenvolveu um estudo sobre a emergência e o controle dos discursos, com o método arqueológico.

Com o método arqueológico, Foucault quer mostrar que as sociedades em que vivemos são sociedades de discurso. Essas sociedades não permitem tudo, ou seja, elas comportam em si procedimentos que têm por função controlar a produção dos discursos; não se pode falar tudo, há interdições e, nesse sentido, a interdição constitui o processo civilizatório em nossas sociedades: a todo momento somos convidados a medir nossas palavras.

Por meio da arqueologia, Foucault destaca que a ordem do discurso aparece na descontinuidade, no caos; qualquer possibilidade de unidade está na dispersão do discurso – uma unidade na dispersão.

Foucault, ao individualizar e descrever as formações discursivas, dirige seu interesse para as práticas articuladas ao discurso ou práticas discursivas, as quais são constituídas por um conjunto de regras que estabelecem a ordem da entrada do sujeito no discurso por meio do exercício da enunciação. Seu objetivo é perceber os discursos enquanto práticas que obedecem a regras. Conforme assevera o autor,

o discurso é constituído por um conjunto de seqüências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar [...] que a lei de tal série é precisamente o que chamei, até aqui, *formação discursiva*, se conseguir demonstrar que esta é o princípio de dispersão e de repartição, não das formulações, das frases, ou das proposições, mas dos enunciados (no sentido que dei à palavra), o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação... (FOUCAULT, 2004a, p. 122).

Diante do pensamento de Foucault, podemos considerar que um enunciado pertence a uma formação discursiva, com uma regularidade definida pela própria formação discursiva. Disso decorre o que afirmamos anteriormente, ou seja, a formação discursiva é

uma instância reguladora dos discursos e, como tal, ela comporta os sistemas de regulação que regem os enunciados e, portanto, a ordem do discurso.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1971) trata dos sistemas de controle dos discursos, entre os quais cita: a interdição, a segregação, a vontade de verdade, o comentário, o autor, as disciplinas, o ritual, as sociedades de discurso, a doutrina e as apropriações sociais. Com isso, o autor coloca esses sistemas como “grandes procedimentos de sujeição do discurso” (FOUCAULT, 2004b, p. 44).

Eis a hipótese apresentada por Foucault (2004b, p. 8-9):

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Com essa sujeição do discurso, podemos perceber que o funcionamento do discurso se dá, efetivamente, por um conjunto de regularidades, de regras que constituem a formação discursiva; e essa mesma formação discursiva define as regularidades que legitimam os enunciados pertencentes a ela.

Nesse sentido, é possível dizer que os processos discursivos são regulados, controlados pelas formações discursivas, as quais definem, pelo princípio de dispersão e repartição dos enunciados, as regras que os governam e os regulam, estabelecendo, assim, a ordem do discurso, pois, nem tudo pode ou deve ser dito no acontecimento discursivo. Dito de outro modo, a ordem do discurso se configura por meio de procedimentos de controle e regulação dos discursos estabelecidos pelas formações discursivas, num processo que se constitui por relações de aliança e/ou relações de transformação.

Cabe ressaltar, então, a questão do sujeito na perspectiva foucaultiana: o sujeito se constitui ao se inscrever na ordem do discurso sob o controle das formações discursivas. Ao desempenhar seu papel nas práticas discursivas, há, necessariamente, uma incursão do sujeito na formação discursiva que o determina e o constitui. Ele se “torna” sujeito porque “entra” na ordem do discurso, ocupando, sempre, uma faceta, uma posição. Os sujeitos não preexistem para “entrar” na ordem do discurso, ao contrário, eles se constituem a partir das relações conflituosas ou harmônicas que se dão no campo das práticas discursivas.

Trouxemos o conceito de formação discursiva desses dois teóricos para respaldar nosso trabalho porque pensamos que eles não se excluem – mesmo apresentando abordagens diferentes – e são pertinentes para as análises que intentamos realizar no *corpus* literário de Cora Coralina.

*Sem rebuço, falo sim.  
Publico para quem quiser.  
Arrogante digo a todos.  
Sou Paranaíba pra cá.  
E isto chega pra mim.  
(CORALINA, 2003, p. 79)*

## Capítulo II

### 2 – A constituição do sujeito partilhado

No capítulo I, delimitamos o arcabouço teórico para desvelar o sujeito da Análise do Discurso, enfatizando seu descentramento. Neste capítulo, vamos apresentar os pressupostos teóricos que também subsidiarão a análise do *corpus* a partir da heterogeneidade na materialidade lingüística. Aqui, nossa questão é: o que fazer a partir da desconstrução, da descontinuidade, do descentramento do sujeito?

Tomamos como pressuposto, para abordar a questão do sujeito descentrado, a noção de diferença tomada não como predicativo, mas enquanto posição. Nesse sentido, partindo do descentramento do sujeito e da representação heterogênea que o constitui, vamos “reconstruí-lo” na linguagem que ele enuncia e que na verdade o enuncia (CLÉMENT, 1975 b, p 53, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 65). Por meio da heterogeneidade constitutiva - própria ao discurso, às palavras do sujeito – vamos “captar” a presença do outro/Outro<sup>4</sup> que coloca em risco a identidade do “um”. Vamos perceber o movimento de deslocamento desse sujeito que é descentrado, que se dispersa, que desaparece na fala heterogênea e que, num movimento de retorno, marca sua identificação, emerge nas posições enunciativas em seu próprio discurso.

#### 2.1 - Subjetividade

---

<sup>4</sup> Authier-Revuz, ao instituir e descrever o conceito de heterogeneidade, convoca dois campos teóricos exteriores à lingüística – o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise – para mostrar que todo discurso é “constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”. A autora utiliza as duas versões do ‘outro’ conforme as teorias de Bakhtin e de Lacan. Para Bakhtin, o ‘outro’ é concebido ideologicamente como constitutivo da linguagem e refere-se ao interlocutor e aos outros discursos constitutivos de qualquer discurso. Para a psicanálise de Lacan, o ‘Outro’ “é o lugar estranho, de onde emana todo discurso: lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda subjetividade (CLÉMENT, 1976, p. 117 apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64).

O sujeito discursivo – efeito de linguagem – ocupa uma posição, um lugar de onde enuncia e é essa posição enunciativa que ele ocupa – em função de sua posição social – que determina o que ele pode ou não dizer e, assim, controlar seu discurso. O sujeito tem a ilusão de controlar suas palavras, seu dizer; tem a impressão da realidade do pensamento: “eu sei o que eu digo”, “eu sei do que eu falo” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 176). Trata-se da ilusão subjetiva que se dá na zona do esquecimento *número dois* (PÊCHEUX, 1997b), o qual é do domínio da enunciação. As seqüências discursivas que são selecionadas e ditas pelo sujeito, bem como aquelas que são rejeitadas e não-ditas por ele, são reguladas pelo esquecimento *número dois*, nos processos de enunciação. É essa ilusão necessária que constrói o sujeito como “portador de escolha, intenções, decisões” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 175), um sujeito como “centro” de uma subjetividade. Pelo esquecimento *número dois*, o sujeito tem a apreensão do real (uma tomada do real como contradição) por meio de uma identificação imaginária com o outro (um outro eu), ao mesmo tempo em que há uma ruptura com o Outro (um outro barrado, incompleto), pois “não reconhece sua subordinação, seu assujeitamento a esse Outro” (PÊCHEUX, 1997b, p. 163). Por um lado, há uma identificação e o indivíduo se reconhece como sujeito de uma realidade histórico-social; pela interpelação-assujeitamento às formações ideológicas e discursivas, mas o sujeito se vê como causa ou origem de si mesmo: um sujeito enunciador, dono de seu de seu dizer. Por outro lado, o sujeito se contra-identifica, rompe com o exterior que o constitui e não reconhece seu assujeitamento, sua constituição pelo Outro. Desse modo, o sujeito se constitui pelo esquecimento das formações ideológicas que o assujeitam e pelo esquecimento da identificação com a formação discursiva que o domina. Nesse processo, sócio-histórico, o sujeito se constitui, se representa como uma unidade imaginária, uma homogeneidade, uma subjetividade em evidência; o sujeito se mostra em um lugar onde ele não se vê. Temos um sujeito discursivo, isto é, um falante enquanto subjetividade.

No acontecimento discursivo por meio de posições-sujeito ocupadas por ele, temos um efeito de subjetividade e, como tal, o sujeito marca sua representação imaginária como centro dessa subjetividade. Desse modo, o sujeito, aparentemente, tem o poder para interferir na sua subjetividade, mas, ao contrário, há limites para a tomada de posição do sujeito e esses limites lhe são exteriores, estão fora de si e controlam suas práticas de

subjetivação. Assim, o sujeito, ao dizer “eu sou”, é um efeito subjetivo que se constitui no imaginário social; ser sujeito é existir em um dado lugar social.

Segundo Michel Foucault, a subjetividade não é efeito de um assujeitamento total do indivíduo às determinações sociais, mas, é um processo pelo qual o indivíduo se torna sujeito resistindo, rompendo com uma (ou várias?) ordem social que o determina. Pela resistência há um movimento de subjetividade, isto é, a resistência faz mover o sujeito uma vez que ela implica relações de oposição.

Foucault ao estudar a objetivação do sujeito – o *ser sujeito* em um dado lugar social, por meio de elementos de identificação – trabalha “o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Seu objetivo era “promover novas formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1995, p. 239), ou seja, promover o sujeito subjetivado (de natureza sócio-histórica) que vai ser objetivado através do “eu” por meio das práticas de subjetivação e constituição identitária.

Foucault, em entrevista a Sérgio Rouanet (1996, p. 29-31), afirma que há um deslocamento da categoria de sujeito em relação à proposição do campo filosófico:

a interrogação do filósofo não é mais saber [...] como o mundo pode ser vivido, experimentado, atravessado pelo sujeito. O problema é agora saber quais as condições impostas a um sujeito qualquer para que ele possa se introduzir, funcionar, servir de nó na rede sistemática do que nos rodeia. [...] Tudo isto anuncia atualmente uma espécie de pensamento em que o grande primado do sujeito, afirmado pela cultura Ocidental desde a Renascença, se vê contestado.

Desse modo, o trabalho de Foucault rompe com as filosofias às voltas com o sujeito enquanto ser livre de qualquer dominação, enquanto subjetividade dada e permanente, e visa à explicitar o modo como o indivíduo se torna sujeito de suas práticas cotidianas. Interessa, para Foucault, as práticas de poder que atuam na constituição do sujeito. Por um lado, o sujeito é submetido, controlado, dependente das práticas de coerção que o produzem enquanto sujeito; por outro, o sujeito se constitui num processo subjetivo pelas práticas de liberdade, pelo conhecimento de si. Trata-se de um mesmo processo – contraditório – no qual há a unidade e a dispersão do sujeito. O indivíduo, portanto, se torna sujeito por meio de relações de poder e práticas de subjetivação que fabricam a unicidade de cada um.

De acordo com Paiva (2000), o trabalho crítico do pensamento em Foucault é derrubar as certezas da filosofia da subjetividade, da figura do sujeito autônomo, doador de sentido ao mundo. Mostrando que o sujeito não é um dado, mas sim algo constituído, interessa a Foucault mostrar o processo de constituição do sujeito; “interessa a desconstrução da evidência da subjetividade” (PAIVA, 2000, p. 51).

Empregando palavras de Paiva (2000, p.51), temos:

*quem somos* não é uma questão meramente pessoal, psicológica, existencial, mas engaja a pergunta pelo *que viemos a ser* com relação às práticas que *nos constituem/subjetivam*, as quais organizam nossa relação conosco e com os outros. Quem somos, em Foucault, é imediatamente perguntar *como poderíamos ser de outra forma, como poderíamos estabelecer outra forma de convivência, como pensar de outro modo*. [...] Sublinhando que trata-se de uma contingência, abrindo “a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos”, projetando, “o mais longe possível, o trabalho indefinido da liberdade”.

Foucault propõe uma subjetividade resultante dos jogos de poder, de saber e de verdade, nos quais nos constituímos social e coletivamente. Para o autor, o processo subjetivo funciona por meio de um conjunto de dispositivos e estratégias capazes de subjetivar, isto é, construir os sujeitos; e assim somos capazes (enquanto sujeitos) de identificar nossas possibilidades de ação. Daí, o trabalho indefinido da liberdade, do qual nos fala Paiva, na citação acima.

## 2.2 - Singularidade

No texto *Só há causa daquilo que falha*, publicado no anexo de “Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio”, Pêcheux, revendo a noção de forma-sujeito, dirá que o sujeito da teoria apresenta uma singularidade que se estrutura pelo viés da ideologia e do inconsciente. Ou seja, Pêcheux atribui à singularidade um estatuto ideológico e inconsciente; o assujeitamento e o inconsciente constituem o sujeito da teoria pecheuxtiana:

Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*non-sens* do sujeito dividido (PÊCHEUX, 1997b, p. 300).

Pêcheux defende o assujeitamento ideológico, mas considera que este não é perfeito; há algo que falha, há uma desidentificação que se manifesta pelos traços inconscientes do significante sob a forma de lapsos, chistes, atos falhos. Nesse processo, de interpelação ideológica do sujeito, há espaços de resistência e falhas; disso decorre que o processo de identificação/assujeitamento não se faz de forma homogênea e completa, pois ele (o sujeito) é afetado pelo discurso do Outro (inconsciente simbólico) e, assim, a ordem simbólica o domina. Temos, então, o sujeito como processo (de representação) interior que se efetiva pela ordem do significante, no campo simbólico; um sujeito que se constitui preso à rede simbólica, “no sentido que lhe dá J. Lacan: o sujeito é ‘preso’ nessa rede” (PÊCHEUX, 1997b, p. 157).

Conforme nos afirma Ferreira (2004, p. 43)

há aqui um ponto de aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso. Ambos são determinados e condicionados por uma estrutura, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Dessa forma, sujeito, linguagem e discurso poderiam ser concebidos como estruturas às quais se têm acesso pelas falhas. Esse deslocamento teórico da noção de estrutura, afastando-se da concepção cunhada pelo estruturalismo e inscrevendo-se como um novo paradigma no seio das ciências da linguagem, constitui-se numa das grandes e revolucionárias contribuições de Pêcheux para os estudos da área.

A categoria de sujeito da Análise do Discurso se constitui em função de um duplo deslocamento: em ralação à proposição do campo da filosofia e em relação à proposição do campo da psicanálise (Freud via Lacan). Temos, assim, a categoria de sujeito deslocada para Análise do Discurso: um sujeito determinado pela clivagem, pelo assujeitamento, pelo inconsciente e pelas condições sócio-históricas que o constituem.

Desse modo, na relação entre sujeito e linguagem é que, para a Análise do Discurso, o sujeito é apenas um efeito da linguagem, um produto de seu discurso, não tendo, portanto, a capacidade de controlar a produção de sentidos de seus dizeres. O discurso do sujeito é

afetado por uma fala heterogênea, polifônica, é atravessada pelo discurso do Outro. O sujeito é atravessado pelo inconsciente e, assim, se constitui dividido, fragmentado, descentrado. Além disso, o sujeito se constitui assujeitado, interpelado pela ideologia. Temos, então, o sujeito da Análise do Discurso duplamente afetado pela ideologia e pelo inconsciente, mas, com possibilidade de “produzir” sua marca, sua singularidade no campo simbólico, conforme nos mostra Paul Henry (1992, p. 188-189): o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação.

O pensamento de Michel Foucault também apresenta o modo como o indivíduo, no campo das relações sociais e imerso no reino da linguagem, constitui a objetivação do sujeito, isto é, ele marca uma posição de singularidade. Para Foucault, o exercício do poder possibilita controlar os indivíduos, ou seja, o poder sujeita o indivíduo e, ao mesmo tempo, o objetiva, dando-lhe uma marca singular. O poder opera por meio de discursos e daí decorre que o sujeito é constituído por meio da linguagem, é objetivado e sujeitado nas/às práticas discursivas. O sujeito é produzido por discursos que veiculam poder e saber. A identificação do sujeito com as subjetividades produzidas nas instâncias discursivas cria uma representação imaginária desse sujeito enquanto uma individualidade, uma singularidade.

Entretanto, assim como Pêcheux assinala, para o sujeito, a possibilidade de resistir, de não se assujeitar totalmente à interpelação ideológica, também Foucault constata a resistência do sujeito, em meio às relações de poder, “para lutar contra as formas de subjetivação e submissão” (FOUCAULT, 1995, p. 235). No âmbito das práticas discursivas, por meio das relações de poder, o sujeito pode investir em diferentes modos de subjetivação, em diferentes singularidades e, principalmente, romper com os modelos instituídos socialmente. Cabe ressaltar, aqui, que essas rupturas do sujeito não são da ordem das totalidades; não há, portanto, a idealização das rupturas.

Escrevendo sobre “o sujeito e o poder”, Foucault (1995, p. 234) afirma que “usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder” implica relações de oposição e, para isso, o autor investiga as formas de resistência a partir de lutas contemporâneas, definindo o que elas têm em comum. Foucault acredita que o objetivo dessas lutas sociais é constituir uma técnica, uma forma de poder que tem efeitos sobre o sujeito:

esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Isso nos faz refletir sobre “a luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade” (FOUCAULT, 1995, p. 236), sobre a resistência que faz mover algo, que provoca um movimento de subjetividade e cria um campo de possibilidade onde os sujeitos podem se constituir marcados também pela singularidade.

## 2.3 – Identidade

Considerando a interpelação ideológica althusseriana e o atravessamento inconsciente postulado por Lacan, Pêcheux explicita o funcionamento do discurso e, conseqüentemente, do sujeito discursivo “sob a forma da autonomia” (PÊCHEUX, 1997b, p. 163), sob a forma de uma identidade do sujeito como causa de si, como responsável por seus atos, enfim, como sujeito livre e autônomo.

Entretanto, o processo de identificação que constitui o sujeito é atravessado por desigualdades e contradições, o que leva Pêcheux a assumir a falta, o equívoco e a incompletude como constitutivos da linguagem, do discurso e, portanto, do sujeito:

não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação. [...] A posição de trabalho que aqui evoco em referência à análise do discurso [...] supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados. (PÊCHEUX, 2002, p. 56-57).

É no ato de interpretação por meio da relação com o outro (alteridade) que o sujeito pode tomar posição e marcar uma ligação, uma identificação com filiações históricas e sociais. Esse processo de identificação do sujeito se opera no funcionamento discursivo e é condicionado, é atravessado por determinações do inconsciente e da ideologia.

Conforme Rodríguez-Alcalá (2005, p. 16-17):

...Pêcheux intervém, introduzindo o discurso como objeto em cujo funcionamento se opera a ligação entre inconsciente e ideologia, isto é, entre os complexos mecanismos de elaboração e articulação da *individualidade* do sujeito e da natureza *social* de sua existência. É *na* e *pela* língua, enquanto base material do discurso, que são produzidas as ilusões que colocam o sujeito no centro e origem de seus pensamentos e de suas intenções, constituindo *ser da consciência individual* e o *ator social*, objetos da reflexão crítica da psicanálise e do marxismo. Como dissemos em outra ocasião (RODRÍGUEZ, 2000), por Freud sabemos que o sujeito não é onde *se pensa*, pois sua consciência está descentrada pelo inconsciente; por Marx, que o sujeito não *age* onde *tenciona*, pois suas intenções estão descentradas pela ideologia (o *Outro* da história, como diz Eni Orlandi); por Pêcheux, que isso se dá *em* e *por meio* dos mecanismos lingüísticos que sustentam o discurso.

No movimento de interpretação, de construção de sentidos, temos a identidade do sujeito, a qual é determinada pelo modo como a língua e a história constituem esse sujeito. Há, portanto, uma dupla ilusão para o sujeito: de ser *a origem* e *o dono* de seu dizer. Essa ilusão necessária é produzida pelas formações imaginárias na relação discursiva do sujeito. “O mecanismo imaginário produz imagens do sujeito dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2002, p. 40-41) e, assim, as identidades resultam de processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia. Portanto, “a identidade, como o sujeito, não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2005, p. 43).

Na perspectiva de Michel Foucault, pelo exercício de poder e submissos a ele, os indivíduos se conformam às identidades culturais e, assim, expressam um modo de subjetividade. Os modos de subjetivação se desenvolvem por meio de relações de poder nas experiências e práticas cotidianas dos indivíduos. O sujeito é subjetivado pelas identidades culturais de uma dada época. Esse sujeito subjetivado se estabelece através de práticas discursivas. Ou seja, ele é o resultado de suas experiências sociais, históricas e culturais.

Ser sujeito, na analítica de Foucault, implica a ocupação de um lugar na estrutura social, isto é, é existir em um dado lugar social e, enquanto sujeito de experiências, exercer

o poder no cotidiano e, por meio de suas práticas, romper com condutas socialmente estabelecidas.

Centrado nas relações sociais, pelo exercício do poder, em lugares socialmente marcados, o indivíduo tem a possibilidade de tornar-se sujeito:

é uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Foucault, ao tratar do sujeito subjetivado, vai falar em novas formas de subjetividade em contraposição a um sujeito unificado e soberano, portador de uma identidade fixa em sua continuidade.

Nas práticas de subjetivação e constituição identitária, o sujeito subjetivado, de natureza sócio-coletiva, vai ser objetivado através do “eu”, ligando-se, desse modo, a uma identidade que lhe é dada como própria.

Entretanto, nesse processo, o indivíduo precisa estar instituído socialmente, pois, as formas de objetivação do sujeito se articulam com as relações de poder e estas se dão via instituição. Portanto, como não há poder sem instância social, haja vista que é a instância social que legitima o poder e autoriza o sujeito a exercê-lo, também não há sujeito identitário fora da instância social, pois a objetivação do sujeito se dá por meio de elementos de identificação com um dado lugar social.

Ao abordar a subjetividade, Foucault leva em conta as práticas sociais e políticas que condicionam as formas de relações entre os indivíduos. A subjetividade está vinculada aos acontecimentos e práticas culturais por meio dos quais o indivíduo se constitui um sujeito identitário.

## 2.4 - Construção das posições de identidade

Ao abordarmos, nesta pesquisa, *as práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina*, consideramos necessário promover uma inter-relação entre o conceito de sujeito e de identidade, haja vista que esses conceitos encontram-se imbricados. Partindo do pressuposto de que as práticas de subjetivação participam das construções identitárias do sujeito, e de que a noção de identidade não pode ser pensada sem uma referência à noção de sujeito, é que propomos uma inter-relação entre esses dois conceitos teóricos, numa perspectiva pós-moderna, em contraposição a uma perspectiva essencialista dos estudos estruturalistas.

Ainda que de forma sucinta, discorreremos, anteriormente, sobre a noção de sujeito contemplada no campo da Análise do Discurso, destacando o processo subjetivo do sujeito inserido nesse campo teórico. Vamos enfocar, neste tópico, algumas reflexões em torno da noção de identidade, lançando um olhar para a fragmentação do sujeito pós-moderno vislumbrado nos estudos de Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward e Stuart Hall.

Para nossa reflexão, em torno da noção de identidade, vamos abordar o conceito de diferença não como predicativo, mas enquanto posição nas relações de poder que provocam deslocamentos dos sujeitos, nas práticas histórico-culturais.

Silva (2003) chama a atenção para o fato de que o processo de produção de identidade, tal como acontece nos processos discursivos, na linguagem, ocorre entre dois movimentos: um em favor da estabilização e fixação da identidade e outro que impede a sua fixação. “A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2003, p. 84).

Para Silva (2003), os estudos culturais pós-estruturalistas têm desenvolvido uma teoria para descrever e explicar os processos de produção de identidades, tanto aqueles que tentam fixá-la, quanto aqueles que impedem sua fixação. Nessa perspectiva, a teoria cultural tem ressaltado os movimentos que, em oposição ao essencialismo cultural - movimento de fixação da identidade – subvertem essa identidade, contrapondo-se, desse modo, à sua essencialização. Esses movimentos permitem o processo de hibridização entre identidades e, assim, as identidades híbridas não são mais identidades hegemônicas: há,

portanto, uma possibilidade de questionar, de colocar em xeque os processos que tendem a enfatizar as identidades como insolúveis e delimitadas, segregadas em suas diferenças. Os processos de hibridização permitem a desestabilização e a subversão das identidades fixas, hegemônicas e, ao mesmo tempo, evidenciam “o caráter ambíguo e artificial de todas as identidades” (SILVA, 2003, p. 89). Para a teoria cultural, a identidade e a diferença se sustentam sob as bases de sistemas de representação. O conceito de representação postulado pelos teóricos dos estudos culturais é concebido como um sistema de significação; trata-se de uma teorização contrária à idéia clássica de representação, conforme afirma Silva (2003, p. 90),

nesse contexto, a representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação *pós-estruturalista*. Isto significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material. [...] A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior.

Essa noção de representação externa concebe a linguagem e, por extensão, todo sistema de significação, como uma estrutura instável, ambígua e indeterminada. Nesse sentido, a representação, enquanto sistema de significação, é uma forma de atribuição de sentido e, como tal, sofre deslocamentos e “incorpora todas as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidade atribuídas à linguagem” (SILVA, 2003, p. 91). Ainda com palavras de Silva, temos:

a representação não aloja a presença do “real” ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (SILVA, 2003, p. 91).

Assim, a identidade e a diferença, para que tenham sentido, para que existam, precisam ser representadas e, portanto, dependem dessa noção de representação que marca as relações entre cultura, significado e poder.

Para Woodward (2003, p. 17), “a representação estabelece identidades individuais e coletivas ao produzir as posições-de-sujeito que cada um de nós pode e deve ocupar para sermos sujeitos em seu interior”. Temos as identidades – posições subjetivas – produzidas pelo sistema de representações, que produz os significados por meio dos sistemas simbólicos. Por meio dos sistemas simbólicos, dos significados, construímos nossas identidades: “aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar” (Woodward, 2003, p. 17). Portanto, para Woodward (2003, p. 17), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”.

Nessa perspectiva, Woodward (2003, p. 18) nos fala de *identificação*: “processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. Isso torna possível a existência de diferentes significados, sendo alguns preferidos e outros estigmatizados.

Conforme Woodward (2003), toda instância simbólica cria identidades ou posições-de-sujeito por meio de relações de poder:

todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (WOODWARD, 2003, p. 18-19).

De certo modo, somos posicionados e também posicionamos a nós mesmos, na medida em que, como sujeitos, vivemos em diferentes instituições, com graus variados de escolhas e autonomia. Nessas diferentes instituições sociais, nas quais atuamos, somos levados a assumir diferentes papéis, em diferentes contextos; portanto, “diferentes identidades em diferentes contextos” (WOODWARD, 2003, p. 30).

Dissemos, anteriormente, com palavras de Woodward (2003, p. 17), que “as identidades produzidas pelo sistema de representação, que produz os significados por meio dos sistemas simbólicos, indicam as nossas posições subjetivas”. Contudo, para a autora há uma sobreposição entre os conceitos de “identidade” e “subjetividade”:

“subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições [...] a subjetividade pode ser tanto racional quanto irracional (WOODWARD, 2003, p. 55).

O conceito de subjetividade “nos permite explicar como as identidades particulares são construídas e como nós as negociamos nas relações de poder, no meio social” (WOODWARD, 2003, p. 56).

Woodward (2003) lança mão da teoria desenvolvida por Althusser para explicar a criação da subjetividade. Segundo ela, Althusser desenvolveu a teoria da subjetividade com algumas contribuições advindas da psicanálise e da lingüística, enfatizando os processos simbólicos e sugerindo que os sujeitos escolhem posições de identidade a partir de processos conscientes e inconscientes. Para Althusser, o sujeito é produzido por meio de práticas e processos simbólicos, por meio de um sistema de representação - a ideologia -, na *interpelação* (Grifo meu). Sobre isso Woodward (2003, p. 60) afirma:

em seu ensaio sobre “a ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado”, Althusser (1971) enfatiza o papel da ideologia na reprodução das relações sociais, destacando os rituais e as práticas institucionais envolvidos nesse processo. Ele concebe as ideologias como sistemas de representação, fazendo uma complexa análise de como os processos ideológicos funcionam e de como os sujeitos são recrutados pelas ideologias, mostrando que a subjetividade pode ser explicada em termos de estruturas e práticas sociais e simbólicas. Para Althusser, o sujeito não é a mesma coisa que a pessoa humana, mas uma categoria simbolicamente construída: “A ideologia... ‘recruta’ sujeitos entre indivíduos... ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos... (...) por esta operação muito precisa a chamei de interpelação” (1971, p. 146).

Pelo processo de interpelação, somos levados a uma posição-de-sujeito, reconhecendo-a por meio de formações ideológicas. Entretanto, nesse processo de interpelação ideológica, não há apenas uma escolha pessoal consciente, mas, somos constituídos por meio de práticas e processos simbólicos.

Em termos da produção da identidade, Hall (2003) também faz uma importante problematização em torno desse tema, evidenciando as tensões oriundas de movimentos sociais e políticos que buscam promover o natural fechamento de grupos ou pessoas para garantir-lhes uma identidade fixa, estável, com base em elementos de uma origem comum, partilhados em um passado também comum. Nesse sentido, o autor afirma que a identificação não é nunca completamente determinada; a aparente fusão entre o “mesmo” e o “diferente” é, na verdade, uma ilusão, uma fantasia. Ou seja, a identificação não anula a diferença; há, portanto, contingências nas identificações que constituem a identidade. Para Hall (2003, p. 106),

a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *differánce*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *differánce*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.

A identificação, nesse caso, se dá “por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com aquilo que falta e que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*” (HALL, 2003, p. 110). Como prática de significação, a identificação pode ser entendida a partir da noção de *differánce*, de Derrida e, nesse sentido, ela está sujeita a um processo que não se completa, que não se fecha e que depende da exterioridade para consolidar a constituição discursiva e simbólica da identidade.

Nessa concepção, as identidades individuais e coletivas não são unificadas, prontas, ao contrário, são fragmentadas; elas não são singulares, mas, são construídas multiplamente nos discursos, práticas e posições que podem ser de aliança ou antagônicas. Desse modo, “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical” (HALL, 2003, p. 108) e, portanto, são passíveis de ocupar outros lugares, de se deslocarem e se moverem, sem garantia de estabilidade. Trata-se de um processo de adiamento de uma presença que não se concretiza, mas simbolicamente marca suas fronteiras para termos a ilusão de uma unidade idêntica, uma homogeneidade, conforme afirma Hall (2003, p. 109):

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Para Hall (2003, p. 110), “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” e “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta””. Com isso, a unidade-homogeneidade que o termo identidade sugere nada mais é que “uma forma construída de fechamento” (HALL, 2003, p. 110).

Hall (2003) problematiza o conceito de identificação para abordar a noção não-essencialista do conceito de identidade. Segundo ele, não podemos nos limitar à compreensão de “como os indivíduos são convocados a ocupar seus lugares por meio de estruturas discursivas” (HALL, 2003, p. 126), mas é necessário ter também uma teorização das práticas de autoconstituição subjetiva, “uma teorização de como os sujeitos são constituídos”:

Foucault fez um avanço considerável, ao mostrar como isso se dá, em conexão com práticas discursivas historicamente específicas, com a auto-regulação normativa e com a tecnologia do eu. A questão que fica é se nós também precisamos, por assim dizer, diminuir o fosso entre os dois domínios, isto é, se precisamos de uma teoria que descreva quais são os mecanismos pelos quais os indivíduos considerados como sujeitos se identificam (ou não se identificam) com as “posições” para as quais são convocados; que descreva de que forma eles moldam, estilizam, produzem e “exercem” essas posições; que explique por que eles não o fazem completamente, de uma só vez e por todo o tempo, e por que alguns nunca o fazem, ou então em um processo constante, agonístico, de luta com as regras normativas ou regulativas com as quais se confrontam e pelas quais regulam a si mesmos – fazendo-lhes resistência, negociando-as ou acomodando-as. Em suma, o que fica é a exigência de se pensar essa relação do sujeito com as formações discursivas *como uma articulação* (todas as articulações são, mais apropriadamente, relações “sem qualquer correspondência necessária”, isto é, fundadas naquela contingência que “reativa o histórico” [Laclau, 1990, p. 35]). (HALL, 2003, p; 126).

Stuart Hall no artigo *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, no qual trata da diáspora negra afro-caribenha (como exemplo de uma diáspora moderna) e da

globalização cultural, nos leva a pensar a identidade cultural como resultado de um processo dialógico marcado por uma força subversiva que leva em conta o hibridismo, a *différance*:

o conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. Mas num movimento profundamente contra-intuitivo, a lingüística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o “deslize” inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um significado final continua assombrada pela “falta” ou “excesso”, mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesma (HALL, 2006, p. 33).

Para Hall, a desconstrução derridiana nos permite “pensar a unidade *com* a diferença; a diferença em uma unidade complexa, sem que isso implique o privilégio da diferença em si” (HALL, 2006, p. 163-164).

Dessa forma, o conceito de identidade e o de identificação estão sujeitos à mistura, à transformação e suas reconfigurações são produzidas por formas e padrões culturais distintos e variantes e inscritas diferentemente pelas relações de poder. Nesse sentido, a cultura, embora dependa da tradição, é sempre uma produção, uma mutação capaz de nos produzir a nós mesmos como novos sujeitos, novas identidades culturais. “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2006, p. 44).

Sobre a dimensão histórico-cultural na produção das identidades, Zygmunt Bauman, em sua obra *Identidade*, também compartilha com Hall esse pensamento:

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a

ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Estudiosos da identidade, como Silva, Woodward, Hall e Bauman, enfocam a natureza híbrida, contraditória e imprevisível das identidades. Esses autores rompem com uma concepção unitária e essencialista de sujeito e identidade e afirmam que eles (sujeito e identidade) “proliferam, através de formas descentradas, assumindo novas posições discursivas” (HALL, 2006, p. 111).

Recorremos a esses teóricos para respaldar o trabalho que vamos desenvolver, pelo viés da Análise do Discurso, observando *as práticas de subjetivação e construções identitárias* nos poemas de Cora Coralina, considerando as manifestações sócio-históricas, culturais e ideológicas que permeiam o contexto da obra poética coraliniana.

*Luta, a palavra vibrante  
que levanta os fracos  
e determina os fortes.*  
(CORALINA, 2001b, p. 85)

## Capítulo III

### 3 – Análise do *corpus*: pela poesia, pela obra, pela autora

A produção literária de Cora Coralina, conforme palavras de Vera Maria Tietzmann Silva, na obra *Cora Coralina – celebração da volta* (2006), provoca-nos “curiosidade em devassar as entrelinhas e os desvãos de seus escritos no desejo de melhor compreender essa produção literária de contornos únicos em nossas Letras”. Pela poesia, pela obra, pela autora e, instigados por essa curiosidade, buscamos analisar as manifestações discursivas na obra de Cora Coralina, pois, somos movidos, também, por um estado de fascinação diante do projeto dessa poeta goiana.

Tanto a poesia quanto a prosa de Cora Coralina configura-se como perfeito cenário, no qual apreendemos um conjunto de “retratos” históricos e sociais embriagados em cheiros, cores e sons. A obra coraliniana foi construída com uma linguagem sensível e os sentidos esteticamente materializados nos convidam a aproximar desses “retratos” que compõem um cenário repleto de diversos lugares sociais e variadas vivências. O fato é que, por meio desse cenário, somos levados a percorrer os caminhos, as histórias, as vidas que constituem a cena coraliniana. E todos quantos nos permitirmos aventurar por essa espectável cena, vamos nos deparar com um universo coletivo, um panorama social, historicamente marcado pela cultura, pelos costumes e tradições tanto de Goiás quanto do Brasil, no transcorrer do século XX. Temos, então, um quadro representado simbolicamente, por meio de uma linguagem poética genuinamente bela.

É o reconhecimento desse traço marcante de beleza e singeleza, que caracteriza a obra de Cora Coralina, que nos instiga e nos estimula a apreender os sentidos de suas peripécias poéticas. Mas, além desse maravilhar-se com o estético, nosso interesse se volta, sobretudo, para uma reflexão discursiva na poética coraliniana.

Nas cenas desenhadas simbolicamente, os dizeres coralinianos são representativos de sentidos vários, possibilitando leituras sob diferentes pontos de vista. Diante de diferentes possibilidades, é o caminho discursivo o que escolhemos para percorrer e, assim, pela via

do discurso, ouvir as vozes sociais, as quais vão questionar a realidade e afirmar uma consciência política e social.

Nesse enfoque, importante é o que podemos notar a partir das considerações discursivas, nas quais se inscreve o sujeito-autor, para tratar de causas sociais. Nesse sentido, percebemos a importância da Literatura e, especialmente, a obra poética de Cora Coralina como representação de uma história, um tempo e um espaço social. Conforme nos afirma Pinheiro (2006, p. 149): “a polifonia ideológica se apresenta em Cora Coralina na sua voz plural que denuncia injustiças sociais, no protesto contra a exclusão das mulheres, na crítica contra o poder estabelecido que sufoca as minorias, na busca da identidade regional e na utopia social”. Assim é Cora Coralina: uma autora que se impõe e, por meio de elementos da história, da cultura, mostra a construção dos sujeitos na poesia.

### **3.1 – O *corpus*: poemas que têm “alma”**

A obra de Cora Coralina se constitui de textos que retratam a história e a realidade social de seu tempo: uma história e um tempo engendrados em Goiás, em fins do século XIX e início do século XX. A partir de uma visão crítica da realidade, sua literatura reflete sobre o universo sócio-histórico e cultural das regiões interioranas de Goiás.

O arcabouço literário de Cora Coralina é constituído por contos, crônicas e poemas. Segundo Luiza Lobo (2002), “seus oito livros de contos e de poesia são escritos numa prosa sempre poética e numa poesia que tem muito de discurso livre da prosa”. O conjunto de sua obra é composto por três livros de poemas, três livros de prosa e quatro que são literatura para criança.

Para nosso estudo, interessa-nos a análise da teia discursiva que constitui os poemas de Cora Coralina. Por isso, delimitamos nosso *corpus* e, o mesmo engloba as três obras poéticas coralinianas: **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, **Meu livro de cordel e Vintém de cobre – meias confissões de Aninha**.

A leitura de seus poemas tem o mérito de mostrar como a poeta Cora Coralina evoca a história entrelaçando-a com a vida e, nesse sentido, seus poemas retratam aspectos e

tradições da vida urbana e rural no interior de Goiás. Essa perspectiva histórica, observada nos poemas, desvela a rede de relações e vivências que se dá no meio público e privado, bem como, os conflitos que caracterizam essas vivências e convivências da gente, do povo de Goiás. Os poemas coralinianos revelam alegrias, tristezas, conflitos, inquietações de toda a gente e são, portanto, poemas que têm “alma”.

Contudo, nosso objetivo não é realçar a própria experiência da autora, enquanto ser empírico, psicológico, ou enquanto sujeito empírico, o qual dá a assinatura para a obra, nem mesmo voltar nosso olhar para o eu-lírico. Ao contrário, partindo do pressuposto de que o sujeito desse *corpus* literário é construído a partir de elementos históricos e sociais, nosso estudo aponta para a autoria como construção discursiva, isto é, a autora se constitui pelo viés histórico-social - tão pertinente à Análise do Discurso - como sujeito-enunciador de outras posições-sujeito, de outros sujeitos do discurso. Importante, para nós, é olhar para a constituição da autora a partir de elementos da realidade social constitutivos dos sujeitos. Vamos, portanto, olhar para o sujeito discursivo que se manifesta no discurso, haja vista que, no campo da Análise do Discurso, há o apagamento da categoria empírica do autor: o autor “desaparece” e sobressai o sujeito discursivo.

### **3.2 - Inscrições coralinianas no discurso poético**

A poesia tomada como procedimento discursivo é uma fruição. Por esse caminho – o da fruição – pretendemos fazer um percurso para desvendar lugares de enunciação nas inscrições discursivas coralinianas. Em busca de um estudo discursivo, no espaço da poesia, não intentamos apagar o estético, nosso estudo – na perspectiva discursiva – não se opõe ao estético; ao contrário, se motiva diante dele, pois, o estético é constitutivo da subjetividade. Nesse contexto, procuramos, na leveza da enunciação poética de Cora Coralina, “conhecer” a multiplicidade de vozes sociais que vão compor os sujeitos discursivos coralinianos.

Desta maneira, vamos “buscar” os sujeitos por meio de uma análise dos poemas coralinianos e tentar apreender-lhes os sentidos, uma vez que, os poemas de Cora Coralina

nos apresentam algumas características peculiares: cenários que retratam o meio rural e as cidades interioranas, representações das mazelas e dos preconceitos sociais, evocação de hábitos e costumes familiares, enfim, nos escritos poéticos coralinianos, temos “retratos” da memória, da cultura e da história reconstruindo os objetos, o povo, o tempo, o espaço, a vida, e construindo as posições subjetivas do(s) sujeito(s) discursivo(s).

Apresentamos, portanto, uma análise dos poemas com o objetivo de verificar em que medida as condições sociais, históricas e ideológicas possibilitam a materialização do(s) sujeito(s) discursivo(s) por meio de dizeres ideologicamente marcados por um movimento de ruptura, de resistência à coerção e à discriminação social. Seguindo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, desenvolvidos nos capítulos anteriores, nossa análise discursiva se encaminhará a partir da seleção de discursos, sendo que tais discursos vão compor os eixos temáticos e, cada tema será contemplado por meio dos fragmentos extraídos de poemas que compõem as três obras poéticas de Cora Coralina.

O(s) sujeito(s) presentificado no *corpus* será considerado enquanto objeto teórico e objeto analítico. A partir de uma concepção de sujeito que se inscreve na história, portanto, sujeito a/na história, vamos apreender a subjetividade desse(s) sujeito(s), a qual Foucault concebe como o modo de inscrição do sujeito na história. Para o autor, “o termo “sujeito” serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação” (FONSECA, 2003, p. 26).

### **3.3 – Sexualidade em processo de subjetivação do sujeito**

A sexualidade é um tema recorrente nos poemas coralinianos. Embora seja uma temática de conteúdo polêmico e conflitante, se tomada em relação aos valores morais de um tempo de intenso patriarcalismo, a questão da sexualidade foi bem exemplificada nos dizeres coralinianos, a tal ponto de configurar uma posição subjetiva do sujeito, ou seja, uma posição identitária que desconstrói discursos arraigados na sociedade, ao longo do século XX.

Para realizar a análise dos processos de constituição do sujeito por meio da sexualidade, nos poemas de Cora Coralina, recorreremos aos princípios teóricos da Análise do Discurso Francesa e também aos estudos postulados por Michel Foucault, o qual discute o tema da sexualidade, desvinculando-o dos problemas morais.

No *Poema do milho*, o primeiro tomado para análise, a inscrição enunciativa no discurso erótico-sexual se presta a evocar o tema da sexualidade como um gesto de ruptura com os padrões convencionais, como um gesto de transgressão, como um acontecimento discursivo em conflito com a ideologia da moral cristã.

O contexto histórico do século XX foi marcado por preocupações, inquietações e problematizações sobre as verdades e sobre determinadas maneiras tradicionais de pensar. Nesse contexto, o tema da sexualidade, em todo um conjunto de movimentos sociais, foi uma exortação à normalização e manutenção de padrões morais vinculados à ideologia cristã.

A temática sexual no *Poema do milho* evidencia a constituição do sujeito discursivo em torno da questão sexual. Isso denota um deslocamento nas práticas discursivas presentes na modernidade, haja vista que a sexualidade enquanto temática relacionada aos valores morais cristãos é um tema restrito e censurado, tomado enquanto exercício de poder para controle, dominação e normalização das pulsões da carne. A inscrição discursiva do sujeito-enunciador no discurso erótico-sexual revela sua posição de resistência, a qual incomoda ao romper com mecanismos de controle do sexo, tomado sob a perspectiva do prazer. Valendo-se de uma linguagem metafórica, o sujeito-enunciador, ao dar ênfase à sensualidade, contrapõe-se ao discurso cristão hegemônico que contesta o sexo por prazer.

### Fragmento 1

*Bonecas de milho túrgidas,  
Negaceando, se mostrando vaidosas. (CORALINA, 2003, p. 165)*

Acerca desse fragmento, podemos verificar um sujeito discursivo se colocando na posição de um objeto de desejo: por meio da metáfora (bonecas de milho túrgidas) o sujeito evoca o discurso erótico se colocando na posição de um objeto de desejo sexual, o qual se

“expõe”, “negaceando” o seu próprio desejo. Percebemos, aqui, a presença de um discurso erótico que se mostra pela metáfora, por ser considerado um discurso interdito, que não se presta a discussões, se considerarmos a tradição moral imposta pelo discurso cristão, socialmente instituído. Quando dizemos tratar-se de um discurso interdito, estamos nos referindo ao tema da sexualidade enquanto tema “proibido”, tido como tabu e, portanto, controlado a partir de uma interdição. Sabemos que, conforme as idéias religiosas, a sexualidade é vista como “experiência cristã da “carne”” (FOUCAULT, 2003, p. 10), e, como tal, é uma experiência que se dá por meio de um poder concebido como dominação e sujeita às práticas punitivas, caso a experiência sexual se efetue de modo contrário à moral cristã. O pensamento da moral sexual do cristianismo associa o sexo ao mal, ao pecado, à queda, à morte, sendo que a finalidade do sexo é, exclusivamente, a procriação. Daí decorre, portanto, a contestação do sexo como prazer, pois, a atividade sexual deve guiar-se por uma conduta que visa, apenas, à procriação e, jamais, a conduta do prazer. Segundo o cristianismo, na época moderna, o prazer sexual deve ser reprimido e deve-se ter controle sobre a sexualidade, sendo que a dimensão ideológica da sexualidade, neste caso, alia-se aos interesses da dominação masculina e da sujeição da mulher. Para as doutrinas cristãs, a atividade sexual deve ser praticada com vistas à procriação e qualquer uso intempestivo e desregrado é considerado uma transgressão, uma falta grave. Trata-se de “uma tradição cristã que colocava o prazer no campo da morte e do mal” (FOUCAULT, 2003, p. 19). Na esteira da interdição sexual, está, também, a questão da dominação masculina e da sujeição da mulher. A ética cristã exorta à ordem social patriarcalista, na qual a figura masculina representa o centro de poder, cabendo à mulher o comportamento de sujeição, de submissão ao poder masculino, sem a possibilidade de manifestação de qualquer “apetite sexual”.

## Fragmento 2

*Extravasão da libido vegetal.*

*Procissão fálica, pagã.*

*Um sentido genésico domina o milharal. (CORALINA, 2003, p. 165)*

O sujeito discursivo, ao materializar o desejo sexual intenso e incontrolável – *extravasação da libido vegetal* – rompe com o discurso moral religioso. O sentido que podemos depreender do enunciado é que há uma exaltação do apetite sexual, o qual se mostra intempestivo e desmesurado de tal forma que *domina o milharal*. Daí, podemos afirmar que há uma ruptura com o discurso moral religioso, porque, a moral cristã expressa um modelo de comportamento sexual no qual os prazeres e os desejos sexuais devem ser comedidos e discretos e, ao contrário de uma exaltação do desejo sexual, há uma exaltação da continência desse desejo. Dessa forma, o sujeito discursivo, rompendo com o discurso socialmente instituído, assume uma posição identitária de resistência à hegemonia do discurso religioso e marca uma identificação imprópria para a enunciação. Contudo, na enunciação, por meio dos dizeres, o sujeito discursivo, materializado na função de sujeito-enunciador, se constitui como sujeito de sexualidade, sujeito de uma certa moral que é contrária à moral hegemônica, isto é, a moral religiosa.

Além disso, o sujeito discursivo, materializado na figura do sujeito-enunciador, desconstrói o discurso moral religioso, atribuindo-lhe características profanas: *procissão fálica, pagã*. Isso provoca um efeito de estranhamento que confirma uma posição contrária, de resistência ao discurso religioso, socialmente instituído, ao mesmo tempo em que representa uma prática de subjetividade, configurando uma posição identitária por meio da temática sexual.

Segundo Foucault, é nas práticas discursivas, ao ocupar posições-sujeito, que há um efeito de subjetividade e, como tal, o sujeito marca sua representação imaginária como centro dessa subjetividade. “Trata-se da idéia de que a subjetividade não é uma realidade anterior e desvinculada dos acontecimentos sociais, mas uma forma de ser que tem como princípio o trabalho do indivíduo sobre si mesmo, de maneira a se constituir como sujeito de uma certa moral” (PINHEIRO, 2003, p. 144). O sujeito discursivo é um efeito subjetivo que se constitui nas práticas sociais e culturais e por meio delas o indivíduo se constitui como sujeito. Contudo, o sujeito não tem total poder para interferir na sua subjetividade, pois, a tomada de posição do sujeito é regulada por meio de limites que lhe são exteriores, estão fora de si e controlam suas práticas de subjetivação. Para Foucault, não há um assujeitamento total do sujeito às formações sociais; o indivíduo se torna sujeito resistindo e rompendo com ordens sociais que o determinam. É por ser marcado por uma

heterogeneidade discursiva que o sujeito tem a possibilidade de se constituir, não de uma maneira fixa, rígida, mas por meio de um conjunto de discursos que compõe seu dizer, haja vista que esses discursos são representações imaginárias de diferentes vozes sociais.

### Fragmento 3

*Flor masculina erótica, libidinosa,  
polinizando, fecundando  
a florada adolescente das bonecas.*

[...]

*Gordas, esguias, delgadas, alongadas.  
Cheias, fecundadas.  
Cabelos soltos excitantes. (CORALINA, 2003, p. 166)*

Conforme a formação discursiva da moral cristã, o sujeito deve demonstrar, em relação à sexualidade, uma atitude “bem comportada” onde prevaleça a moral e os bons costumes. No fragmento acima, essa formação discursiva é desmontada quando o sujeito discursivo faz referência à atividade sexual de modo desvelado e revelado *flor masculina erótica, libidinosa / polinizando, fecundando / a florada adolescente das boneca*. Podemos inferir que o sujeito discursivo assume uma posição-sujeito contrária àquela da formação discursiva religiosa, ao colocar em cena, na prática discursiva, o ato sexual tomado como experiência do desejo, do prazer, o que pode ser verificado nos excertos seguintes: *gordas, esguias, delgadas, alongadas / cheias, fecundadas / cabelos soltos, excitantes*. Inferimos que o sujeito discursivo tem um interesse pela vida sexual voltado para as sensações, excitações, gestos, inclinações e, sobretudo, para as vivências de prazer, contradizendo, desse modo, as produções discursivas religiosas, as quais reprimem a atividade sexual tomada como experiência do desejo. A formação discursiva da moral religiosa remete a conduta sexual prazerosa para o lado das interdições, colocando esse tipo de conduta sob suspeita, sob o domínio do pecado e do mal.

Tal situação coloca em evidência um campo de regularidade para várias posições de subjetividade; “um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2004a, p. 61) e, nessa rede de lugares distintos, o sujeito pode se

inscrever e ocupar diferentes posições conforme a formação discursiva que o domina e na qual ele se inscreve. O processo de subjetividade que se pode observar, no fragmento acima, se estabelece com o sujeito produzido pela resistência; o sujeito rompe com os dispositivos da formação discursiva religiosa e alia-se a uma outra formação discursiva totalmente irreconciliável com a primeira. A identificação, nesse caso, se dá “por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com aquilo que falta e que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*” (HALL, 2003, p. 110).

#### Fragmento 4

*Bonecas verdes, vestidas de noiva.  
Afrodisíacas, nupciais...*

*De permeio algumas virgens loucas...  
Descuidadas. Desprovidas.  
Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas. (CORALINA, 2003, p. 166)*

Nesse fragmento, o sujeito discursivo, pelo fio da memória discursiva, reproduz um interdiscurso de caráter religioso, ao evocar o ritual do casamento. O enunciado pressupõe, num primeiro momento, a reprodução do discurso religioso por parte do sujeito discursivo: *bonecas verdes, vestidas de noiva*; aparentemente, há uma adesão do sujeito ao ritual do casamento conforme a tradição religiosa. Entretanto, nas seqüências discursivas seguintes, podemos perceber um deslocamento do sentido, provocando um estranhamento no processo de organização do sentido: *afrodisíacas, nupciais / de permeio algumas virgens loucas Descuidadas. Desprovidas*. Esse deslocamento, na organização linear do sentido, caracteriza a singularidade do sujeito que se vale de diferentes e contraditórios recursos expressivos para marcar sua singularização por meio da/na prática discursiva. Inicialmente, o sujeito discursivo atribui um comportamento idealizado para o casamento, ao referir-se às “bonecas vestidas de noiva”, conforme prescreve a regra religiosa e social. Contudo, ao deslocar os sentidos do enunciado, colocando as “bonecas como afrodisíacas, nupciais, virgens loucas, descuidadas e desprovidas”, o sujeito discursivo instaura uma ruptura com o discurso religioso, o qual elimina qualquer possibilidade de se conceber as “bonecas-

noivas” com um comportamento que tornasse explícita a excitação sexual, pois, ao contrário, “deveriam” ter um comportamento que omitisse tal questão.

### Fragmento 5

*E o pólen dos pendões fertilizando...  
Uma fragrância quente, sexual  
invade num espasmo o milharal.*

*A boneca fecundada vira espiga.  
Amortece a grande exaltação.  
Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.  
A espiga cheia salta da haste.  
O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,  
No sagrado rito da fecundação. (CORALINA, 2003, p. 166)*

Os efeitos de sentido observados no fragmento acima colocam em evidência o embate discursivo, por meio de diferentes formações ideológicas e mostram seu desdobramento nas heterogeneidades constitutivas do sujeito. O sujeito discursivo enuncia seu dizer por meio de práticas discursivas reconhecidas no campo do comportamento sexual.

Esse excerto possibilita-nos perceber, por um lado, um efeito de sentido condizente com a prática da liberdade sexual, isto é, uma prática que traz o prazer sexual, o sexo com a conotação de felicidade: *uma fragrância quente, sexual / invade num espasmo o milharal*. Podemos depreender uma manifestação discursiva que inscreve o sujeito numa formação ideológica contrária à filosofia cristã e, que por isso, justifica tomar a prática sexual enquanto gozo, prazer, tal qual um banho libidinal.

Por outro lado, percebemos um dizer “moralizante”, que caminha na direção da formação ideológica que sustenta o pensamento cristão: *o pendão fálico vira ressecado, esmorecido / no sagrado rito da fecundação*. Conforme essa manifestação discursiva – a da filosofia cristã – a atividade sexual é concebida como meio de procriação e, como tal, é considerada como um ato sagrado. Essa é uma posição conservadora da formação discursiva religiosa que reproduz, no imaginário social, um modelo de comportamento

arbitrário, no qual não é lícita a prática sexual como meio de prazer, sendo, portanto, essa prática censurada e reprimida.

As formações sociais, nas quais o sujeito discursivo se inscreve, deixam entrever o embate ideológico que o constitui. Esse embate se dá por meio de duas formações discursivas que se confrontam, que se opõem: a primeira refere-se a uma racionalidade da vida sexual, ou seja, a tudo que diz respeito ao corpo: os desejos, os prazeres, as sensações, os gestos. A segunda refere-se à vida sexual enquanto preocupação com as normas prescritas pela moral cristã, ou seja, a vida sexual sob a perspectiva do pecado, das interdições, das proibições.

As práticas discursivas manifestam as marcas das heterogeneidades enunciativas constitutivas do sujeito discursivo, o qual realiza seu dizer entre duas formações discursivas marcadas pela contradição, pela oposição, pela polêmica. O lugar discursivo do sujeito se desloca, pelo fio do discurso, de uma posição a outra e põe à tona sua constituição heterogênea: ora assujeitando-se ao discurso religioso, ora assujeitando-se ao discurso da sexualidade. Porém, o que se destaca é que o sujeito-enunciador recorre à temática da sexualidade para “compor”, no embate com outro discurso cristalizado socialmente, um dizer que denota uma forma identitária de resistência, ao mesmo tempo em que explicita o processo de subjetivação pela sexualidade.

Nesse *Poema do milho*, podemos perceber o sujeito-enunciador se constituindo como sujeito de sexualidade: a prática de subjetivação desse sujeito se dá pela história da sexualidade. O tema erótico-sexual, do ponto de vista religioso, constitui um discurso **interdito** e, assim, o tema é discursivizado de um modo **inter-dito**: dito por metáforas no poema em estudo.

Para homologar o tema da sexualidade em processo de subjetivação do sujeito, vamos analisar, a seguir, o poema *O cântico de Dorva*.

“*O cântico de Dorva*” – poema publicado na obra “*Meu livro de cordel*” – também se inscreve numa formação discursiva que coloca a questão sexual com muito realismo, ao registrar as pulsões da carne por meio de expressões transbordantes de sensualidade e erotismo. Os efeitos de sentido dos enunciados provocam a dessacralização do discurso religioso e instauram o dizer erótico-sexual que tem como porta-voz o sujeito que se subjetiva por meio da sexualidade.

## Fragmento 6

*Dorva se chama Dorvalina.  
Cabeça amarrada com lenço de chita.  
Vestido grosseiro, apertado, descosturado.  
Braço grosso, mãos vermelhas.  
Perna grossa cabeluda.  
Dorva de pé no chão:  
pé curto – descalço, esparramado  
fincado no chão.  
Dorva, toda – estua sexo: vida nova.*

*Dorva é moça da roça.  
Dorva lava roupa na tina:  
roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado.  
Geme o sarilho do poço.  
Tibum... a lata vem cheia d'água.  
Vai ensaboando,  
vai cantando:  
laranja da China  
limão bravo, cana doce  
se encontra aqui  
se encontra acolá.  
Pra dá, pra vendê  
pra quem quisé  
pra quem passá.  
Se dá fogo, se dá água  
Não pode negá.  
A cantiga de Dorva:  
alta, gritada  
Bramido de fêmea –  
apelo enfeitado. (CORALINA, 2001b, p. 56-57)*

Nesse fragmento, o sujeito discursivo coloca o sexo em discurso ao explicitar a conduta visivelmente libidinosa da personagem: *Dorva, toda – estua sexo: vida nova / Dorva é moça da roça / Dorva lava roupa na tina: roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado / Vai ensaboando, vai cantando / A cantiga de Dorva: alta, gritada / Bramido de fêmea – apelo enfeitado*. Percebemos que a temática do poema está voltada para uma adesão definitiva aos prazeres do corpo. O sujeito discursivo destaca a figura de Dorva, ressaltando-lhe a sensualidade e a volúpia. Essa imagem da mulher voluptuosa torna-se repulsiva para a sociedade que, conforme os códigos de comportamento da moral religiosa, não aprova esse papel sexual para as mulheres. Segundo os discursos proliferados pela ideologia cristã, à mulher não é permitido o sexo-prazer, sendo necessária, portanto, a

continência sexual visando à privação dos prazeres, bem como a discrição com relação aos prazeres da carne.

A partir do Concílio de Trento, no século XVI, a pastoral cristã estabeleceu o hábito da confissão como ritual para a purificação das almas. Com a prática do confessionário, todos os prazeres relacionados ao sexo deveriam ser submetidos à confissão. Os prazeres sexuais eram tidos como atos pecaminosos e, por isso, deveriam ser confessados para que houvesse a purificação da alma, haja vista que, “na doutrina cristã da carne, a força excessiva do prazer encontra seu princípio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana” (FOUCAULT, 2003, p. 48).

Conforme palavras de Silva, temos:

... Foucault contesta a hipótese da sexualidade reprimida, defendendo que a sexualidade é um dispositivo histórico sustentado por discursos, saberes e poderes<sup>5</sup>.

O autor não nega que o sexo vem sendo reprimido, mas afirma que essa interdição não é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se pode escrever a história do sexo. Para ele, historicamente, existem dois procedimentos para produzir a verdade do sexo: *ars erotica*, própria de civilizações como Roma, Índia, China, etc., buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo, era um saber de dentro, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber; e *scientia sexualis*, que, desde a Idade Média, configurou-se no ocidente onde a confissão tem sido central na produção de saberes sobre o sexo. A nossa civilização foi levada a internalizar a obrigação de confessar tudo, expor seus prazeres (SILVA, 2004, p. 54).

Até o século XVII, havia um silêncio sobre as questões relativas ao sexo. Posteriormente, houve, principalmente na religião católica, uma incitação dos discursos sobre o sexo (SILVA, 2004, p. 55), o que levou os cristãos a confessar seus pensamentos, desejos relacionados ao sexo. Segundo Foucault, esse colocar o sexo em discurso – sob a forma de confissão - é um dispositivo que leva os indivíduos a uma sujeição e, assim, é possível ter o controle sobre o sexo, colocando-o sob o poder da moral reinante. Para o autor, os indivíduos são incitados a falar sobre o sexo, pois, o ato de falar de sexo constitui

---

<sup>5</sup> Deleuze (1992) observa que em *A vontade de saber*, pode-se perceber a queda de pelo menos dois postulados tradicionais: o postulado do recalçamento, segundo o qual a sociedade reprime os desejos e instintos dos indivíduos. Para Foucault, não existe repressão sexual, o que há é uma ‘interdição’, onde o sexo é proibido e escondido apenas para ser incitado e incessantemente revelado, ou seja, as categorias de ‘repressão/interdição’ são substituídas pela de ‘controle’; e o postulado hermenêutico do desejo, segundo o qual há, por detrás de qualquer ação humana, um sentido oculto a ser descoberto. Foucault rebela-se contra a confissão como ‘um critério de verdade’ e acredita que ela constitui uma estratégia do poder.

um dispositivo de poder. A prática da confissão configura-se como um meio de regulação, de controle dos impulsos do corpo:

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, padrões e serviçais. Ela se integra nessa política da língua e da palavra – espontânea por um lado e deliberada por outro – que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica (FOUCAULT, 1990, p. 21-22).

Portanto, a pastoral cristã coloca um cerceamento dos prazeres libidinais, submetendo-os ao crivo da prática confessional. Trata-se de um poder que reprime e proíbe a atividade sexual enquanto experiência de desejo, de prazer.

Ressaltamos, então, que o sujeito discursivo se apropria da temática sexual para transgredir a ordem proposta pelo discurso da pastoral cristã. Ao discursivizar a volúpia feminina – representada na caracterização da personagem “Dorva” – há uma ruptura com o instituído social que se refere ao discurso religioso, o qual promove a exclusão do comportamento sexual da mulher liberada. Ao mesmo tempo em que rompe com o discurso instituído socialmente, o sujeito discursivo marca uma posição-sujeito que se constitui no processo de identificação com temas ligados à sexualidade. Opondo-se à ideologia religiosa, o sujeito coloca em cena um comportamento tido como proibido e, desse modo, pode objetivar sua resistência em forma de discurso, podendo, inclusive, provocar mudanças no discurso socialmente cristalizado.

Ao romper com o discurso religioso, o sujeito da enunciação se objetiva por meio de elementos de identificação com um outro lugar social, pois, diante de vários lugares que possa ocupar no espaço discursivo, vai assumir uma posição enunciativa que representa sua resistência ao discurso religioso. Ou seja, o sujeito constitui sua identidade individual pelo processo subjetivo vinculado aos acontecimentos e práticas socioculturais que o constituem. Como as práticas sexuais são inerentes à condição humana, o sujeito-

enunciador deixa que a personagem exprima seus desejos sexuais e lhe confere uma posição subjetiva de assujeitamento a uma ordem social contrária à ideologia cristã. O sujeito discursivo inscreve-se em um campo enunciativo socioideológico contrapondo-se ao discurso da moral religiosa e tem sua posição subjetiva marcada pela ideologia da sexualidade.

### Fragmento 7

*Boiadeiro vem vindo devagar...  
Os homens lá no eito  
relanceiam enxadas.  
O milharal chama Dorva.  
O cheiro da terra chama.  
O arrozal tem seus ninhos  
chamando Dorva.  
Um assovio fino, espraçado  
fere Dorva.  
Larga a roupa, deixa a tina.  
Torce o vestido mesmo no corpo,  
molhado na barriga.  
Olha pra os lados.  
Gritam as angolas. Grita um bem-te-vi.  
Dorva afunda no milharal.*

*O ninho de Dorva.  
A cama de Dorva  
de palha e folha  
na terra.  
Deixa-se cair  
sentada, deitada.  
Sobre seu ventre liso, redondo  
Desnudo,  
salta o macho.  
Um ofego de posse  
Tácito.  
Sexo contra sexo.  
Aquele cântico de Dorva,  
aquele chamado – piado de fêmea:  
obscuro  
aflitivo  
genésico  
instintivo  
veio vindo... veio vindo...  
Rugindo  
chorando  
gritando  
apelando  
do fundo dos tempos*

*do fundo das idades. (CORALINA, 2001b, p. 57-58)*

O sujeito se constitui, discursivamente, marcado pela história e pela ideologia. Percebemos no fragmento acima que o sujeito inscreve em seu dizer discursos que retratam aspectos da vida cotidiana, porém, de modo inusitado e polêmico, ao colocar em cena, explicitamente, o ato sexual consumado: *O ninho de Dorva / A cama de Dorva / de palha e folha / na terra. / Deixa-se cair / sentada, deitada. / Sobre seu ventre liso, redondo / desnudo / salta o macho.* A atividade sexual de Dorva é abordada pelo sujeito-enunciador como uma motivação para a sua transgressão discursiva. Por tratar-se de um tema proibido, segundo o preceito moralista-cristão, o sujeito, “desobedecendo” ao preceito religioso e colocando o encontro sexual objetivado em forma de discurso, opõe-se à ideologia moralista tão cristalizada socialmente e marca uma posição subversiva, de resistência aos valores consagrados por uma sociedade intolerante às práticas sexuais liberadas. O sujeito se constitui, então, por um lugar sócio-histórico e ideologicamente preterido pela história e pela ideologia da Igreja cristã, a qual rejeita o sexo enquanto objeto de prazer, pois, na pastoral cristã, “o objetivo das relações sexuais não deve estar na volúpia, mas na procriação” (FOUCAULT, 2003, p. 130).

Ainda, conforme Foucault, temos:

na doutrina cristã da carne também se encontrarão facilmente temas bem próximos de inquietação: a violência involuntária do ato, seu parentesco com o mal e seu lugar no jogo entre a vida e a morte. Mas Santo Agostinho verá, na força irremovível do desejo e do ato sexual, um dos principais estigmas da queda (esse movimento involuntário reproduz no corpo humano a revolta do homem sublevado contra Deus); a pastoral fixará, num calendário preciso, e em função de uma morfologia detalhada dos atos, as regras de economia a que convém submetê-los; enfim, a doutrina do casamento conferirá à finalidade procriadora o duplo papel de garantir a sobrevivência ou mesmo a proliferação do povo de Deus, e a possibilidade para os indivíduos de não destinar, através dessa atividade, sua alma à morte eterna (FOUCAULT, 2003, p. 124-125).

Em oposição à ideologia cristã, o sujeito discursivo faz referência à sexualidade como tema prevalente de seu dizer e, desse modo, polemiza os rígidos códigos religiosos.

Há um afrontamento, ainda mais evidente, à posição conservadora da sociedade, quando o sujeito discursivo enuncia a atitude sensual e liberada de Dorva: *Boiadeiro vem*

*vindo devagar... / O milharal chama Dorva. / O cheiro da terra chama. / O arrozal tem seus ninhos / chamando Dorva. / Um assovio fino, espraído / fere Dorva. / Larga a roupa, deixa a tina. / Torce o vestido mesmo no corpo, / molhado na barriga. / Olha pra os lados. / Dorva afunda no milharal.* A personagem Dorva, interpelada, se assujeita ao desejo, ao prazer sexual, rompendo com comportamentos ditados por uma ordem social dominante: a ordem da moral religiosa que reprime essa forma de conduta, principalmente, para as mulheres. Do ponto de vista religioso, o prazer sexual não é conveniente, pois, o sexo deve ser praticado, à revelia do prazer, objetivando, apenas, a procriação.

Há um movimento discursivo de explicitação da prática sexual vivida por Dorva: *Um ofego de posse / tácito. / Sexo contra sexo.* Esse movimento discursivo revela-se crucial para a constituição subjetiva do sujeito, porque o enunciado foge à normalidade ao explicitar a prática de sexo de uma mulher (moça da roça), ao mesmo tempo em que mostra a identificação do sujeito discursivo com o discurso da sexualidade, que o subjetiva e o constitui. Para Foucault, os indivíduos se conformam às identidades histórico-culturais por meio do exercício de poder e submissos a ele e, ao se conformarem a uma identidade, expressam um modo de subjetividade. Ou seja, os modos de subjetivação se dão nas relações de poder, nas práticas cotidianas e, então, o sujeito é subjetivado pelas identidades culturais de uma dada época e se estabelece por meio das práticas discursivas. No nosso caso, o sujeito discursivo é o resultado de experiências sociais, históricas, culturais e ideológicas no campo da sexualidade.

*Aquele cântico de Dorva, / aquele chamado – piado de fêmea: / obscuro / aflitivo / genésico / instintivo / veio vindo... veio vindo... / Rugindo / chorando / gritando / apelando do fundo dos tempos / do fundo das idades.* Nesse excerto, podemos perceber a constituição subjetiva do sujeito pela exterioridade, fincada na sua condição sexual. O sujeito-enunciador, utilizando-se de uma linguagem metafórica – *aquele cântico de Dorva* –, expõe a condição de assujeitamento ao desejo de sexo, à excitação, uma vez que o desejo se mostra de modo intenso e constitutivo do sujeito, pois, o subjuga a tal ponto de levá-lo à concretização desse desejo. Essa idéia se reforça ainda mais com o seguinte excerto: *aquele chamado – piado de fêmea*, com o qual podemos inferir que há um desejo sexual latente e que a personagem, à revelia de sua condição feminina, não se esquivava dele, mas, antes, expressa seu desejo na forma de um *chamado, piado* tal qual um convite ao deleite sexual.

O desejo latente “ressurge” *obscuro / aflitivo / genésico / instintivo / veio vindo... veio vindo...* como uma voz interior que aos poucos se constitui *rugindo / chorando / gritando / apelando / do fundo dos tempos / do fundo das idades* e projeta o sujeito para a participação no sexo-prazer.

Como podemos perceber, há um processo de constituição da subjetividade do sujeito por meio da enunciação, a qual vai revelando e acentuando uma posição-sujeito que remete à formação discursiva que contradiz as regras sociais e religiosas. O sujeito é convocado a ocupar um lugar por meio de estruturas discursivas e, assim, ocorrem as práticas de autoconstituição subjetiva, o que, para Hall (2003), trata-se de uma teorização de como os sujeitos são constituídos.

No fragmento acima, o sujeito-enunciador opera seu discurso, contrapondo-se à moral e aos bons costumes, idealizados socialmente, em conformidade com a filosofia religiosa. Ao se contrapor ao comportamento histórico-social estabelecido pela moral cristã, o sujeito busca uma identificação por meio de um embate discursivo com as regras normativas ou regulativas impostas pelo discurso religioso. Assim, a personagem Dorva é capaz de ceder aos impulsos sexuais e buscar uma identidade de resistência, a qual provoca uma desestabilização na ordem do discurso moral estruturado sob preceitos que reprimem as práticas sexuais tidas como desmoralizantes.

Segundo Foucault (1995), esse processo de resistência provoca um movimento de subjetividade no qual há possibilidade, para o sujeito, de se constituir de modo singular, de marcar a diferença: a sua singularidade.

Percebemos, pelos efeitos de sentido dos fragmentos analisados, que o sujeito-enunciador apodera-se de uma temática sexual, pelo viés da poesia, para mostrar a constituição subjetiva do sujeito discursivo, o qual se vê interpelado pelos desejos sexuais e, aliando-se a essa interpelação, marca sua construção identitária pela sexualidade, ou seja, é capaz de se reconhecer como sujeito de uma sexualidade.

Cora Coralina, como sujeito-autor, marca uma posição identitária estigmatizada e considerada “imoral”, uma vez que coloca em evidência um comportamento atípico para a mulher, no que diz respeito ao corpo e ao prazer. Os sujeitos discursivos, interpelados pelo discurso da sexualidade, promovem deslocamentos, rompem com paradigmas dominantes e contribuem para desestabilizar a repressão sexual que marca a condição feminina. Os

efeitos de sentido desses discursos marcam um posicionamento de resistência ao afrontar à moral sexual patriarcal e cristã.

### **3.4 – Representações do feminino como processos de construção identitária**

Numa perspectiva discursiva, vamos apontar os papéis femininos poetizados em Cora Coralina para desvelar as instâncias em que temos as representações do feminino como processos de construções identitárias do sujeito discursivo coraliniano.

Nessa produção literária, verifica-se a recorrência a identidades femininas na representação de um discurso que rompe com outros discursos considerados conservadores e detentores de poder para a manutenção da exclusão social. O caráter de ruptura fica evidente quando o sujeito-autor se inscreve numa instância ideológica que revela sua cumplicidade com as “vidas femininas esquecidas, pobres, marginalizadas” (TEIXEIRA, 2006, p. 54).

Como a identidade e a identificação estão sujeitas à mistura, à transformação, suas reconfigurações são produzidas por formas e padrões culturais distintos e variantes e inscritas diferentemente pelas relações de poder. Segundo Hall (2006), “estamos sempre em processo de formação cultural e cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. A cultura, embora dependa da tradição, é sempre uma produção, uma mutação que produz a nós mesmos como novos sujeitos, novas identidades culturais. É por esse viés que vamos apreender as identidades femininas que, silenciadas nas sociedades patriarcais, terão seus anseios verbalizados na enunciação de discursos representativos de vozes oprimidas e excluídas. Vamos analisar os dizeres que remontam ao feminismo, enquanto processos de construções identitárias, e observar, pelo fio do discurso, uma postura identitária que resiste à discriminação e também combate a exclusão social. São, portanto, construções identitárias que se configuram como forma de resistência.

Pretendemos, com as análises, mostrar as inscrições discursivas coralinianas, as quais revelam as construções identitárias resultantes de uma subjetivação sociocultural, em que mesmo discorrendo sobre a mulher, não se trata de uma luta feminista. Mas, o sujeito-autor, por meio da linguagem poética, denuncia as funções sociais programadas para as mulheres, conforme a ideologia imposta pela sociedade capitalista e patriarcal.

Para apresentar nossas análises, vamos selecionar fragmentos de poemas publicados em *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*, *Meu livro de cordel* e *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, os quais compõem o conjunto da obra poética de Cora Coralina.

### Fragmento 8

*Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
e no alto subi.  
Teci um tapete floreado  
e no sonho me perdi. (Das pedras. CORALINA, 2001b, p. 11)*

O tema artístico-poético, presente no fragmento acima, faz referência a um discurso de militância poética, o qual, conforme a memória histórico-social do século XIX, era interdito às mulheres e era também objeto de uma preocupação da moral familiar, pois, havia uma formação discursiva e ideológica que sustentava a opinião de que as mulheres deveriam se ocupar somente com as prendas domésticas, preparando-se para o casamento, e, portanto, não necessitavam conhecer as Letras e, muito menos, o ofício poético.

No fragmento, há um acontecimento discursivo que busca romper com a ideologia da moral familiar, a qual é representada, no poema, por meio de linguagem metafórica: *Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim*. Podemos inferir que as pedras representam os obstáculos impostos ao sujeito pela postura conservadora da família. Entretanto, o acontecimento discursivo revela uma ruptura, uma subversão do sujeito, ao enunciar que: *Levantei uma escada muito alta / e no alto subi. / Teci um tapete floreado / e no sonho me perdi*. Com esse enunciado, podemos observar que a metáfora (escada muito alta) marca uma tomada de posição do sujeito discursivo, o qual a despeito dos obstáculos –

metaforizados em pedras -, e justamente por eles, transgride a moral familiar socialmente instituída e se insurge como sujeito de seu próprio desejo.

Pelos enunciados acima, podemos perceber que o sujeito discursivo, ao enunciar seus dizeres, se move em diferentes formações ideológicas, se desloca por diferentes formações discursivas. O sujeito discursivo, no início do fragmento, se mostra conformado a uma formação discursiva vinculada a um comportamento histórico de aceitação, de resignação em relação à realidade; isso fica claro com o seguinte enunciado: *Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim*. Esse dito evidencia que o sujeito “aparentemente” mantém uma relação de conformismo com os fatos que lhes são oferecidos pela realidade. Porém, pela força polifônica dos enunciados, o sujeito discursivo deixa entrever uma outra formação discursiva, vinculada a uma posição de resistência, ao enunciar: *Levantei uma escada muito alta / e no alto subi. / Teci um tapete floreado / e no sonho me perdi*, pois, o sentido se desloca para fazer significar outro acontecimento: o sujeito discursivo não se deixa conformar com os fatos e, à revelia deles, realiza seu desejo, ao concretizar a escrita poética. As diferentes formações discursivas, presentificadas nos discursos, tornam explícitos os embates ideológicos que determinam as relações de poder nas práticas enunciativas.

O sujeito discursivo manifesta, por meio da metáfora do “tapete floreado”, sua tomada de posição: mesmo contra a opinião corrente de que à mulher não cabe o papel de literata, há a realização do desejo do sujeito, o qual é representado pelo “sonho” que, metaforicamente, simboliza novas possibilidades de “ser”, um novo ser (forma-sujeito) que se singulariza num processo subjetivo incessante. Ao identificar-se a uma formação discursiva que produz e assegura o discurso sobre o fazer poético, o sujeito rompe com a formação discursiva dominante na sociedade patriarcal e revela sua posição de resistência, sua posição contraditória que instaura polêmicas e deslocamentos. O discurso sobre o fazer poético é, portanto, um discurso que caminha na via da singularidade, pois, rompe com a serialização da existência feminina para obter a singularização do sujeito.

## Fragmento 9

*Entre pedras  
cresceu a minha poesia.*

*Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude  
Dos meus versos. (Das pedras. CORALINA, 2001b, p. 11)*

A singularização do sujeito fica evidente no fragmento acima, pois, é a voz do próprio sujeito discursivo que descreve o acontecimento de sua própria criação literária, revelando como se deu o fazer poético, a constituição de sua poesia. Desse modo, o sujeito discursivo desvela seu modo de ser, ao mesmo tempo em que se torna único, singular em seu espaço, ao tecer seus versos. Pelas relações de poder, pelo embate ideológico, pelo conflito entre os discursos – o discurso da moral familiar e o discurso artístico-poético – o sujeito expressa sua singularidade, construída, pacientemente, pela militância poética, pelo fazer poético – representado na linguagem metafórica: *Entre pedras / cresceu a minha poesia. / Entre pedras que me esmagavam / levantei a pedra rude / dos meus versos.*

No excerto *Minha vida... / Quebrando pedras / e plantando flores*, a posição enunciativa do sujeito materializa sua inscrição no discurso artístico-poético, denotando seu modo de resistir, pois, a escritura representa uma transgressão aos valores morais impostos à condição feminina, por resquícios de modelo dominante na família patriarcal. O sujeito experimenta o conflito, construído historicamente, e mostra como a sua subjetividade vai agenciar as forças ideológicas instituídas socialmente: o sujeito rompe com um discurso conservador para se singularizar, preservando sua identidade como forma de fazê-lo prosperar.

Podemos perceber que duas diferentes formações discursivas compõem o dizer do sujeito enquanto efeito de unidade. Pela enunciação, por um lado, há um dizer fazendo referência ao discurso da moral familiar prescrita para as mulheres; por outro lado, há um dizer que faz referência ao discurso da escritura poética. No embate entre esses dizeres, o sujeito tem a possibilidade de resistir, de romper com o discurso conservador e colocar-se numa forma-sujeito singular.

A produção de sentidos, recorrente da enunciação, só é possível porque há diferentes posições que podem ser ocupadas por diferentes sujeitos discursivos, por meio

do assujeitamento ideológico desses sujeitos a diferentes formações discursivas. Os sentidos produzidos são efeitos das condições de produção dos discursos, das condições sócio-históricas, das condições político-ideológicas, bem como, da memória discursiva presente nos espaços sociais.

#### Fragmento 10

*Sendo eu mais doméstica do  
que intelectual,  
Não escrevo jamais de forma  
consciente e raciocinada, e sim  
impelida por um impulso incontrolável.  
Sendo assim, tenho a  
Consciência de ser autêntica.*

*Nasci para escrever, mas, o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros, contramarcaram a minha vida.*

*[...]  
Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.  
Sempre houve na família, senão uma  
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada  
a essa minha tendência inata.  
Talvez, por tudo isso e muito mais,  
sinta dentro de mim, no fundo dos meus  
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.  
Sobrevivi, me recompondo aos  
Bocados, à dura compreensão dos  
Rígidos preconceitos do passado. (Cora Coralina, quem é você? CORALINA,  
2001b, p. 83-84)*

*Sendo eu mais doméstica do / que intelectual* – nessa passagem, chamamos a atenção para o embate de vozes que está presente no dizer do sujeito, o que lhe confere explicitamente uma característica heterogênea. A dispersão do sujeito se dá, neste caso, entre dois pólos, isto é, entre duas posições contraditórias, se levarmos em conta que o sujeito se encontra imerso numa conjuntura sociocultural, determinada histórica e ideologicamente. O sujeito se inscreve numa posição discursiva que representa a ideologia da moral familiar destinada às mulheres (mais doméstica – menos intelectual), mas, se inscreve, também, numa outra posição discursiva que representa a ideologia da prática

literária (menos doméstica – mais intelectual). Com isso, o sujeito se constitui, no conflito de vozes, de modo heterogêneo, clivado, dividido no fio de seu próprio discurso.

Na seqüência seguinte - *Não escrevo jamais de forma / consciente e raciocinada, e sim / impelida por um impulso incontrolável* – o sujeito deixa entrever o não-controle de seu dizer e, também, parece justificar que o desejo da escrita (impelida por um impulso incontrolável) nasce, justamente, pela interdição sofrida, quando este sujeito toma posição e se inscreve do lado da moral familiar prescrita às mulheres. Daí que o desejo, materializado no ato de escrever, não é algo consciente e racional, mas, inconsciente e, portanto, incontrolável. Isso acentua, ainda mais, a característica dispersa, descentrada e fragmentada do sujeito discursivo.

Entretanto, mesmo se deslocando por duas posições ideológicas conflitantes, o sujeito parece se identificar com a inscrição discursiva da prática literária, assujeitando-se ao desejo e assumindo sua condição literária: *Sendo assim, tenho a / consciência de ser autêntica*. E, a despeito de condições adversas, reitera: *Nasci para escrever, mas, o meio, / o tempo, as criaturas e fatores / outros, contramarcaram minha vida*, revelando o alcance da sua resistência às circunstâncias históricas, sociais e culturais.

*Nunca recebi estímulos familiares para ser literata. / Sempre houve na família, senão uma / hostilidade, pelo menos uma reserva determinada / a essa minha tendência inata*, nessa passagem, a postura conservadora da família produz, no sujeito, uma incerteza com relação à sua condição de sujeito da escrita: *Talvez, por tudo isso e muito mais, sinto dentro de mim, no fundo dos meus / reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo*. O sujeito vivencia uma crise, uma angústia, mas, resiste e sobrevive a elas, numa atitude de contestação aos preconceitos sociais: *Sobrevivi, me recompondo aos / bocados, à dura compreensão dos / rígidos preconceitos do passado*.

Nos versos que compõem o fragmento acima, a enunciação nos leva à presença de um sujeito que se configura como efeito de unidade, uma representação de um “eu” que se constrói, no imaginário, como um ser autônomo, “como um interior diante da exterioridade do mundo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29). Entretanto, trata-se de uma evidência aparente ou um efeito de unidade, pois, o sujeito está envolvido por uma memória discursiva que estabelece as condições de produção dos discursos, por meio de relações histórico-ideológicas e, assim, o sujeito se constitui por meio das heterogeneidades

enunciativas, sendo sua unidade apenas um efeito, uma aparência. Portanto, o sujeito é dividido, possui um descentramento real, mas tudo isso é mascarado pela imagem unificada do eu.

### Fragmento 11

[...]

*Apenas a autenticidade da minha  
Poesia arrancada aos pedaços  
do fundo da minha sensibilidade,  
e este anseio:  
procuro superar todos os dias.  
Minha própria personalidade  
renovada,  
despedaçando dentro de mim  
tudo que é velho e morto.*

*Luta, a palavra vibrante  
que levanta os fracos  
e determina os fortes. (Cora Coralina, quem é você? CORALINA, 2001b, p. 84-85)*

Segundo Authier-Revuz (1990, p. 33), “para o sujeito dividido, o papel indispensável do Eu, é aquele duma instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a imagem de um sujeito autônomo, anulando, no desconhecimento, o descentramento real”.

O sujeito discursivo, ao enunciar: *Apenas a autenticidade da minha / poesia arrancada aos pedaços / do fundo da minha sensibilidade, / e este anseio: / procuro superar todos os dias*, “se crê fonte deste seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27) e se supõe “um “eu forte”, autônomo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), dono do seu dizer. A heterogeneidade constitutiva – própria ao discurso, às palavras do sujeito – revela a presença do outro, colocando em risco a identidade do “um”. No vínculo entre o discurso e as práticas do sujeito é possível apreender esse sujeito descentrado, que se dispersa, que desaparece na fala heterogênea, mas que, num movimento de retorno, marca sua identificação e emerge nas posições enunciativas em seu próprio discurso. A identificação do sujeito com as subjetividades produzidas nas instâncias discursivas cria uma representação imaginária desse sujeito enquanto uma individualidade, uma singularidade. É

“no imaginário do sujeito dividido que se reconstrói a imagem do sujeito autônomo” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), a construção de um “eu” que é imaginário, pois, “o sujeito, na ilusão, se crê fonte de seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

O sujeito discursivo instaura, então, sua construção identitária, seu “eu” imaginário, ao enunciar: *Minha própria personalidade / renovada*, e, além disso, se crê com o poder de controlar sua constituição identitária: *despedaçando dentro de mim / tudo que é velho e morto*. O sujeito enuncia seu desejo, seu objetivo identificando-se com uma posição e, nela, se reconhece como possuidor de uma identidade controlável e, conseqüentemente, dono do seu discurso: *Luta, a palavra vibrante / que levanta os fracos / e determina os fortes*. O sujeito elabora seu discurso e se faz forte a partir dele. Mas, ressaltamos que essa construção identitária do sujeito, seu “eu” imaginário é produzida no exterior, pois, é no exterior que somos ideologicamente constituídos, conforme assevera Bakhtin (2004, p. 117):

o pensamento não existe [...] fora da orientação social [...]. Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.

Portanto, esse “eu” é uma forma ideológica particular do pensamento do sujeito e, esse pensamento se objetiva a partir de sua inscrição social em determinado lugar. No fragmento em estudo, a voz da resistência (pensamento objetivado) se faz presente quando o sujeito enuncia seu dizer opondo-se às condições sócio-históricas determinadas pela ideologia da sociedade patriarcal – construída sob o crivo de idéias moralistas – principalmente no que se refere à formação da mulher.

Em continuidade, vamos apresentar outras construções identitárias que se configuram como forma de resistência à dominação masculina ou como forma de combate à exclusão social.

## Fragmento 12

*Tantas conheci, todas tão pobres!  
 No passado levavam a trouxa de roupa na gamela,  
 a gamela na cabeça, assentada na rodilha.  
 Madrugada ainda recolhida na casa de Deus Nossinhor  
 e a lavadeira desperta, alerta, trabalhadeira.  
 Sempre a lavar, a trabalhar, a passar, a engomar,  
 ora no rio, ora no poço.*

[...]

*As lavadeiras nunca se cansam.  
 Lavam de dia, passam de noite.  
 Sua tina d'água, seu ferro de brasa,  
 seus prendedores, seus anseios, necessidade.  
 Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final.  
 E uma me exemplou em preceito de fé.  
 “Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”  
 Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender.(Ofertas de Aninha Às  
 lavadeiras). (CORALINA, 2001b, p. 153-154)*

O sujeito discursivo se representa por uma voz de resistência, que denuncia a falta de reconhecimento das mulheres menos favorecidas, aqui, representadas pela figura das lavadeiras. Os enunciados produzidos pelo sujeito remontam à memória social e colocam em cena a figura das lavadeiras, reconstituindo o universo de suas práticas no espaço social.

O sujeito-enunciador, ao dar voz a essas mulheres marginalizadas, se inscreve numa formação ideológica de combate à exclusão social dos menos favorecidos e provoca deslocamentos capazes de promover mudanças e transformações no meio social.

No fragmento acima, o sujeito discursivo enuncia as circunstâncias adversas da vida das lavadeiras, submetidas a um trabalho árduo no dia-a-dia: *Madrugada ainda recolhida na casa de Deus Nossinhor / e a lavadeira desperta, alerta, trabalhadeira. / Sempre a lavar, a trabalhar, a passar, a engomar, / ora no rio, ora no poço*, e denuncia as dificuldades e a pobreza em que vivem essas mulheres: *Tantas conheci, todas tão pobres! / No passado levavam a trouxa de roupa na gamela, / a gamela na cabeça, assentada na rodilha. / As lavadeiras nunca se cansam. / Lavam de dia, passam de noite.*

Percebemos, na enunciação do sujeito, um sentido que remete à valorização e reconhecimento das lavadeiras, pois, mesmo fadadas a uma condição de abandono e de

desprezo, no espaço social, elas se constituem marcadas por uma identidade que revela persistência: *Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final*. Essa atitude é capaz de levá-las ao equilíbrio, vencendo, dessa forma, a face obscura de suas vidas. Ao apresentar essa condição subjetiva das lavadeiras, o sujeito discursivo confere a elas uma posição de dignidade, que parece advir da própria relação com o trabalho, pois, pelo enunciado: *Sua tina d'água, seu ferro de brasa, / seus prendedores, seus anseios, necessidade*, podemos inferir que os instrumentos utilizados na lida cotidiana se misturam aos sentimentos do sujeito transformando-se em aspectos constitutivos do seu ser. Desse modo, o sujeito discursivo passa a sacralizar o trabalho destacando, inclusive, que há uma íntima comunhão entre o trabalho realizado e os fatos que conduzem sua vida: *E uma me exemplou em preceito de fé. / “Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”*. Nessa enunciação, o sujeito se mostra no lugar que ocupa e esse lugar de enunciação revela uma contradição constitutiva do sujeito, ou seja, ao ter a possibilidade de realizar o trabalho, afirma que há a ajuda de Deus e, assim, não se vê numa condição de miséria, ao contrário, se sente beneficiado, privilegiado pelas benesses de Deus. Mas, o trabalho que realiza arduamente mostra o sujeito menos favorecido socioeconomicamente e, portanto, sem nenhum privilégio ou regalia. Essa contradição reafirma a condição de dignidade do sujeito discursivo, o que podemos perceber com o dizer do sujeito-enunciador: *Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender*. Ou seja, o sujeito discursivo, aceitando a ideologia religiosa, afirma sua posição privilegiada, embora sua condição social e econômica contradiga sua afirmação e, justamente, essa contradição provoca o não-entendimento do sujeito-enunciador, o qual, mesmo sem entender, reconhece e valoriza a superioridade do sujeito discursivo.

Na análise desse fragmento, percebemos que o sujeito se constitui a partir das relações que mantém com o trabalho realizado. Sua identificação se dá quando se relaciona com o trabalho de forma a “apagar” lhe a natureza árdua, concebendo-o, de maneira sábia, como privilégio, além de ser, também, um meio de sobrevivência. Esse posicionamento desvela a natureza contraditória de sua identidade, ao mesmo tempo em que lhe confere um sentimento de dignidade ante a essa contradição subjetiva.

## Fragmento 13

*Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acocorada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 [...]*

*Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira.  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
 Cozinha antiga  
 toda pretinha.  
 Bem cacheada de picumã.  
 Pedra pontuda.  
 Cumbuco de coco.  
 Pisando alho-sal.*

*Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,  
 desabusada, sem preconceitos,  
 de casca-grossa,  
 de chinelinha,  
 e filharada.*

*Vive dentro de mim  
 a mulher roceira.  
 - Enxerto da terra,  
 meio casmurra.  
 Trabalhadeira.  
 Madrugadeira.  
 Analfabeta.  
 De pé no chão.  
 Bem parideira.  
 Bem criadeira.  
 Seus doze filhos.  
 Seus vinte netos.*

*Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...  
 Tão desprezada,  
 Tão murmurada...  
 Fingindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera das obscuras. (Todas as vidas. CORALINA, 2003, p. 31-32-33)*

Neste fragmento, há um complexo conjunto de posições, as quais são representações da existência feminina, no meio social. O sujeito se inscreve nessas posições discursivas e, ao ocupar esses lugares sócio-históricos, se constitui por meio das heterogeneidades enunciativas, atravessado pela alteridade.

As representações femininas discursivizadas, no fragmento acima, revelam que as formações discursivas do sujeito-enunciador têm uma base social e histórica e evidenciam diferentes sujeitos, os quais se constituem por diferentes formas de subjetivação, com variadas identidades. Essas diversas identidades femininas trazem à tona a voz de mulheres menos célebres, mulheres excluídas da sociedade, com marcas da discriminação. Essas vozes esquecidas e silenciadas permitem entrever as construções identitárias, as quais estão relacionadas aos papéis sociais historicamente determinados para as mulheres. Esses papéis sociais representam os movimentos em que os sujeitos se constituem, por meio de luta e resistência contra a exclusão social.

O sujeito-enunciador reproduz formações discursivas inseridas no discurso de exaltação das mulheres menos favorecidas, estabelecendo dessa forma um sentido que assinala os valores éticos observados nas experiências dessas mulheres.

No excerto *Vive dentro de mim / uma cabocla velha / de mau-olhado, / Benze quebranto, / Bota feitiço...*, graças à memória discursiva, compreende-se que o sujeito faz referência às mulheres negras representadas, aqui, pela cabocla velha, a qual se constitui de modo contraditório, pois, ao mesmo tempo em que *benze quebranto*, também *bota feitiço*. Ou seja, o sujeito se constitui marcado pela alteridade e pela contradição: ora se assujeita a um comportamento movido pelo bem; ora se assujeita a outro comportamento movido pelo mal. Esse deslocamento, por posições discursivas antagônicas, denota um posicionamento subjetivo que evidencia uma postura combativa, de subversão por parte do sujeito discursivo.

Ao discursivizar a figura da cabocla velha, o sujeito faz uma denúncia à desigualdade social a que são submetidas as pessoas negras, especialmente, as mulheres que são apresentadas em sua dimensão de luta, de guerreira.

*Vive dentro de mim / a mulher cozinheira / pimenta e cebola / quitute bem feito.* Nesse enunciado, a expressão “pimenta e cebola” sugere que a constituição do sujeito “cozinheira” se dá por uma impregnação do cheiro de pimenta e cebola, ressaltando essa impregnação do cheiro como característica intrínseca ao sujeito. Além disso, o sujeito discursivo coloca em realce as qualidades da cozinheira, ao enunciar *quitute bem feito*, pois há uma idealização do trabalho realizado por ela. A cozinheira deixa sua marca no objeto que produz *quitute bem feito*. Ou seja, por um discurso simples o sujeito-enunciador exalta a mulher em sua relação com o trabalho.

Nos enunciados seguintes *Panela de barro. / Taipa de lenha. / Cozinha antiga / toda pretinha. / Bem recheada de picumã. / Pedra pontuda. / Cumbuco de coco. / Pisando alho-sal*, os objetos escolhidos remetem ao espaço físico, no qual o sujeito “cozinheira” está inserido. Esse ambiente se constitui de objetos rudimentares, os quais, por sua vez, além de representarem a presença do “outro” que constitui o sujeito discursivo, caracterizam, também, a condição social desse sujeito. Esses objetos funcionam como dispositivos de constituição do sujeito, pois, objetos e sujeito se misturam nos processos de subjetivação pela via do discurso.

É possível perceber, então, a presença do outro na formação discursiva do sujeito; o sujeito se constitui por meio da heterogeneidade enunciativa, sendo que sua constituição se dá na sua própria dispersão pelos objetos.

O discurso mobilizado pelo sujeito-enunciador, ao discursivizar sobre a mulher do povo: *Vive dentro de mim / a mulher do povo*, é atravessado por uma memória discursiva que faz referência às suas práticas sociais: *Bem proletária. / Bem linguaruda, / desabusada, sem preconceitos*, ou seja, a mulher do povo ocupa um lugar discursivo que revela uma posição ideológica que tenta subverter a ordem social rompendo com preconceitos de forma *desabusada* e transgressiva, pois, mostra um comportamento em desacordo com os códigos sociais: *bem linguaruda*.

O sujeito discursivo mostra a existência coletiva das mulheres do povo, as quais se constituem por meio de características socioculturais contrárias aos padrões sociais. No processo de construção identitária desse sujeito há uma posição subjetiva de resistência que marca sua identificação, sua conduta ética de contestação dos preconceitos.

Para Woodward (2003, p. 17), “a representação estabelece identidades individuais e coletivas ao produzir as posições-de-sujeito que cada um de nós pode e deve ocupar para sermos sujeitos em seu interior”. Nos enunciados acima, temos a construção identitária da mulher do povo – posição subjetiva – produzida pelo sistema de representação, que produz os significados por meio dos sistemas simbólicos. Ou seja, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2003, p. 17).

*Vive dentro de mim / a mulher roceira. / - Enxerto da terra, / meio casmurra. / Trabalhadeira. / Madrugadeira.* Na análise desse fragmento, o sujeito discursivo, ao enunciar o papel da mulher roceira, intensifica o sentido de constituição natural da mulher como origem da vida. Pela possibilidade de gerar vidas, tal como a terra, ambas se confundem, se misturam no trabalho árduo do dia-a-dia para a criação dos filhos: *Analfabeta. / De pé no chão. / Bem parideira. / Bem criadeira. / Seus doze filhos, / Seus vinte netos.* O sujeito discursivo inscreve-se em formações discursivas de valorização dos aspectos sociais do meio rural, identifica-se com a mulher roceira que é fecunda e fértil como a terra. Nesse caso, a posição-sujeito se constrói por meio de uma relação de aliança com os enunciados que evocam o ambiente sociocultural das áreas rurais. São os aspectos sociais rurais que possibilitam ao sujeito a enunciação de seu discurso, o qual se constitui nessa formação discursiva e não em outras.

Com a expressão *Vive dentro de mim / a mulher da vida*, temos um enunciado inusitado, pois, o sujeito discursivo marca sua identificação com as prostitutas, o que provoca um efeito contraditório, se levarmos em conta que essa enunciação não condiz com a formação discursiva aceita socialmente. A “mulher da vida” coloca em risco os bons costumes idealizados pela sociedade e, vive, portanto, sob a marginalização social e moral. Sua voz é silenciada e discriminada e, assim, vive *tão desprezada, / tão murmurada... / Fingindo alegre seu triste fado.* Contudo, o sujeito discursivo, ao verbalizar seu desejo de irmanar-se a ela: *Minha irmãzinha...*, revela uma denúncia do preconceito existente na sociedade, a qual reserva para a “mulher da vida” um lugar de exclusão e de desvalorização da sua existência. O sujeito discursivo rompe com o silêncio da mulher da vida, com a qual se identifica, para combater os discursos que evidenciam as práticas preconceituosas e as pessoas que evitam essas que são subvalorizadas, as mulheres da vida. Desse modo, o

sujeito apresenta um posicionamento discursivo que se objetiva a partir de uma formação ideológica engajada com uma luta político-social que tem o poder de questionar e transformar a ordem de discursos socialmente cristalizados. Trata-se de uma forma de resistência, a qual, segundo Foucault (1995), questiona o poder dominante e se impõe pela crítica, pela contestação.

Finalmente, o enunciado: *Todas as vidas dentro de mim: / na minha vida - / a vida mera das obscuras*, define a constituição subjetiva do sujeito: uma identidade caracterizada por diversas vozes sociais, as quais rompem com o silêncio das mulheres – benzedeira, lavadeira, cozinheira, roceira, mulher do povo, mulher da vida – cujos papéis sociais não têm o reconhecimento da sociedade capitalista. Ao dar voz a essas mulheres marginalizadas, excluídas e esquecidas, o sujeito discursivo inscreve-se ideologicamente em formações discursivas caracterizadas pelo combate à discriminação social e, sobretudo, pela valorização e reconhecimento do feminino. Todas essas “vozes-cantos rompem o silêncio do heroísmo calado. Do heroísmo que não veio à luz, na obscuridade do anonimato ou da discriminação social” (PESQUERO RAMÓN, 2003, p. 114).

No decorrer dos enunciados, analisando os processos de subjetivação do sujeito discursivo é possível perceber que sua constituição se dá por meio das relações com o outro, no campo das heterogeneidades enunciativas. Ou seja, o sujeito se constitui pela manifestação de seu desejo por meio da linguagem. O sujeito enuncia a partir de uma posição ocupada por ele e, desse lugar, se vê como autor e dono de toda enunciação. Contudo, seu dizer é perpassado por heterogeneidades enunciativas e estas, nem sempre, se estabelecem por relações de aliança, pois, muitas vezes, essas relações se configuram por meio de contradições, de instabilidades. Com isso, os sujeitos se esquecem de que são constituídos por diferentes e, às vezes, divergentes formações ideológicas. Pêcheux (1997b) postula os esquecimentos 1 e 2 e afirma que esses esquecimentos são constitutivos do sujeito e, assim, o sujeito tem a ilusão de completude, tem a ilusão de ser dono e origem do discurso que enuncia. Entretanto, pela linguagem, pelos discursos que enuncia o que percebemos é uma constituição contraditória do sujeito.

Concordamos com Fernandes (2003, p. 41), quando afirma:

acerca da contradição como categoria nos discursos, reitera-se: o sujeito não é homogêneo e tem sua identidade em constante processo de produção e

transformação, marcada por intensa heterogeneidade e conflitos sociais, espaços em que o desejo, por meio do inconsciente, tem vazão. A identidade constitui-se pela inscrição ideológica dos sujeitos, na exterioridade social constituída pela relação do um com o outro.

Desse modo, tanto os sujeitos quanto os sentidos são atravessados pela heterogeneidade do discurso, o qual, por ser histórico, se configura por um conjunto de diferentes e divergentes vozes sociais.

## Considerações finais

Para falarmos sobre prática de subjetivação e construção identitária, temos que olhar para o campo da linguagem, pois, o sujeito se constitui, se identifica na relação com a exterioridade, pela via do discurso. A linguagem é, então, o lugar onde o sujeito marca sua inscrição na história, marca sua identidade no social. O espaço de construção do sujeito é a língua e, nesse campo simbólico, ele pode, também, marcar sua resistência pela subjetividade, conforme nos assevera Pacheco (1996, p. 68):

se a subjetividade começa a se constituir como resistência, se as figuras do outro se produzem como necessárias à identidade de um mesmo, o que se está enunciando é um momento em que, para o pensamento ocidental, é preciso refazer a categoria de sujeito.

Reverendo a categoria de sujeito, nos deparamos com um sujeito dividido, heterogêneo que se constitui no campo do outro: da língua, da história, da memória, do inconsciente; um sujeito que se constrói numa relação de tensão com o outro e, nesse movimento de devir, pelas experiências sócio-históricas, o sujeito encontra possibilidades de subjetivação.

Na poética de Cora Coralina, percebemos que a subjetividade se constitui por diferentes vozes sociais, geralmente, em posições de resistência e as heterogeneidades enunciativas são imprescindíveis à identidade de um mesmo: o sujeito discursivo.

A análise dos poemas coralinianos, nos parâmetros da Análise do Discurso francesa, revela-nos diferentes posições-sujeito constitutivas do sujeito discursivo. Cada uma das posições-sujeito traz consigo as marcas representativas do meio social ao qual se inscreve o sujeito discursivo. A circunscrição do sujeito caminha na direção de formações discursivas cujos efeitos de sentido evidenciam uma postura de resistência frente a discursos socialmente instituídos, muitas vezes, repletos de idéias preconceituosas e discriminatórias. Há, portanto, uma forma-sujeito que se objetiva conforme as formações ideológicas presentes no imaginário sócio-histórico dos discursos que enuncia.

Assim, o sujeito discursivo, pelas práticas de subjetivação, constrói suas identidades inscrevendo-se em formações ideológicas que combatem a discriminação social, ao mesmo tempo, em que revelam uma consciência social do sujeito.

Percebemos a constituição do sujeito pela temática da sexualidade. Pelo dispositivo da sexualidade, o qual envolve práticas discursivas e não discursivas referentes ao sexo (FOUCAULT, 1990), temos, constituído, um sujeito de sexualidade. Sendo as práticas sexuais regidas pela moral religiosa, temos a configuração do sujeito de sexualidade marcado por uma identificação contrária ao discurso religioso.

As reflexões acerca da constituição dos sujeitos revelam-nos, também, as construções identitárias pela temática do feminino. Por esse caminho, encontramos as construções identitárias das mulheres desfavorecidas que são discriminadas e excluídas pela sociedade capitalista. Essa posição discursiva em defesa da existência feminina, não se configura, entretanto, como uma luta feminista. Trata-se de um compromisso social com aquelas que são as “obscuras” no espaço social.

A análise realizada mostra-nos a singularidade dos sujeitos discursivos coralinianos, os quais se constituem por meio do discurso do Outro, por meio da alteridade característica intrínseca dos sujeitos e de seus discursos.

## Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidades enunciativas**. In: ORLANDI, E.; GERALDI, J. W. (Orgs.). **Cadernos de estudos lingüísticos**. Nº 19, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 25-42.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas** – as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. 200 p.

\_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. 257 p.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 2003. 128 p.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. 196 p.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 105 p.

BERTOLDO, E. S. Os sujeitos educacionais dos cursos de licenciatura em língua estrangeira. In: FERNANDES, C. A. [et al.]. **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 191-221.

BRAIT, B. (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil** – Histórias e Perspectivas. Campinas: Pontes Editores, 2001. 199 p.

CAMARGO, G. O. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: DENÓRIO, D. F.; CAMARGO, G. O. (Orgs.). **Cora Coralina** – celebração da volta. Goiânia: Cânone Editorial, 2006. p. 59-83.

CORALINA, C. **Vintém de cobre** – meias confissões de Aninha. 8ª ed. São Paulo: Global, 2001a. 236 p.

\_\_\_\_\_. **Meu livro de cordel**. 9ª ed. São Paulo: Global, 2001b. 110 p.

\_\_\_\_\_. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2003. 236 p.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político** – o discurso comunista endereçado aos cristãos. Langages n. 62 Paris: Larousse, 1981. p. 1-19. Título original: Analyse du discours politique: lê discours communiste adresse aux chrétiens.

DELEUZE, G. Um retrato de Foucault. In \_\_\_\_\_. **Conversações**. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 127-147.

DENÓFRIO, D. F. **Cora Coralina** – Melhores poemas. São Paulo: Global Editora, 2004. 358 p.

\_\_\_\_\_. & CAMARGO, G. O. (Org.). **Cora Coralina** – celebração da volta. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. 231 p.

FERNANDES, C. A. A constituição da Análise do Discurso na Lingüística. In: FIGUEIREDO, C. A. [at al]. **Lingua(gem):** reflexões e perspectivas. Uberlândia: Edufu, 2003. p. 33-46.

\_\_\_\_\_. A. Lingüística e História: formação e funcionamentos discursivos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Orgs.). **Análise do Discurso** – Unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 43-70.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso** – reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 118 p.

FINK, B. **O sujeito laciano** – entre a linguagem e o gozo. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 253 p.

FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo, Educ, 2003. 153 p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1** – a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990. 152 p.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P., DREYFUS, H. **Uma trajetória filosófica** - Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 229-249.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3** – o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002. 246 p.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2** – o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. 232 p.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 a. 236 p.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004 b. 79 p.

GRANJEIRO, C. R. P. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 33-45.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso** – diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. 210 p.

GUILHAUMOU, J. Aonde vai a Análise de Discurso? Em torno da noção de Formação Discursiva. In: **Línguas e instrumentos lingüísticos**. nº 16, Campinas: Pontes Editores, 2006 p. 7-42.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora** – Identidades e mediações culturais. SOVIK, L. (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende [*et al*]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. 434 p.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita** – língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora de UNICAMP, 1992. 241 p.

\_\_\_\_\_. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso** – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani [*et al*]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 319 p.

INDURSKY, F. & CAMPOS, M.C. (Org.). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000. 612 p.

LEANDRO FERREIRA, M. C. O quadro atual da análise de discurso no Brasil – Um breve preâmbulo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso** – uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Linguagem, ideologia e Psicanálise. In: **Estudos da Língua(gem)**. Nº 1, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005. p. 69-75.

LOBO, L. Uma seresteira do verso e da prosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2002. Caderno Idéias, p. 3. Disponível em: <[http://jbonline.terra.com.br/destaques/coracoralina/cora\\_2.html](http://jbonline.terra.com.br/destaques/coracoralina/cora_2.html)>. Acesso em: 10 out. 2004.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes Editores: Editora da UNICAMP, 1997. 198 p.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003. 110 p.

MIGUEL, H. M. A enumeração categorial em Cora Coralina. In: DENÓFRIO, D. F.; CAMARGO, G. O. (Orgs.). **Cora Coralina**: celebração da volta. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. p. 85-102.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V. ; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem** – Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento** – As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996. 276 p.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto** – Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001. 217 p.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002. 100 p.

PACHECO, O. M. C. A. **Sujeito e singularidade**: ensaio sobre a construção da diferença. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 107 p.

PAIVA, A. C. S. **Sujeito e laço social**: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. 280 p.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso** – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani [*et al*]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 163-252.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [*et al*]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. 317 p.

\_\_\_\_\_. **O Discurso** – estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002. 68 p.

PESQUERO RAMÓN, S. **Cora Coralina**: o mito de Aninha. Goiânia: Editora da UFG; Editora da UCG, 2003. 265 p.

PINHEIRO, C. V. Q. **Sujeito do desejo**: uma invenção cultural – Foucault e a história das práticas de subjetividade. In: Psychê – Revista de Psicanálise. Ano VII Nº 11. São Paulo, 2003. p. 143-156.

PINHEIRO, S. R. A palavra ecoa pelos becos da vida: Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão. In: BRANDÃO, I.; MUZART, Z. L. (Org.). **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

\_\_\_\_\_. O mundo cromático e polifônico na obra de Cora Coralina. In: DENÓFRIO, D. F. & CAMARGO, G. O. (Org.). **Cora Coralina** – celebração da volta. Goiânia: Cânone Editorial, 2006. p. 137-151.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Em torno de *Observações para uma Teoria Geral das Ideologias*, de Thomas Herbert. In: **Estudos da Língua(gem)**. Nº 1, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005. p. 15-21.

ROUANET, S. P. e MERQUIOR, J. G. Entrevista com Michel Foucault. In: ROUANET, S. P. **O homem e o discurso – A Arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 17-42.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003. 279 p.

SILVA, M da C. F. **Foucault e a arqueogenealogia do sujeito**. In: FERNANDES, C. A. [et al.]. **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 27-69.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença – perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 73-102.

SILVA, V. M. T. Texto da “orelha”. In: DENÓFRIO, D. F. & CAMARGO, G. O. (Org.). **Cora Coralina – celebração da volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

TAHAN, A. M. Aventureira e libertária. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2002 a. Caderno Idéias, p. 2. Disponível em: <[http://jbonline.terra.com.br/destaques/coracoralina/cora\\_1.html](http://jbonline.terra.com.br/destaques/coracoralina/cora_1.html)>. Acesso em: 10. out. 2004.

TAHAN, V. B. **Cora coragem, Cora poesia**. São Paulo: Global Editora, 2002 b. 239p.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 210p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 7 -72.

ZANDWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDUSRSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. Claraluz, 2005. p. 143-156

## Estudos sobre Cora Coralina

BRITTO, C. C. **“Sou Paranaíba pra cá”** – Literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

DELGADO, A. F. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. 2003. 498 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2003.

GOMES, M. C. **No rastro de Cora**: da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, S. A. **Aspectos do universo poético de Cora Coralina**. 2001. 76 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

LIMA, O. S. **Cora Coralina & vozes emersas**. 2004. 90 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2004.

MIGUEL, H. M. **A poesia de Cora Coralina**: um modo diferente de contar velhas histórias. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

MORAIS, M. R. S. R. **Aninha e outras vozes**: a heterogeneidade discursiva em *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, de Cora Coralina. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

OLIVEIRA, M. B. **Cora Coralina**: cartografias da memória. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2006.

PALOMARES, E. R. **A narrativa de Cora Coralina em similitude com o conto popular**. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP, São Paulo, 2000.

PEREIRA, P. C. **O universo simbólico coralineano**: as hierofanias da natureza. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

VELLASCO, M. G. **A poética da reminiscência**: estudos sobre Cora Coralina. 1990. 135 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1990.

## ANEXOS

### Poema do Milho

Milho...  
 Punhado plantado nos quintais.  
 Talhões fechados pelas roças.  
 Entremeado nas lavoura.  
 Baliza marcante nas divisas.  
 Milho verde. Milho seco.  
 Bem granado, cor de ouro.  
 Alvo. Às vezes vareia,  
 - espiga roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão enrama.  
 Milho quebrado, debulhado  
 na festa das colheitas anuais.  
 Bandeira de milho levada para os montes,  
 Largada pelas roças.  
 Bandeiras esquecidas na fortuna.  
 Respiga descuidada  
 dos pássaros e dos bichos.

Milho empaiolado...  
 Abastança tranqüila  
 do rato,  
 do caruncho,  
 do cupim.  
 Palha de milho para o colchão.  
 Jogada pelos pastos.  
 Mascado pelo gado.  
 Trançada em fundos de cadeiras.

Queimadas nas coivaras.  
 Leve mortalha de cigarros.  
 Balaio de milho trocado com o vizinho  
 no tempo da planta.  
 “\_ Não se planta, nos sítios, semente da mesma terra.”

Ventos rondando, redemoinhando.  
 Ventos de outubro.

Tempo mudado. Revôo de saúva.  
 Trovão surdo, tropeiro.  
 Na vazante do brejo, no lameiro,  
 o sapo-fole, o sapo-ferreiro, o sapo-cachorro.  
 Acauã de madrugada  
 marcando o tempo, chamando chuva.  
 Roça nova, encoivarada,  
 começo de brotação.  
 Roça velha destocada.  
 Palhada batida, riscada de arado.  
 Barrufô de chuva.  
 Cheiro de terra. Cheiro de mato.  
 Terra molhada. Terra saróia.  
 Noite chuvada, relampeada.  
 Dia sombrio. Tempo mudado, dando sinais.

Observatório: lua virada. Lua pendida...  
 Circo amarelo, distanciado,  
 marcando chuva.  
 Calendário, Astronomia do lavrador.

Planta de milho na lua-nova.  
 Sistema velho colonial.  
 Planta de enxada.  
 \_ Seis grãos na cova,  
 quatro na regra, dois de quebra.  
 Terra arrastada com o pé,  
 Pisada, inalcada, mode os bichos.

Lanceado certo-cabo-da-enxada.  
 Vai, vem...sobe, desce...  
 Terra molhada, terra saróia...  
 \_ Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra.  
 Sobe. Desce...  
 Camisa de riscado, calça de mescla.  
 Vai, vem...  
 Golpeando a terra, o plantador.

Na sombra da moita,  
 na volta do toco – o ancorote d'água.

Cavador de milho, que está fazendo?  
 Há que milênios vem você plantando.  
 Capanga de grãos dourados a tiracolo.  
 Crente da Terra. Sacerdote da terra.  
 Pai da terra.

Filho da terra.  
 Ascendente da terra.  
 Descendente da terra.  
 Ele, mesmo, terra.

Planta com fé religiosa.  
 Planta sozinho, silencioso.  
 Cava e planta.  
 Gestos pretéritos, imemoriais.  
 Oferta remota, patriarcal.  
 Liturgia milenária.  
 Ritual de paz.

Em qualquer parte da Terra.  
 um homem estará sempre plantando,  
 recriando a Vida.  
 Recomeçando o Mundo.

Milho plantado; dormindo no chão, aconchegados  
 seis grãos na cova.  
 Quatro na regra, dois de quebra.  
 Vida inerte que a terra via multiplicar.

Evém perseguição:  
 o bichinho anônimo que espia, pressente.  
 A formiga-cortadeira – quenquém.  
 A ratinha do chão, exploradeira.  
 A rosca vigilante na rodilha.  
 O passo-preto vagabundo, galhofeiro,  
 Vaiando, sirrindo...  
 aos gritos arrancando, mal aponta.  
 O cupim clandestino  
 roendo, minando,  
 só de ruindade.

E o milho realiza o milagre genético de nascer.  
 Germina. Vence os inimigos.  
 Aponta aos milhares.  
 \_Seis grãos na cova.  
 \_Quatro na regra, dois de quebra.  
 Um canudinho enrolado.  
 Amarelo-pálido,  
 Frágil, dourado, se levanta.  
 Cria sustância.  
 Passa a verde.  
 Liberta-se. Enraíza.  
 Abre folhas espaldeiradas.

Encorpa. Encana. Disciplina,  
com os poderes de Deus.

Jesus e São João  
desceram de noite na roça,  
botaram a bênção no milho.  
E veio com eles  
uma chuva maneira, criadeira, fininha,  
uma chuva velhinha,  
de cabelos brancos,  
abençoando  
a infância do milho.

O mato vem vindo junto.  
Sementeira.

As pragas todas, conluiadas.  
Carrapicho. Amargoso. Picão.  
Marianinha. Caruru-de-espinho.  
Pé-de-galinha. Colchão.  
Alcança, não alcança.  
Competição.  
Pac... Pac... Pac...  
a enxada canta.  
Bota o mato abaixo.  
Arrasta uma terrinha para o pé da planta.  
“\_ Carpa bem feita vale por duas...”  
quando pode. Quando não...sarobeia.  
Chega terra. O milho avoa.

Cresce na vista dos olhos.  
Aumenta de dia. Pula de noite.  
Verde. Entonado, disciplinado, sadio.

Agora...  
A lagarta da folha,  
lagarta rendeira...  
Quem é que vê?  
Faz renda da folha no quieto da noite.  
Dorme de dia no olho da planta.  
Gorda. Barriguda. Cheia.  
Expurgo... Nada... força da lua...  
Chovendo acaba – a Deus querê.

“\_ O mio ta bonito...”  
“\_ Vai sê bão o tempo pras lavouras todas...”  
“\_ O mio tá marcando...”

Condicionando o futuro:

“\_ O roçado de seu Féli ta qui fais gosto...  
Um refrigerio!”

“\_ O mio lá tá verde que chega a s’tar azur...”  
\_ Conversam vizinhos e compadres.

Milho crescendo, garfando,  
esporando nas defesas.  
Milho embandeirado.  
Embalado pelo vento.

“Do chão ao pendão, 60 dias vão.”

Passou aguaceiro, pé-de-vento.

“\_ O milho acamou...” “\_ Perdido?” ... “\_ Nada...  
Ele arriba com os poderes de Deus...”  
E arribou mesmo, garboso, empertigado, vertical.

No cenário vegetal

um engraçado boneco de frangalhos  
sobreleva, vigilante.  
Alegria verde dos periquitos gritadores...  
Bandos em seqüência... Evolução...  
Pouso... Retrocesso.

Manobras em conjunto.

Desfeita formação.  
Roedores grazinando, se fartando,  
foliando, vaiando  
os ingênuos espantalhos.

“Jesus e São João

andaram de noite passeando na lavoura  
e botaram a bênção no milho.”  
Fala assim gente de roça e fala certo.  
Pois não está lá na taipa do rancho  
o quadro deles, passeando dentro dos trigais?  
Analogias... Coerências.

Milho embandeirado

Bonecando em gestação.  
\_ Senhor!... Como a roça cheira bem!  
Flor de milho, travessa e festiva.  
Flor feminina, esvoaçante, faceira.  
Flor masculina – lúbrica, desgraciosa.

Bonecas de milho túrgidas,  
negaceando, se mostrando vaidosas.

Túnicas, sobretúnicas...  
 Saias, sobre-saias...  
 Anáguas... camisas verdes.  
 Cabelos verdes...  
 Cabeleiras soltas, lavadas, despenteadas...  
 \_ O milharal é desfile de beleza vegetal.

Cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas.  
 Cabelos prateados, verde-gaio.  
 Cabelos roxos, lisos, encrespados.  
 Destrançados.  
 Cabelos compridos, curtos,  
 queimados, despenteados...  
 Xampu de chuvas...  
 Fragrâncias novas no milharal.  
 \_ Senhor, como a roça cheira bem!...

As bandeiras altaneiras  
 Vão-se abrindo em formação.  
 Pendões ao vento.  
 Extravasão da libido vegetal.  
 Procissão fálica, pagã.  
 Um sentido genésico domina o milharal.

Flor masculina erótica, libidinosa,  
 Polinizando, fecundando  
 a florada adolescente das bonecas.

Bonecas de milho, vestida de palha...  
 Sete cenários defendem o grão.  
 Gordas, esguias, delgadas, alongadas.  
 Cheias, fecundas.  
 Cabelos soltos excitantes.  
 Vestidas de palha.  
 Sete cenários defendem o grão.  
 Bonecas verdes, vestidas de noiva.  
 Afrodisíacas, nupciais...

De permeio algumas virgens loucas...  
 Descuidadas. Desprovidas.  
 Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.

Cabelos verdes. Cabelos brancos.  
 Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...  
 E o pólen dos pendões fertilizando...  
 Uma fragrância quente, sexual  
 invade num espasmo o milharal.

A boneca fecunda vira espiga.  
 Amortece a grande exaltação.  
 Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.  
 A espiga cheia salta da haste.  
 O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,  
 no sagrado rito da fecundação.

Tons maduros de amarelo.  
 Tudo se volta para a terra-mãe.

O tronco seco é um suporte, agora,  
 onde o feijão verde trança, enrama, enflora.

Montes de milho novo, esquecidos,  
 marcando claros no verde que domina a roça.  
 Bandeiras perdidas na fartura das colheitas.  
 Bandeiras largadas, restolhadas.  
 E os bandos de passo-pretos galhofeiros  
 Gritam e cantam na respiga das palhadas.

“Não andeis a respigar” \_ diz o preceito bíblico.  
 O grão que cai é o direito da terra.  
 A espiga perdida – pertence às aves  
 que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.  
 Basta para ti, lavrador,  
 o monte alto e a tulha cheia.  
 Deixa a respiga para os que não plantam nem colhem.  
 \_ O pobrezinho que passa.  
 \_ Os bichos da terra e os pássaros do céu.

### **O cântico de Dorva**

Dorva é moça de sítio.  
 A mãe de Dorva morreu.  
 Chovia... chovia...  
 a noite inteira choveu  
 enquanto gente da roça  
 rezava alto, rezas da roça.  
 Dorva chorava – velava.  
 A morta entre as velas amarelas  
 esperava entre flores:

a mortalha, o caminhão, o caixão  
 que vinha da cidade.  
 O caixão pra morta  
 O sufrágio pra Dorva.

O caminhão chegou de manhã cedo  
 e voltou levando no caixão a mãe de Dorva.  
 Levando gente, acompanhamentos,  
 parando nos botecos das estradas -  
 matando o bicho  
 depois da noitada.  
 Sufrágio – luto,  
 Coroa – caixão  
 Englobados.

O luto de Dorva é pra sair  
 na missa de sétimo ou trigésimo dia.  
 Já passou a missa.  
 Dorva tomou o lugar da morta  
 na casa, na tina, no fogão.

Dorva se chama Dorvalina.  
 Cabeça amarrada com lenço de chita.  
 Vestido grosseiro, apertado, descosturado.  
 Braço grosso, mãos vermelhas.  
 Perna grossa cabeluda.  
 Dorva de pé no chão:  
 pé curto – descalço, esparramado  
 fincado no chão.  
 Dorva toda – estua sexo: vida nova.

Dorva é moça da roça.  
 Dorva lava roupa na tina:  
 roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado.  
 Geme o sarrilho do poço.  
 Tibum... a lata vem cheia d'água.  
 Vai ensaboando,  
 vai cantando:  
 laranja da China  
 limão bravo, cana doce  
 se encontra aqui  
 se encontra acolá.  
 Pra dá, pra vendê  
 pra quem quisé  
 pra quem passá.  
 Se dá fogo, se dá água  
 Não pode negá.

A cantiga de Dorva:  
 alta, gritada  
 Bramido de fêmea –  
 apelo enfeitado.  
 É meio-dia; a sombra está marcando.  
 O sol num desafio de luz  
 fustiga a poeira da estrada.  
 Silêncio no sítio.  
 Um galo canta longe.  
 Distante, um corno de ponteiro.  
 Boiadeiro vem vindo devagar...  
 Os homens lá no eito  
 relanceiam enxadas.  
 O milharal chama Dorva.  
 O cheiro da terra chama.  
 O arrozal tem seus ninhos.  
 chamando Dorva.  
 Um assovio fino, espraído  
 fere Dorva.  
 Larga a roupa, deixa a tina.  
 Torce o vestido mesmo no corpo,  
 molhado na barriga.  
 Olha pra os lados.  
 Gritam as angolas. Grita um bem-te-vi.  
 Dorva afunda no milharal.

O ninho de Dorva.  
 A cama de Dorva  
 de palha e folha  
 na terra.  
 Deixa-se cair  
 sentada, deitada.  
 Sobre seu ventre liso, redondo  
 Desnudo,  
 salta o macho.  
 Um ofego de posse  
 Tácito.  
 Sexo contra sexo.  
 Aquele cântico de Dorva,  
 aquele chamado – piado de fêmea:  
 obscuro  
 aflitivo  
 genésico  
 instintivo  
 veio vindo... veio vindo...  
 Rugindo  
 chorando

gritando  
apelando  
do fundo dos tempos  
do fundo das idades.

### **Das Pedras**

Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
e no alto subi.  
Teci um tapete floreado  
e no sonho me perdi.

Uma estrada,  
um leito,  
uma casa,  
um companheiro.  
Tudo de pedra.

Entre pedras  
cresceu a minha poesia.  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude  
dos meus versos.

### **Cora Coralina, Quem é você?**

Sou mulher como outra qualquer.  
Venho do século passado  
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra  
entre serras e morros.  
“Longe de todos os lugares”.  
Numa cidade de onde levaram  
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram  
a minha infância e adolescência.  
Aos meus anseios respondiam  
as escarpas agrestes.  
E eu fechada dentro  
da imensa serrania  
que se azulava na distância  
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria  
o vôo nas asas impossíveis  
do sonho.

Venho do século passado.  
Pertencço a uma geração  
Ponte, entre a libertação  
dos escravos e o trabalhador livre.  
Entre a monarquia  
caída e a república  
que se instalava.

Todo o ranço do passado era  
Presente.  
A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.  
Nas casas. Nas escolas.  
Nos quartéis e nas roças.  
A criança não tinha vez,  
os adultos eram sádicos  
aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já  
havia ensinado uma geração  
antes da minha.  
Os métodos de ensino eram  
antiquados e aprendi as letras  
em livros superados de que  
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me

entraram no entendimento.  
De certo pela pobreza que marcaria  
para sempre minha vida.  
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do  
que intelectual,  
Não escrevo jamais de forma  
consciente e raciocinada, e sim  
impelida por um impulso incontrolável.  
Sendo assim, tenho a  
consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas, o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros, contramarcaram a minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira  
do que escritora, sendo a culinária  
a mais nobre de todas as Artes:  
objetiva, concreta, jamais abstrata  
a que está ligada à vida e  
à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.  
Sempre houve na família, senão uma  
Hostilidade, pelo menos uma reserva determinada  
a essa minha tendência inata.  
Talvez, por tudo isso e muito mais,  
sinta dentro de mim, no fundo dos meus  
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos  
bocados, à dura compreensão dos  
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.  
Preconceitos de cor e de família.  
Preconceitos econômicos.  
Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou  
as deficiências da escola primária  
que outras o Destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro

sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.  
Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.  
Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha  
Poesia arrancada aos pedaços  
do fundo da minha sensibilidade,  
e este anseio:  
procuro superar todos os dias,  
Minha própria personalidade  
renovada,  
despedaçando dentro de mim  
tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante  
que levanta os fracos  
e determina os fortes.

Quem sentirá a Vida  
destas páginas...  
Gerações que hão de vir  
de gerações que vão nascer.

### **Ofertas de Aninha (Às lavadeiras)**

Tantas conheci, todas tão pobres!  
No passado levavam a trouxa de roupa na gamela,  
a gamela na cabeça, assentada na rodilha.  
Madrugada ainda recolhida na casa de Deus Nossinhor  
e a lavadeira desperta, alerta, trabalhadeira.  
Sempre a lavar, a trabalhar, a passar, a engomar,  
ora no rio, ora no poço.

O poço...  
Presente, constante, cantante, gemente.  
Subindo e descendo o balde.  
Água generosa e pura.

Leve de copo, misteriosa na transformação perene  
 da roupa suja em roupa limpa...  
 O veio profundo, abismal, buscado  
 no ventre fecundo da terra...  
 Sobe azulada, parcelada, no velho balde.  
 Sobe e desce, desce vazio, ligeirinho,  
 sobe pesado, compassado.  
 A corda, cansada, um dia estoura...  
 Meu Deus! Lá se foi o balde a descansar  
 de trabalhar no fundo escuros do poço.  
 Não mais o balde, a corda, o pedaço inútil na mão desolada.  
 Outra corda mais velha, reservada, um gancho.  
 O gancho enganchado, a passear, errante, cego,  
 no fundo profundo do poço.  
 Sobe, às vezes, trazendo outros baldes cansados,  
 latas furadas, insuspeitadas.  
 Afinal, que em festas, a sábia procura do não visto  
 engancha o gancho.  
 E volta o balde em triunfo, trazendo seu pedaço de  
 corda do fundo do poço.  
 Nó dado de quem sabe dar nó-cego.  
 A emenda da corda se faz.  
 De novo o balde, subindo, descendo, cantante, rangente,  
 trazendo sua água azulada, sempre aumentada lá no fundo escuro,  
 na escava redonda do ventre da terra.

As lavadeiras nunca se cansam.  
 Lavam de dia, passam de noite.  
 Sua tina d'água, seu ferro de brasa,  
 seus prendedores, seus anseios, necessidade.  
 Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final.  
 E uma me exemplou em preceito de fé.  
 “Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”  
 Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender.

### **Todas as vidas**

Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acocorada ao pé do borrarinho,

olhando pra o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
a lavadeira do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
Pedra de anil.  
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro.  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
a mulher do povo.  
Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
desabusada, sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.

Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
- Enxerto da terra,  
meio casmurra.  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.

Bem criadeira.  
Seus doze filhos.  
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
Tão desprezada,  
Tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera das obscuras.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)